



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Valéria de Souza Ribeiro

O processo de produção e de enfrentamento do TDAH na escola

UBERLÂNDIA

2020



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



Valéria de Souza Ribeiro

O processo de produção e de enfrentamento do TDAH na escola

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvia Maria
Cintra da Silva

UBERLÂNDIA

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R484 2020	<p>Ribeiro, Valéria de Souza, 1981- O processo de produção e de enfrentamento do TDAH na escola [recurso eletrônico] / Valéria de Souza Ribeiro. - 2020.</p> <p>Orientadora: Sílvia Maria Cintra da Silva. Coorientador: João Fernando Rech Wachelke. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.579 Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia. I. Silva, Sílvia Maria Cintra da, 1967-, (Orient.). II. Wachelke, João Fernando Rech, 1982-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 159.9</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 353, PGPSI				
Data:	Vinte e seis de agosto de dois mil e vinte	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	12:20
Matrícula do Discente:	11812PSI034				
Nome do Discente:	Valéria de Souza Ribeiro				
Título do Trabalho:	O processo de produção e de enfrentamento do TDAH na escola				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Psicologia Escolar e Medicalização				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Anabela Almeida Costa e Santos Peretta - PGPSI/UFU; Déborah Rosária Barbosa - UFMG; João Fernando Rech Wachelke, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que a Prof.^a Dr.^a Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, o Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke e a discente Valéria de Souza Ribeiro participaram desde a cidade de Uberlândia - MG e a Prof.^a Dr.^a Déborah Rosária Barbosa participou desde a cidade de Belo Horizonte - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. João Fernando Rech Wachelke, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Fernando Rech Wachelke, Membro de Comissão**, em 26/08/2020, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, Professor(a) do Magistério Superior**, em 26/08/2020, às 12:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Rosária Barbosa, Usuário Externo**, em 26/08/2020, às 12:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2175499** e o código CRC **B5D29461**.

Referência: Processo nº 23117.044358/2020-94

SEI nº 2175499

À Maria Clara, minha Xurupita,
e a todas as crianças que carregam em si,
a semente de um mundo melhor.

Essa caminhada é nossa

O caminho percorrido durante todo o mestrado foi sempre meu, mas nunca estive sozinha. Ao contrário do que ouvi de uma colega da mesma linha de pesquisa, nunca me senti sozinha, nunca me faltaram interlocutores, nem durante as disciplinas, nem durante o processo de escrita. As mãos, os braços, os olhares e ouvidos generosos da Silvia, orientadora, sempre estiveram presentes. A escuta meiga e doce da Mariana deu parte do tom romântico às análises. A presença discreta, porém intensa do Bruno, trouxe o olhar para as contradições. As pontuais e assertivas considerações das professoras Zaira e Nilza convocaram a pesquisadora diante de uma pergunta. O insistente incentivo da minha mãe para que, mesmo depois de tantos voos, resgatasse o desejo pelo mestrado, trazem aqui o aroma da persistência. Os constantes pedidos de ajuda da Maria com os deveres da escola ou a disponibilidade da mãe numa brincadeira qualquer, gotejam aqui da mãe que se reinventa todos os dias. A compreensiva, amorosa e orgulhosa presença do Léo sempre perguntando “o que posso fazer para te ajudar?”, me fizeram encontrar alternativas e leveza na condução deste trabalho. A preciosa interlocução com a Deborah lapidou os primeiros passos da constituição de um papel de pesquisadora. A gentil e pontual contribuição da Anabela quando da leitura atenta para a qualificação ampliou horizontes. Os incontáveis abraços e beijos das crianças da turma Tulipa me lembravam a todo instante do meu amor pela infância e como quero, por meio do meu trabalho, contribuir por infâncias com mais sentidos reais. O exemplo de reinvenção da professora para não sucumbir às queixas da escassez material e atrás disso esconder uma prática pedagógica medíocre, confere a este trabalho o tom do enfrentamento às dificuldades cotidianas da vida. Por fim, mas não conclusivo, a pergunta capciosa da Any em 2016, me fez fazer a revoadada.

Resumo

Temos observado um crescente aumento das demandas encaminhadas aos sistemas de saúde, público e privado, das chamadas queixas escolares, sendo o TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – um dos seus principais representantes. A escalada crescente nos diagnósticos atribuídos a crianças ainda em idade escolar que apresentam dificuldades no processo de escolarização e/ou no comportamento em sala de aula chama-nos a atenção, uma vez que, junto ao diagnóstico, vem um grande aumento no consumo de psicoestimulantes, a principal conduta escolhida para o tratamento daqueles indivíduos marcados sob o véu do TDAH. Nesse contexto, identificamos o fenômeno da medicalização da educação, em que as queixas escolares, ou seja, as questões relativas às dificuldades nos processos de escolarização, que, necessariamente, estão enlaçados por vários elementos de ordem social, política e relacional, passam a ser vistas e nomeadas apenas pelo saber médico patologizante, atribuindo exclusivamente ao indivíduo a responsabilidade por suas dificuldades. Com o objetivo de compreender os processos pelos quais o diagnóstico do TDAH é constituído dentro da escola, realizamos uma pesquisa de inspiração etnográfica em uma escola da rede pública de Uberlândia-MG, numa sala aula de segundo ano do ensino fundamental, com registros de observação da sala de aula, entrevista com a professora regente, entrevista com um professor de apoio e entrevista com a mãe de um aluno recém diagnosticado com TDAH. Nossa discussão pautou-se em três eixos de análise: “TDAH – Terra de Ninguém”; “Saber Médico – uma sentença” e “O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno”. No primeiro eixo, discutimos o fato de que diferentes especialistas, cada um à sua maneira, sem levar em consideração premissas importantes acerca do desenvolvimento infantil e do intrincado processo de escolarização, dirigem os holofotes para o suposto transtorno; no segundo, problematizamos a supremacia do saber médico sobre o pedagógico no âmbito escolar e que envolve, igualmente, a família da criança diagnosticada com TDAH; por fim, no terceiro eixo, destacamos os conhecimentos e desconhecimentos da professora, que na aprendizagem da docência ajudou a não patologizar as crianças. Também ressaltamos a importância desta ter acesso a conceitos como o de Zona de Desenvolvimento Próximo e a constituição das funções psicológicas superiores, em especial da atenção. Se a escola tantas vezes é o espaço em que ocorre o processo de produção do TDAH, igualmente pode oferecer possibilidades para o enfrentamento coletivo deste fenômeno.

Palavras-chave: TDAH, Medicalização, Psicologia Escolar Crítica, escola.

Abstract

We have observed an increasing in the demands sent to the public and private health systems, the so-called school complaints, with ADHD - Attention Deficit Hyperactivity Disorder - one of its main representatives. The growing escalation in diagnoses attributed to children of school age who have difficulties in the schooling process and / or in the behavior in the classroom draws our attention, since, along with the diagnosis, there is a great increase in the consumption of psychostimulants, because it is the main conduct chosen for the treatment of those individuals marked under the veil of ADHD. In this context, we identified the phenomenon of the medicalization of education, in which school complaints, that is, issues related to difficulties in schooling processes, which are necessarily linked by various elements of social, political and relational order, become seen and named only by pathological medical knowledge. In this way, the responsibility for difficulties is attributed exclusively to the individual. In order to understand the processes by which the diagnosis of ADHD is made within the school, we conducted an ethnographic-inspired research in a public school in Uberlândia-MG, in a second-year elementary school classroom, with observation records from the classroom, interview with the conducting teacher, interview with a support teacher and interview with the student's mother who was newly diagnosed with ADHD. Our discussion was based on three axes of analysis: "ADHD - No Man's Land"; "Medical Knowledge - a sentence" and "Knowledge and Non-Knowledge about the disorder". In the first axis, we discuss the fact that different specialists, each in their own way, without taking into account important premises about child development and the intricate schooling process, direct the spotlight to the supposed disorder. In the second, we problematize the supremacy of medical knowledge over pedagogical in the school context, which also involves the family of the child diagnosed with ADHD. Finally, in the third axis, we highlight the teacher's knowledge and non-knowledge, who in the teaching process helped not to pathologize the children. We also emphasize the importance of the teacher having knowledge about the concepts like the Zone of Proximal Development and the constitution of higher psychological functions, especially attention. If the school is often the place where the ADHD production process occurs, it can also offer possibilities for the collective confrontation of this phenomenon.

Keywords: ADHD, Medicalization, Critical Educational Psychology, school.

Sumário

Das Revoadas.	10
1 - TDAH: De que falta estamos falando?	19
1.1 - Medicalização da Vida	20
1.2 - TDAH em(cena)	22
1.3 - Psicologia Escolar numa vertente crítica – nossa linha de costura	31
2 - O Caminho é dela, mas a caminhada é nossa – O percurso metodológico.	37
2.1 - Escolhendo a rota	38
2.2 - De frente para o mapa	40
2.3 - Das várias flores	43
2.4 - As curvas no caminho	49
2.5 - Cuidado: Curva sinuosa à frente	54
2.6 - Atenção: Desvio à frente	56
2.7 - A “reta final” que não foi uma reta	60
3 - É tempo de colheita	66
4 - TDAH – Terra de ninguém	69
5 - Saber Médico – uma sentença	78
6 - O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno	91
7 - Ponto de chegada ou ponto de partida?	104
8 - Referências	108
9 - Apêndices A	116
10 - Apêndice B	117

11 - Apêndice C	146
12 - Apêndice D	148
13 - Apêndice E	150
14 - Apêndice F	172
15 - Apêndice G	174
16 - Apêndice H	175
17 - Apêndice I	184
18 - Apêndice J	195
19 - Apêndice K	197
20 - Apêndice L	198
21 - Apêndice M	199
22 - Anexo A	200
23 - Anexo B	202

Das Revoadas...

re.vo.ar [Lat. *Revolare. IA*] *v.int.* 1. Voar (a ave para o ponto de partida). 2. Adejar, esvoaçar. 3. Revoar em bando (as aves).
(Ferreira, 2010, p.668).

O ano era 2004, o dia já não me recordo, mas era uma daquelas semanas de desenlaces finais dos cinco anos vividos intensa e apaixonadamente, ao longo da graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Uma escolha de carreira profissional feita numa fase da vida em que, costumeiramente, pouco se sabe sobre escolhas futuras, sobre o que “fazer quando crescer”. Escolha feita sem saber ao certo como pronunciar o nome dessa profissão e sem, tampouco, saber as diferenças entre ela – a Psicologia – e outra carreira, de nome (à época me parecia similar sonoramente) Pedagogia¹.

Exceto pela inabilidade ou inexperiência semântica entre as duas palavras/carreiras, não me restavam dúvidas acerca do meu desejo em dedicar-me aos esforços e estudos para compreender a constituição subjetiva do seu humano, como este se organiza em suas relações consigo e com o mundo, de onde vem e para onde vai sua dor psíquica e, com esses possíveis entendimentos, poder intervir com minha prática configurada e lapidada pelos anos da graduação, em prol desse sujeito e dessa sociedade.

¹Curioso! Muito curioso voltar-me agora à memória essa dúvida infantil acerca das confusões que fazia em relação aos nomes das carreiras do Psicólogo e do Pedagogo, enquanto escrevo esta dissertação na qual volto meu olhar ao papel do educador especificamente no que tange à constituição do diagnóstico de TDAH atribuído a crianças no início da escolarização.

Os cinco anos de formação e lapidação desta psicóloga aqui foram também de encontros com o inesperado e descobertas de um mundo que sequer, à época da inabilidade semântica acerca do nome da profissão, poderia imaginar que fizesse parte deste universo Psi. Em cinco anos, também se faz a separação do “joio e do trigo”, daquilo que você descobre nessa nova caminhada e percebe que lhe faz sentido, com aquilo que você fantasiava antes de vivê-la em condições materiais concretas e de repente percebe que não responde às suas demandas. Comigo não foi diferente, e dentre essas descobertas de sentidos, eis que a Psicologia Escolar se apresenta para mim.

A chegada da professora titular da antiga disciplina batizada PEPA I², regressando com seu Doutorado fresquinho no bolso, foi uma dessas descobertas. Ela chegou, não só assumindo as rédeas da matéria, mas também trazendo um olhar e posicionamento crítico e ético diante de toda uma produção teórico-científica que sustenta as bases da Psicologia Escolar Crítica, e me ofertou o melhor dos encontros com o inesperado que aquela carreira me reservava e que, a partir daquele instante, faria parte de todas as costuras de caminhos que faria na minha trajetória profissional.

Desde então, ainda em fase de constituição e lapidação da psicóloga que desejava ser, fui bebendo daquela fonte sempre que me era permitido. Cursei disciplinas optativas; fiz estágio curricular numa escola pública em Uberlândia buscando, nessa experiência de estágio profissionalizante, explorar ao máximo as várias possibilidades de atuação do psicólogo escolar. Como últimas curvas nesse caminho de águas que tinha escolhido beber, participei de um projeto de Extensão Universitária em que, devolvendo à sociedade o que ela me dava ao me manter num banco de universidade pública e gratuita, atuava em

²Desde 2004, o currículo acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sofreu algumas alterações, e à época do acontecimento narrado, a organização curricular não era definida segundo as ênfases teórico-práticas, e a disciplina mencionada era nomeada como Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem I. Para maiores informações acerca das reformas curriculares do novo Projeto Pedagógico, acessar <http://www.ip.ufu.br/node/277>.

parceria com o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPS i) da cidade, na formação de professores para a inclusão, no ensino regular, de crianças e adolescentes com transtornos mentais graves.

Essa última experiência norteou minhas buscas por algum tempo, e foi então que chego a algum dia, de alguma semana de junho de 2004, e numa das últimas salas do andar superior, do lado direito, do bloco 2C do campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia – MG, sentada à frente daquela professora que há pouco retornara a seu lugar de direito – Educadora – digo-lhe que desejava seguir trilhando meus passos, após a formatura, trabalhando, estudando e pesquisando com ela no Mestrado. Generosa, como poucos sabem ser, deu-me como resposta: “Querida Valéria, sinto-me honrada com seu desejo em seguir nessa caminhada comigo, mas acho que não tenho muito mais a lhe ensinar... penso que deveria voar mais alto, mais longe.”

Nunca concordei com ela, mas confiei e comecei um voo para longe, que mal sabia, em meio às tramas e costuras da vida que entremeiam escolhas, profissão, vida pessoal, me traria a um pouso firme e seguro, 14 anos depois.

A primeira parada foi na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no curso de especialização em Psicanálise e Saúde Mental, em que busquei fazer uma costura possível entre o que eu já trazia como sentido prévio acerca de uma compreensão do ser humano e que na graduação se sustentou, com o grande novo despertado e vivido com a Psicologia Escolar. Lá, durante a formação *Lato Sensu* da UERJ, fiz uma análise teórica a partir dos conceitos psicanalíticos lacanianos, acerca da experiência vivida ao longo do Projeto de Extensão que lhes contei acima e, com base no conceito de Escuta Analítica, pude compreender um pouco melhor a dimensão da nossa intervenção quando colocávamo-nos à disposição da escuta daquelas que, outrora, estavam participando da nossa formação continuada de educadores.

Ao final de pouco mais de um ano, de malas prontas para um novo voo, sigo para a segunda parada – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em Porto Alegre e na UFRGS a parada foi mais longa e o voo mais alto. Inicialmente vinculei-me voluntariamente a um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação sobre políticas públicas de inclusão no Rio Grande do Sul e no Brasil, que trabalhava sob a coordenação do Prof. Dr. Cláudio Baptista Caronti. Fui aluna especial da disciplina ministrada por ele no curso de Mestrado da Faculdade de Educação, que tratava da mesma temática. Ao final do ano, participei do processo seletivo para a próxima turma de mestrado, submetendo como projeto de pesquisa a possibilidade dos desdobramentos, ainda do Projeto de Extensão, em que a formação de educadores mantinha-se no cerne do meu interesse de pesquisa. Como todos os voos têm altos e baixos, não fui aprovada na última fase da seleção.

Altos ou baixos, os voos seguem. E seguia confiando no que me dissera a professora em 2004. Coloquei-me a pensar que rumos daria para a minha profissão numa terra estranha e que encontrassem ecos possíveis entre aquilo que me fazia sentido. Varri um determinado perímetro da cidade – Zona Norte³ – região em que eu morava, fiz um levantamento de cerca de 30 escolas que atendiam desde a educação infantil até o ensino médio, e comecei a enviar meu currículo em busca de uma oportunidade de trabalho como psicóloga escolar. De praticamente todas, recebi o mesmo retorno: “não temos por prática ter um profissional da psicologia escolar no nosso quadro, essa função é desempenhada pelos coordenadores pedagógicos, psicopedagogos ou outro profissional que ocupe a função da orientação estudantil”. E acrescentaram: “Deixe-nos seu cartão, que quando houver demandas para psicólogo, podemos sugerir o encaminhamento”.

³ Região da cidade que compreende bairros como Jardim Lindóia, Vila Ipiranga, Sarandi, que concentra uma grande quantidade de escolas de educação infantil e ensino fundamental.

Ou seja, em 2006, ao conhecer de perto algumas escolas particulares da zona norte de Porto Alegre, percebi que o papel do psicólogo escolar, tal como eu conheci quando do meu estágio na graduação, ainda não tinha espaço suficiente dentro dessas escolas. Assim, percebi que havia uma deixa para o início de uma carreira em terra nova. Escolhi uma sala comercial num prédio de fácil acesso ao público, aluguei, reformei e mobiliei em cerca de três semanas e retornei em todas as escolas em que havia sido recebida, ofertando não apenas um cartão de visita com endereço, telefone e número de inscrição no Conselho Regional de Psicologia (CRP), mas também uma proposta de intervenção clínica para os possíveis quadros de queixas escolares que lhes surgissem, indo, porém, na contramão do discurso medicalizante e culpabilizante do sujeito-criança, intervindo também, como uma consultora, na própria instituição escolar.

Assim segui construindo, cada dia, minha prática e identidade profissionais, ao longo dos últimos 12 anos⁴. O tempo foi passando e essa “fórmula” ou esse modo de intervenção social junto à criança, sua família e a instituição escolar que fazia parte dessa cena, partindo do saber psi que fui constituindo e lapidando nos últimos tempos, parecia agora fazer mais sentido, e urgia seguir estudando. Foi então que a UFRGS se apresentou novamente para mim, agora no Instituto de Psicologia, mais especificamente na sua Clínica de Atendimento Psicológico (CAP), que além de ser o serviço-escola do curso de Psicologia da UFRGS, oferece cursos de especialização com extensa carga horária, mesclando uma formação teórica e prática, em formato interdisciplinar⁵. Em 2008 iniciei o curso de especialização em Atendimento Clínico Psicanalítico, escolhendo caminhos ao longo do curso que me levassem mais adiante no atendimento clínico da infância.

⁴Falo em 12 anos considerando o tempo atual, mas em Porto Alegre permaneci por 10 anos e meio, até 29 de maio de 2016.

⁵Na CAP, além do curso de especialização ofertado pelo Instituto de Psicologia, há também o curso de especialização em Psicopedagogia e Fonoaudiologia, nos quais os alunos têm amplo trânsito nessas diferentes áreas do conhecimento, com apresentação e discussão de casos atendidos pelos alunos (graduação e especialização) de todos os cursos, sempre primando por uma visão interdisciplinar.

Foram seis anos de vínculo com a CAP e a UFRGS, entre aulas, prática clínica, supervisões, grupos de estudos, atendimentos nas Entrevistas Iniciais⁶. Nesse meio do caminho suspendi o vínculo por um ano, quando do nascimento da minha filha, e mesmo após concluir as atividades obrigatórias para a obtenção do título, segui trabalhando voluntariamente na CAP, dando continuidade a alguns atendimentos a pacientes que julguei, na época, ser importante prolongar um pouco mais até o momento adequado do encaminhamento para outro terapeuta.

Enquanto isso, no consultório, crescia a chegada de crianças encaminhadas por escolas que passaram a conhecer meu trabalho, e grande parte (grande mesmo!)⁷ dessas crianças chegava trazidas por seus pais, com o pedido, quase sempre da escola, de investigação diagnóstica acerca do Transtorno de Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDA/H), ou com um diagnóstico já consolidado emitido por outro profissional na perambulação que essa criança e sua família já haviam feito antes de chegar até a mim.

Ora! Algo me soava estranho. Eu me perguntava: “o que está acontecendo com esses ‘mininu’?” (mesmo tomando chimarrão com a gauchada, não deixava meu “goianês/mineirês” para trás!). Ou ainda: “O que estamos fazendo com essas crianças?”. Ou até: “será que a espécie humana está vindo com ‘defeito de fábrica’?”. Essas e outras perguntas nortearam meu trabalho de Monografia⁸ para a conclusão do curso de

⁶Todas as quartas-feiras a CAP se abria para receber novos pacientes, numa espécie de plantão ou triagem, serviço é nomeado como Entrevistas Iniciais. Todos os pacientes que chegam pedindo atendimento são atendidos. Quem realiza as entrevistas iniciais são os alunos do curso de especialização que tinham como parte obrigatória no currículo ao menos um ano de prática nas EIs.

⁷Na ocasião, entre 2012 e 2013, já com uma agenda no consultório ocupada quase que integralmente por crianças com idade entre 6 e 11 anos, por curiosidade, fiz um levantamento de quantas crianças tinham chegado até a mim com o pedido de avaliação ou intervenção para o TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. O que encontrei foi assustador; cerca de 95% das crianças que me tinham sido encaminhadas por escolas vieram com a hipótese diagnóstica ou diagnóstico consolidado de TDAH, e esse susto foi meu norteador na escolha do tema que desenvolveria como trabalho final da Especialização em Psicanálise e Saúde Mental da UFRGS – “Quem é o Sujeito do TDAH?”.

⁸De Paula, V. S. R. (2013) *Quem é o Sujeito do TDAH?* Porto Alegre. Documento Impresso.

especialização e me fizeram voltar o olhar para o sujeito então nomeado a partir de um déficit, uma falta, um erro, um diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

E nessa dialética costurada entre a prática e a busca por uma compreensão teórica possível acerca do que vivo e faço desde os tempos do curso de extensão na graduação, venho trilhando meu caminho profissional e acadêmico, sempre, não podendo ser diferente, entremeado com as escolhas e caminhos da minha vida pessoal.

Em 2016 compreendi que um ciclo importante da minha vida pessoal e profissional havia chegado ao fim após dez anos, e era hora de levantar voo novamente. Em pouco menos de três meses aparei todas as arestas necessárias aos fechamentos de ciclos e construí pontes para abertura de novos. O pouso foi no ninho que deixara em 2004, com a certeza de que o encontraria ainda quente e fértil, para receber-me após um longo voo.

Em casa⁹, lembrei-me daquela professora e de suas falas em 2004, e confiando, mas não concordando com ela, cá estou, depois de ir longe, ver, viver, sentir outras tantas coisas, pousando agora onde quero pousar, para sim, aprender ainda muito mais com ela. O nome dela? Prof. Dra. Silvia Maria Cintra da Silva, professora Titular do Instituto de Psicologia da UFU, e com honra, minha Orientadora de voos e nesse percurso de Mestrado.

Se você chegou até aqui, saberá ver nos próximos passos desta Dissertação a partir do lugar de onde falo, vejo e percebo meu problema de pesquisa, os enlacs e desenlaces vivenciados daqui em diante.

Essa revoada me trouxe ao tema de pesquisa que versa sobre a constituição do TDAH no âmbito escolar. Assim, o objetivo desta pesquisa foi compreender as

⁹Aqui, refiro-me à “casa”; o bloco 2C do Campus Umuarama da UFU, onde está situado o Instituto de Psicologia.

contribuições das práticas cotidianas da sala de aula na produção do diagnóstico de TDAH em crianças que estão na fase inicial do processo de escolarização. Para tanto, fui a campo vivenciar uma pesquisa de inspiração etnográfica, por meio da qual cultivei¹⁰ os dados que, entremeados, compõem este estudo. Na primeira Seção traço as delimitações teóricas que configuram o meu problema de pesquisa e minhas compreensões acerca das principais queixas escolares, bem como do processo crescente e contínuo de medicalização da educação.

Na segunda Seção, “TDAH – De que falta estamos falando?” apresento as bases teóricas que sustentam meu olhar e minha compreensão sobre o TDAH; a Psicologia Escolar numa vertente crítica orientou todo o processo de construção dos dados de pesquisa, sob os quais me detive para análise e discussão. Em seguida, a terceira Seção, intitulada “O Caminho é dela, mas a caminhada é nossa – O Percurso Metodológico”, trata do percurso metodológico trilhado para a construção e cultivo dos dados de pesquisa. Descrições detalhadas da escola, da sala de aula, dos alunos, da professora regente da rotina por mim observada, constam também desta escrita, tendo como respaldo os registros feitos no Diário de Bordo da Pesquisadora que constam dos Apêndices deste trabalho.

Na quarta Seção, “É tempo de colheita”, estamos diante dos dados construídos e organizados em três eixos de análise, indicando como as práticas pedagógicas diárias contribuem na construção do diagnóstico do TDAH: “TDAH – Terra de Ninguém”, “Saber Médico – uma sentença”, “O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno”, tendo,

¹⁰ De acordo com o dicionário da língua portuguesa, “cultivar” significa: “dedicar-se, interessar-se por, insistir em algo prolongadamente”. Esse é o exato sentido que pretendi dar, de forma metafórica, ao processo de construção dos dados de pesquisa que o leitor encontrará neste trabalho. Como metodologia de inspiração etnográfica, me demorei em todo o processo, num tempo, talvez, diferente daquele contado pelos ponteiros dos relógios. Assim, o verbo cultivar, aqui, não é utilizado no sentido botânico ou biológico. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/cultivar/> >, acesso: 08/05/2020.

entre todos eles as contradições de que somos feitos, servindo como linha de costura que entrelaça todos os demais eixos.

Na quinta Seção, “Ponto de chegada ou ponto de partida?”, é a seção na qual nos detivemos a traçar as reflexões produzidas como entendimentos da pesquisa, apontamentos para os possíveis desdobramentos e contribuições deste estudo para a sociedade como um todo, bem como os apontamentos acerca dos seus limites. Por fim, constam desta dissertação as referências utilizadas em todo o trabalho e, nos Apêndices, materiais importantes ao leitor, como os meus registros em formato de diário de bordo da pesquisadora; os roteiros das entrevistas realizadas com a professora titular, o professor de apoio, a mãe de um aluno; as transcrições de todas as entrevistas e o diário de bordo produzido pela professora regente.

1 – TDAH: DE QUE FALTA ESTAMOS FALANDO?

“O controle da dor! O controle das mentes!

O controle da vontade!

A humanidade controlada por drogas,

Os desejos regulados, os protestos abafados!

A obediência absoluta!”

(Pedro Bandeira, 1992, p.142).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, ou como tem sido mais conhecido pelos íntimos e por outros nem tão íntimos assim, o TDAH, tem em seus registros oficiais os códigos F-90¹¹ (e suas variações) e 314¹² (e suas variações), de acordo com os manuais internacionais de classificação de doenças e transtornos psiquiátricos, sendo classificado neste último, dentre os transtornos do neurodesenvolvimento que, de acordo com a *American Psychological Association* [APA] (2014), são caracterizados por dificuldades no desenvolvimento que se manifestam precocemente, caracterizados por um padrão de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade, que influenciam o funcionamento pessoal, social ou acadêmico do sujeito.

Esse cenário não parece muito otimista; pelo contrário, com essa definição, uma pessoa que traz a marca do TDAH em sua vida, parece estar sentenciada a carregar ao longo de toda

¹¹Código por meio do qual o TDAH é registrado no CID 10–catálogo de doenças e problemas relacionados à saúde, tendo como referência a Nomenclatura Internacional de Doenças, estabelecida pela Organização Mundial de Saúde – com o nome “Transtornos Hiper-cinéticos”. Disponível em: <<https://www.cid10.com.br/code>>, acesso em 18/09/2019.

¹² Código por meio do qual o TDAH é registrado no DSM-V – Catálogo internacional de Transtornos Psiquiátricos, que está em sua versão mais recente, datada de 2013. No DSM-V a nomenclatura oficial do TDAH segue a mais comum – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, sendo, portanto, classificado e diagnosticado segundo critérios específicos para definir os diferentes sub-tipos. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>, acesso em 18/09/2019.

sua história, desde muito cedo, registros de prejuízos, perdas e faltas em campos fundamentais para um desenvolvimento saudável, cuja responsabilidade parece estar centrada no indivíduo, já que ele, o indivíduo, é o “portador” do Transtorno que prima pelo déficit, pela falta.

Muito se tem discutido acerca do TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – e demais supostos transtornos que têm imprimido suas marcas, principalmente nas vidas de muitas crianças e jovens em idade escolar. É muito significativa a forma como esse tema vem mobilizando esforços para a implantação de serviços profissionais especializados que deem conta dessas crianças, que se apresentam de forma desajustada frente às demandas da sociedade e, em particular, da instituição escolar. Mais do que em qualquer outro momento, a inquietude, a desatenção, as dificuldades de escolarização, passam a ser tratadas como problemas, classificados como síndromes, e tratados em consultórios especializados.

1.1 – Medicalização da Vida

Para compreendermos melhor o TDAH e sua ascensão nos últimos anos, precisamos, antes, compreender o fenômeno da Medicalização que vem estendendo seus braços sobre a infância, a educação e a vida.

Medicalização, segundo Moysés e Collares (1994), Meira (2012), Baptista, Freitas e Christofari (2015), Suzuki, Leonardo e Leal (2017), é o processo por meio do qual são deslocados para o campo médico problemas que fazem parte do cotidiano do indivíduo. Sendo assim, questões relativas aos campos sociais, políticos, culturais e afetivas são convertidas em questões próprias de cada indivíduo, num “processo saúde-doença centrado no indivíduo, privilegiando a abordagem biológica, organicista” (Moysés & Collares, 1994, p.25). Ou seja, o sujeito passa a ser visto, nomeado, identificado, em toda a sua complexidade, reduzido ao olhar médico, organicista e desprovido de quaisquer outras possibilidades de subjetivação, que não aquelas determinadas a partir do déficit, da falta, do erro, em uma perspectiva apenas biológica.

Vale ressaltar que, de acordo com Damasceno e Aguiar (2016), o fenômeno da medicalização não deve ser compreendido como algo que surge repentinamente na sociedade, “numa espécie de ruptura súbita de outros poderes e dizeres” (p.30), mas sim como um discurso que vem se consolidando na sociedade, ao longo dos anos” (Sanchez, 2011, p.10, citado por Damasceno & Aguiar, 2016, p.30).

Acerca desta compreensão sobre a consolidação do fenômeno da medicalização, Lemos, Nalli, Júnior, Franco e Cruz (2016) apontam para um desenvolvimento social associado ao surgimento “dos Estados Modernos, à criação do sujeito de direitos e do mercado liberal como estilo de vida” (p.19). Nesse contexto, a vida cotidiana passava por uma extensa e intensa modulação em torno de práticas higienistas e medicalizantes, que visavam maiores cuidados com a limpeza, vestuário, educação e saúde, tanto no que diz respeito às famílias e relações entre pais e filhos, quanto a lugares, como portos, hospitais, prisões e cidades. Segundo os autores, tais práticas tinham como finalidade última uma forma eficaz de controle social e a formação de adultos fortes e saudáveis, que fossem capazes de se adaptar a essa nova ordem social, baseada no trabalho assalariado, atuando no processo de desenvolvimento desse Estado Moderno (Boarini & Borges, 2009).

Assim, de lá pra cá, construímos uma sociedade em que há o predomínio da desigualdade, onde “quem detém a riqueza, detém também o poder de julgar, classificar e sentenciar os demais” (Garrido & Moysés, 2010, p.149). Ainda segundo Garrido e Moysés (2019), a manutenção dessa sociedade de desigualdades, se dá, dentre outras coisas, em função da existência de um padrão rígido e único de normalidade; assim, seguimos naturalizando as desigualdades produzidas socialmente, considerando que suas origens estão, exclusivamente, centradas em cada indivíduo. Como concluem Machado e Souza (1997): “Aprisionando-se assim a diferença” (p. 37).

Dessa forma, segundo o Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (2019), o fenômeno em questão é um processo de individualização de fenômenos no sujeito, ou seja, trata-se de “um tipo de racionalidade determinista que desconsidera a complexidade da vida humana, reduzindo-a a questões de cunho individual, seja em seu aspecto orgânico, seja em seu aspecto psíquico, seja em uma leitura restrita e naturalizada dos aspectos sociais”.

1.2 – TDAH (em)cena

O TDAH é um personagem típico das cenas escolares, mas ele só possui tantos holofotes porque o fenômeno da Medicalização transcende os muros escolares e reverbera na vida. De acordo Moysés (2001), Meira (2012) e Suzuki, Leonardo e Leal (2017), a medicalização da vida na contemporaneidade é o processo, por meio do qual, diferentes fenômenos das esferas sociais e políticas que fazem parte do cotidiano do indivíduo, “são deslocados para o campo médico” (Meira, 2012, p.136), transformando-os, assim, em questões biológicas próprias de cada sujeito. Assim, pouco a pouco a vida vai se tornando mais e mais naturalizada.

No processo de olhar para esses diagnósticos e para os elementos que constituem o TDAH, verifica-se o envolvimento de vários personagens presentes nesta cena, com participações importantes, cujos papéis se entrelaçam nas relações que desempenham junto à criança, como as famílias, os professores, educadores (demais profissionais presentes na escola como pedagogos, psicólogos, auxiliares técnicos e serviços gerais, gestores educacionais) em sua dimensão cotidiana e também em sua perspectiva macro, como as políticas públicas educacionais, uma vez que todos esses personagens são participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Diante disso, é cada vez mais recorrente a presença de crianças que protagonizam a cena da queixa escolar, simplesmente por agir ou reagir, se comportar ou não se comportar de modos distintos dos moldes rígidos determinados por quem observa ou avalia (Moysés & Collares,

2013, p.45), sendo imputada a elas e/ou aos seus familiares, a responsabilidade diante do fracasso, desconsiderando-se sumariamente, “que os afetos atravessam as relações [...] eles não são monopólios do indivíduo, eles atravessam o ser” (Machado & Souza, 1997, p.36). Em consonância com o que afirmam as autoras é preciso, antes, que nos perguntemos como as relações estabelecidas em sala de aula no processo de ensino e aprendizagem e os discursos medicalizantes “fabricam” (p.37) esses alunos que acabam por interferir no bom andamento da aula (Machado & Souza, 1997).

De acordo com Souza (2007),

Ao longo da história, as explicações para ao fracasso escolar foram marcadas por análises do processo ensino-aprendizagem que se voltaram às capacidades e processos internos daquele que aprende, deixando de lado a pesquisa das condições de ensino em que o fracasso emergiu. (p.13).

De acordo com Souza (1997), foi preciso mudar o eixo das discussões acerca do fenômeno do fracasso escolar, retirando do centro as explicações com olhar restrito aos alunos e/ou professores e “construir um conjunto de conhecimentos que contextualizasse tais explicações no conjunto do pensamento histórico e que possibilitasse conhecer como esse processo de escolarização produz os alunos que repetem e ‘desistem’ de continuar na escola” (p.138).

É fundamental, portanto, que sejamos capazes de compreender o contexto ampliado em que as queixas escolares são produzidas num cenário de fracasso escolar.

Segundo Souza (1996, citado por Souza, 2007), as queixas escolares, tais como “não sabe ler e escrever, só copia, tem dificuldade em aprender, é desinteressado, é distraído em sala de aula, atrapalha a turma etc” (p.15) vem sendo, em sua ampla maioria, tratadas à partir de um contexto clínico da psicologia, que tende a desconsiderar o ambiente em que essas queixas

foram produzidas – a escola – respondendo, portanto, a essas demandas “psicologizando e patologizando as dificuldades vividas pelas crianças na escola” (p.15).

Nesse sentido, Souza (2007) preconiza que é preciso incluir a escola “na investigação e intervenção” das queixas escolares (p. 99). Perguntas como: “em que tipo de classe está? Quantas professoras teve este ano? Onde se senta na classe? Qual a frequência com que ocorrem faltas dos professores? Em que momento da carreira escolar emergiu a queixa em questão?”(p. 99) devem ser levadas em consideração no processo de compreensão das queixas que se tecem em torno da cena escolar de uma criança que não aprende, e veremos, mais adiante, como nossa pesquisa, ainda nos dias de hoje, nos mostra o quanto ainda precisamos caminhar nessa direção. Até o presente momento, as explicações também ainda estão centradas na criança, na família ou na sociedade, em resposta ao aumento do número de diagnósticos de TDAH.

Em uma tentativa de responder a essa questão, considerações de cunho sociológico apontam que a sociedade hipercinética, na rapidez de suas informações e no frenético *zapping* frente ao mundo imagético, esvaziado de palavras, produziria o acréscimo desse quadro, já que as crianças têm nascido hiperestimuladas. Ou seja, de acordo com Eidt e Tuleski (2010, p. 128), “a patologia parece estabelecer-se nas relações sociais pautadas pelo imediatismo, pela rapidez. Ao invés de se buscarem as causas, tratam-se os sintomas” porque, segundo as autoras, o TDAH é descrito como uma dificuldade que o sujeito encontra para mediar e responder aos diferentes e imediatos estímulos a que está submetido a todo instante. No entanto, alerta-nos Isaiás (2007, citado por Eidt & Tuleski, 2010, pp.128-129):

essas dificuldades não têm a ver justamente com um estilo cognitivo de conduta, com uma maneira de se relacionar com o mundo e de conhecê-lo, produzida pela mesma sociedade midiática e consumista na qual se encontram imersas as crianças de hoje?

De acordo com Caliman (2010), a partir da segunda metade do século XX, a criança com TDAH surgiu na literatura médica englobando em seu quadro sintomatológico os comportamentos relacionados à desatenção, agitação e impulsividade e, de lá pra cá, já foi “batizada e rebatizada muitas vezes” (p.49) até chegarmos ao que conhecemos hoje por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Ela foi a criança com defeito no controle moral, a portadora de uma deficiência mental leve ou branda, foi afetada pela encefalite letárgica, chamaram-na simplesmente de hiperativa ou de hipercinética, seu cérebro foi visto como moderadamente disfuncional, ela foi a criança com déficit de atenção e, enfim, a portadora do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. Desde os últimos 20 anos do século XX, ela é marcada por um defeito inibitório que afeta o desenvolvimento das funções executivas cerebrais. (Caliman, 2010, p.49).

Segundo Whitaker (2017), apesar de o TDAH não aparecer nos principais manuais de diagnóstico psiquiátrico antes de 1980, “esse campo profissional gosta de assinalar que tal distúrbio não surgiu simplesmente do nada” (p. 227). Trata-se, de acordo com os estudos de investigação do autor, “de um problema cujas raízes remontam a 1902” (p. 227), quando o pediatra inglês, sir George Frederick Still, publicou seu estudo sobre 20 crianças que tinham inteligência preservada mas apresentavam mau comportamento causado por uma “disfunção cerebral mínima”, mesmo sem histórico de doenças ou traumas anteriores que pudessem tê-las causado.

Nos anos seguintes, lembra-nos Whitaker, as crianças que tinham sido acometidas pela encefalite letárgica, apresentavam, com frequência, comportamentos antissociais e alterações de humor, e isso levou os pediatras da época a associarem as consequências da infecção viral a

uma lesão cerebral leve, mas capaz de atuar como marcador biológico para os sintomas que hoje nomeia-se como próprios do TDAH (Whitaker, 2017). “O primeiro Manual de Diagnóstico e Estatística da psiquiatria, publicado em 1952, disse que tais crianças sofriam de uma ‘síndrome cerebral orgânica” (p. 228).

As décadas seguintes foram marcadas pelo início dos tratamentos, testes e pesquisas sobre o uso e o efeito dos estimulantes para o tratamento Transtorno de Déficit de Atenção, assim nomeado, pela primeira vez, na terceira edição do DSM, publicado em 1980, “e então, a psiquiatria simplesmente criou, com uma penada no DSM-III, uma definição drasticamente expandida da ‘hiperatividade’“ (p. 230).

Como vemos, não se trata de uma articulação recente do saber médico em endossar os processos de patologização da vida e da educação, imputando sobre os indivíduos a culpa por serem incapazes de satisfazer as expectativas morais, políticas e econômicas da sociedade na qual vivem (Caliman, 2010).

A família e suas diferentes configurações ao longo do tempo também entram em pauta nos estudos sobre a patologização da educação e da infância, ocupando lugar de destaque nos discursos relativos às queixas escolares. Segundo Boarini e Borges (2009, p. 52), “pensar sobre a família, é pensar sobre a sociedade”, e é indiscutível que atualmente estamos cada vez mais distante “do modelo de família triangular (composto por pai, mãe e filhos), mas também podemos afirmar que a sociedade ainda vive como se ele ainda existisse” (p. 55).

Essa concepção está muito presente entre os profissionais da educação e que, em função disso, segundo Salvari e Dias (2006, citado por Boarini & Borges, 2009. p. 56), atribuem às crianças e suas famílias a culpa pelos possíveis fracassos escolares, uma vez que seria responsabilidade exclusiva da família contemporânea os cuidados com as crianças, e estes cuidados são vistos, por esses mesmos profissionais da educação, como insatisfatórios.

Por sua vez, de acordo com Legnani e Almeida (2009), “o discurso médico contemporâneo, advindo da psiquiatria biológica, se prende às noções de déficit, de incapacidade, insuficiência e atém-se às disfunções da atenção, motricidade e aos problemas da esfera relacional para diagnosticar o TDA/H” (p. 15). O TDAH, nessa concepção, caracteriza-se por dificuldades na capacidade atenta do sujeito e/ou pelo comportamento hiperativo e impulsivo incompatíveis com a idade e escolaridade deste, capaz de comprometer de forma significativa seu bom desenvolvimento emocional, acadêmico e social (Souza, 2012).

No campo médico, é possível identificar algumas divergências acerca do tipo de alteração cerebral capaz de provocar os sintomas que formam o TDAH. Enquanto os estudos estruturais apontam para alterações “morfométricas em regiões do córtex pré-frontal do estriado, do cerebelo e do corpo caloso” (Souza, 2012, p.4), os estudos funcionais apontam “para disfunções em funções executivas” (Souza, 2012, p.6). Para dar fim às divergências, concluiu-se, nessa perspectiva, que o TDAH “está relacionado a alterações estruturais e funcionais não só em circuitos frontoestriais, mas também em outras regiões do córtex cerebral e do cerebelo, sugerindo um comprometimento cerebral mais difuso.” (Souza, 2012, p.7).

Por outro lado, encontramos discussões significativas sobre a não existência de um marcador biológico para a identificação e diagnóstico do TDAH, não sendo possível, por exemplo, tal diagnóstico a partir de um exame laboratorial ou de imagem, já que as alterações percebidas num sujeito com hipótese diagnóstica de TDAH são exclusivamente comportamentais e o diagnóstico se dá por uma avaliação clínica criteriosa, que leva em consideração a narrativa dos pais (quando se trata de crianças e adolescentes), da escola e do sujeito (Moysés & Collares, 2010).

Ou seja, como nos diz Jerusalinky (2006), a ciência organicista também tende a dar nomes àquilo que desconhece, àquilo que falta, e isso talvez nos explique o porquê

investigadores, no lugar onde não encontram nada, coloquem algo, um nome com o intuito de delimitar alguma possibilidade de manejo.

Nessa visão, concordamos com Legnani e Almeida (2000), que “as funções psíquicas e orgânicas são desarticuladas umas das outras e as disfunções colocadas em primeiro plano” (p.15). Não são, portanto, entendidas como resultantes de uma problemática advinda da esfera de uma subjetividade que se constitui em sociedade, pois o sintoma pode ser tomado como a doença em si. Desta forma, entendida como a doença, a patologização da infância e da educação precisa ser tratada com medicação, representando sérios riscos à saúde e desenvolvimento daqueles que dessas drogas fazem uso.

Em todas as perspectivas acima apresentadas, a culpabilização do sujeito juntamente com suas relações familiares está no cerne da questão, e essa perspectiva que centra no aluno a responsabilidade por suas dificuldades há tempos já vem sendo discutida, juntamente com a medicalização da educação, que tende a transformar questões sociais, “por meio de operações discursivas, em problemas de origem e solução no campo médico.” (Moysés & Collares, 2010. pp.72-73).

Para compreender o fenômeno da medicalização da educação, há que se olhar para o contexto de medicalização da vida, no qual ele está inserido. Para Welch, Schwartz e Woloshin (2008, citados por Asbahr & Meira, 2014, p. 102), a medicalização da vida cotidiana trata-se de “transformar sensações físicas ou psicológicas normais (tais como insônia e tristeza) em sintomas de doenças (como distúrbios do sono e depressão)” causando uma real “epidemia¹³” de diagnósticos, e, por consequência, uma “epidemia” (p. 102) de tratamentos, muitos deles, comprovadamente prejudiciais à saúde.

De acordo com Moysés e Collares (2013), a partir dos anos 1980, as supostas disfunções de ordem neurológica passaram a ocupar o lugar de maioria dos discursos medicalizantes

¹³ Aspas usadas pelas autoras.

referentes a crianças e adolescentes, sendo o TDAH um dos principais representantes das opções diagnósticas, cuja principal via de tratamento indicada é a medicamentosa à base de Metilfenidato.

Mesmo diante das claras evidências nas imprecisões quanto ao diagnóstico; mesmo diante das várias críticas e questionamentos relacionando o crescente número de crianças diagnosticadas com TDAH aos diversos fatores de ordem social, relacional e institucional; mesmo diante das claras imprecisões e desconhecimentos acerca da ação dessa droga sobre o sistema nervoso central (Meira, 2012; Whitaker, 2017), estamos diante de números que causam espanto quando analisados de perto.

De acordo com o Ministério da Saúde (2019)¹⁴, segundo relatório da Junta Internacional de Entorpecentes, a partir dos anos 2000, o consumo de Metilfenidato vem crescendo em todo o mundo. Em 2014 verificou-se a produção de 62 toneladas desse medicamento, e em 2016, atingindo a maior taxa já registrada, chegamos às 74 toneladas produzidas no mundo – um aumento de aproximadamente 20% na fabricação da principal droga usada para o tratamento do TDAH.

Vale dar destaque ao fato de que o próprio Ministério da Saúde (2019) pondera sobre o caráter multidimensional do diagnóstico do TDAH em que, muitas vezes, os sinais e sintomas que são atribuídos como características de um transtorno que prejudica a atenção e provoca agitação do sujeito, são comportamentos comuns, típicos da infância. Sendo assim, o referido documento alerta:

É necessário fazer um balanço entre benefício e risco antes de se iniciar a administração de medicamentos para tratamento do transtorno do déficit de atenção, principalmente quando o tratamento for de longo prazo. Devem ser consideradas outras alternativas

¹⁴Recuperado de <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/fevereiro/15/Livro-USO-DE-MEDICAMENTOS-E-MEDICALIZACAO-DA-VIDA--1-.pdf>, acesso em 02/10/2019.

terapêuticas não farmacológicas, como por exemplo, intervenções sociais, psicológicas e comportamentais. Neste sentido, o uso de medicamentos para o tratamento do transtorno do déficit de atenção com ou sem hiperatividade deverá ser prescrito apenas quando, e se, estritamente necessário (p.14).

É justamente no cenário escolar que mais temos visto a produção e a reprodução de suspeitas, hipóteses e diagnósticos de transtornos, dentre eles o TDAH. A partir da ótica da Psicologia Histórico-Cultural, a atenção, como função cognitiva, pode ser definida como a direção da consciência, o estado de concentração na atividade mental sobre determinado objeto (Meira, 2012). Portanto, “depende do desenvolvimento da capacidade humana de selecionar os estímulos e do controle voluntário do comportamento, sem os quais não seria possível aos homens desenvolver uma atividade coordenada com vistas a alcançar fins determinados” (Luria, citado por Meira, 2012, p.138). Assim, entendemos, em consonância com Eidt e Tuleski (2007), que a atenção é uma função psicológica que deve ser desenvolvida ao longo dos processos educativos e de desenvolvimento na infância, que dependem, fundamentalmente, dos mediadores e recursos culturais oferecidos pelos adultos.

Frente às elaborações da literatura já disponíveis acerca desta temática, Meira (2012) dá o tom necessário às discussões sobre a produção do TDAH na escola, quando diz se tratar de “um verdadeiro contrassenso que a escola exija da criança funções psicológicas superiores em relação às quais deveria assumir um papel diretivo e efetivo” (p.138).

1.3 - Psicologia Escolar numa vertente crítica – nossa linha de costura

A Psicologia, como área do conhecimento, tem atravessado, segundo Souza (2014), várias “‘crises’ em que são realizadas discussões de caráter epistemológico” (p.13). Ainda

segundo a autora, no Brasil, as primeiras críticas à Psicologia e às concepções “adaptacionistas da área” (p.15) remontam à década de 1980.

No que diz respeito ao desenvolvimento da Psicologia Escolar no Brasil, segundo autoras como Antunes (2003) e Barbosa (2011), inicialmente o trabalho do psicólogo esteve direcionado ao estudante e às questões referentes ao processo de escolarização. Seu foco era a chamada criança-problema e a Psicologia Clínica e psicometria, por meio da aplicação maciça de testes psicológicos, atendiam alunos que não se encaixavam nos padrões estabelecidos pelas instituições escolares.

Como afirma Barbosa (2012),

o início do desenvolvimento da área no Brasil se deu a partir da constituição do seu campo de interesse, foco e atuação, especificamente com vistas ao ajustamento, disciplinarização e normatização, pois o enfoque inicial era a identificação e o tratamento das crianças ditas desviantes (p.116).

Ainda segundo a autora, a educação especial também foi amplamente difundida tendo como base a Psicologia Educacional e Escolar¹⁵, além da orientação profissional e o crescente uso de testes “como intuito cobrir as ditas falhas trazidas pelo educando, que contribuiu para colocar a Psicologia no lugar de ciência que pode contribuir com “o escolar” de forma classificatória e discriminatória” (p.117).

Tanamachi (1997, 2002, citado por Souza, 2014), aponta como marco inicial do movimento de crítica à Psicologia Escolar a publicação da tese de doutorado de Maria Helena Souza Patto¹⁶, em 1984. O eixo em torno do qual se estruturou esse movimento de crítica à Psicologia Escolar e Educacional vigente àquele momento, foi o apontamento de que, na prática

¹⁵ Em sua Tese de Doutorado, Barbosa (2011) propõe a nomenclatura Psicologia Educacional e Escolar.

¹⁶ Livro intitulado *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à Psicologia*.

do psicólogo escolar, não eram considerados “os elementos institucionais e políticos presentes na constituição da relação escolar” (Souza, 2014, p.15).

De acordo com Barbosa (2012), alguns teóricos denominam esse campo do saber que se detém ao estudo da relação da psicologia e a educação como “Psicologia da educação, Psicologia educacional e Psicologia escolar e outras de forma indiscriminada” (p. 107). Mas antes de se tratar de formas diferentes de

nomear o mesmo fenômeno, elas ensejam concepções diversas quanto ao objeto de interesse, às finalidades, aos métodos de investigação e aos conceitos primordiais dessa área. Em outras palavras, a opção por uma ou outra denominação tem raízes políticas, sociais, históricas e principalmente ideológicas que marcaram a história dessa área. (Barbosa, 2012, p. 107).

Segundo Souza (2014), a crítica à Psicologia Escolar tradicional “leva-nos a compreender a escola e as relações que nela se constituem por meio das raízes históricas, sociais e culturais de sua produção” (p.20), permitindo que a escola e o fenômeno educativo sejam estudados a partir da compreensão das “relações escolares, o processo de escolarização, os atravessamentos do conjunto de reformas educacionais, fruto de decisões políticas no campo da educação escolar” (p. 20). Com essa mudança de paradigmas acerca dos modos de olhar para a escola, fica evidente, também, a significativa mudança dos entendimentos sobre o que impede uma criança de aprender na escola.

Nesse momento, a escola entra no grande palco dos processos de aprendizagem, como personagem de importante destaque na cena da queixa escolar. A metáfora proposta por Rubinstein (2003) dá o tom poético e didático a essa analogia:

Escolho como metáfora o cenário teatral, pois a queixa escolar, tal como um episódio numa peça de teatro, só pode ser entendida no contexto maior no qual a cena ocorre. O cenário dá pistas ao espectador para compreender o episódio. Ele também dá pistas ao ator. Sua representação deve estar em consonância com o cenário, que representa o enredo da peça, do contrário não se poderia compreender o episódio que está sendo transmitido. (p. 51).

Escola, queixa escolar, aluno, professor, família, sociedade, Estado. Todos compõem a cena. Bastidores e cenas que vieram antes, se somam ao processo de constituição do episódio queixa escolar. Não há como dissociar, e como afirma Souza (2014), a queixa escolar é constituída pelo conjunto de relações que se estabelecem pelo/no processo de escolarização, que são permeadas por práticas individuais, sociais e institucionais que, entrelaçadas, produzem vários obstáculos e dificuldades de naturezas variadas, e que impedem a escola de cumprir com seus objetivos.

Sendo assim, compreendemos a Psicologia Escolar e Educacional numa perspectiva crítica como fruto de um importante movimento neste campo, que, segundo Souza (2014, p. 26), considera

a) a produção da queixa no espaço da escola; b) a construção de referenciais interpretativos que tenham como princípio a construção de uma história não documentada, composta por diferentes versões (criança, pais, professores, psicólogo) a respeito da criança e de sua relação com a escolarização; c) a atuação psicológica com uma finalidade emancipatória (Checchia & Souza, 2003).

A essa altura do trabalho, o autor já sabe que o TDAH vem se despontando e se proliferando justamente no contexto da escola, em forma de queixa escolar. De acordo com Bonadio (2013, citado por Boccato, Lucena, & Franco, 2017, p.193), o número de diagnósticos de TDAH tem sido cada vez maior e, em função das dificuldades dos educadores em lidar com o que chamam falta de atenção ou comportamento agitado dos alunos, estes estão sendo, paulatinamente, direcionados aos profissionais da saúde.

É nesse ponto que esta pesquisa se ancora. Entendo, com a afirmação de Garcia Paes e Scicchitano (2008), que a escola é o espaço primordial onde a aprendizagem formal deve acontecer e, com isso, é nesse mesmo espaço que as dificuldades e limitações a esse processo também se revelarão. O TDAH é revelado na escola, quando uma criança apresenta determinados comportamentos que são vistos como patológicos e, portanto, exclusivos do aluno. No entanto, a Psicologia Escolar numa perspectiva crítica, a partir de suas análises multifatoriais dos processos de ensino e aprendizagem e da constituição dos discursos medicalizantes na educação, pode nos ajudar a encontrar respostas diferentes daquelas usualmente apontadas para os diagnósticos de queixa escolar. Isso porque, de acordo com Souza (1997), as discussões desencadeadas por uma análise crítica da escola e de sua função numa sociedade de classes possibilitam movimentos em busca de explicações do fracasso escolar que levam em conta a escola como instituição constituída numa estrutura social.

No início desta Seção, retomamos as definições do TDAH segundo os manuais internacionais de classificação de doenças e transtornos psiquiátricos, e, segundo essas definições, o sujeito portador desse diagnóstico carrega a marca de uma falta – falta de atenção focada (evidenciada pelo sintoma do déficit de atenção) e a falta de controle de impulso (evidenciada pelo comportamento inquieto e/ou agitado). A falta, nessa perspectiva, está centrada, exclusivamente, no sujeito e em suas disfunções orgânicas.

Entretanto, debruçando-nos sobre os estudos acerca dos processos de medicalização da vida, da educação e da infância, entendemos que o TDAH entra em cena para denunciar outras tantas faltas, como por exemplo, a falta de compreensão, dos próprios profissionais da saúde e educação que lidam com essas crianças supostamente diagnosticadas com TDAH, sobre o que é atenção e como ela se desenvolve (Baptista, 2017). Além disso, parece haver uma falta de

“memória” ou um esquecimento generalizado sobre como, natural e saudavelmente, uma criança deve/pode se comportar, trazendo para o patológico, comportamentos típicos da infância. Como nos dizem Silva, Monteiro e Ribeiro (2017), “crianças e alunos, anteriormente apresentadas como ‘mal-educadas’, ‘levadas’, ‘custosas’, ‘desmotivadas’ e/ou ‘indisciplinadas’, atualmente são considerados portadores de uma disfunção no cérebro” (p.75).

Podemos também apontar para as faltas de disponibilidade no estabelecimento de relações com profundidade suficiente para que afetos e compromentimentos de corresponsabilidade pelo desenvolvimento do outro se estabelecem, em função de uma imperiosa exigência de adequação ao imediato, ao curto prazo e à velocidade que a sociedade contemporânea nos traz (Ferraz, 2010; Bauman, 2011, citado por Damasceno & Aguiar, 2016).

Sendo assim, parece que ninguém escapa imune nessa sociedade que, em meio a tantas faltas, responde com excessos de controle e normatizações, numa tentativa de padronizar e ajustar comportamentos infantis que, por ora, sejam destoantes do esperado/desejado, como Bandeira (1992), em seu romance *A Droga da Obediência*, diz:

Sim, sim, sim... a droga funciona bem. Aliás, funciona completamente bem, aliás funciona completamente... [...] De todas as gaiolas, lotadas com os mais diferentes animais, não saía nenhum som, não se percebia nenhum movimento, como se todos os bichos estivessem mortos. Mas eles estavam vivos, bem vivos, com os olhos parados, olhando para o nada... (p. 55).

2 – “O CAMINHO É DELA, MAS A CAMINHADA É NOSSA”

“O caminho é este, tem pedra, tem sol,
Tem bandido, tem mocinho
Tem você amando
Tem você sozinho
É só escolher
Ou vai, ou fica.
Fui.”

(Martha Medeiros, 1999)

Escrevi a frase que intitula esta seção num *post*¹⁷ na internet que fiz sobre o primeiro dia de aula da minha filha, Maria Clara, no quinto ano do Ensino Fundamental, em 2019. Sabe quando uma frase sai tão fácil e naturalmente que até parece que aquilo já estava pronto dentro de você? Essa frase, que concluiu um daqueles “textões” que vemos circular na *internet* e pouco se lê (o meu não foi diferente) veio como o laço que faltava para amarrar a ideia que eu defendia de que a história escolar de uma criança não é contada apenas sob a ótica e olhares dela, e sim de outros tantos personagens presentes nessa cena. “O caminho é dela, mas a caminhada é nossa” – nossa como pais, educadores, instituições, sociedade, Estado.

Assim foi o caminho e a caminhada nesse percurso metodológico que, antes de tratar-se da construção dos dados que fossem capazes de responder à minha pergunta

¹⁷O texto, na íntegra, está no Apêndice A.

norteadora para este trabalho de pesquisa, refere-se à construção e o nascimento de uma pesquisadora que, voando alguns ventos, chegou de volta até aqui.

2.1 – Escolhendo a rota

Para conhecer o processo de constituição do diagnóstico do TDAH em sala de aula, seus entremeios, nuances e contradições, escolhi estar dentro de uma sala de aula, partilhando da rotina de uma turma de crianças de segundo ano de ensino fundamental, e sua professora.

Meu trabalho de campo teve como inspiração a pesquisa etnográfica, estratégia de pesquisa que, de acordo com Sato e Souza (2001), possibilita acessar a complexidade e a singularidade dos processos e interações sociais das pessoas e relações que compõem o local onde o estudo acontece.

Para fazer os registros da minha experiência em campo, e das minhas caminhadas na pesquisa¹⁸, mesmo que fora da escola, usei um caderno comprado e pensado especialmente para tornar-se meu diário de bordo, e ofereci um outro para servir como diário de bordo da professora¹⁹. Meu diário de bordo foi meu companheiro inseparável durante todo o tempo em que a pesquisa aconteceu, testemunhando minhas observações, meus pensamentos, dúvida, angústias e questionamentos, pois de acordo com Bosi (2003),

Para emprendermos tal aventura [pesquisa de campo], útil é nos munirmos como etnólogos de um diário de campo, onde iremos registrando dúvidas e dificuldades.

¹⁸Registros das reuniões de orientação em grupo e individuais, registros dos contatos preliminares com a escola ou das minhas dúvidas e reflexões durante o processo de escrita. Os registros completos do meu diário de bordo estão no Apêndice B.

¹⁹O diário de bordo da professora foi entregue a ela no meu primeiro dia em sala de aula com a turma e recebido de volta ao final da minha estada na escola. Os registros completos do diário de bordo da professora estão no Apêndice C.

Nossas falhas, longe de serem um entrave, irão, se compreendidas, aplinar o caminho dos estudiosos que nos agradecerão por tê-las apontado (p.61).

O diário de bordo da professora foi entregue por mim, em mãos, no primeiro dia em que estive em sua sala de aula:

Entrego-lhe seu diário de bordo, mostrando o meu, dizendo que ali ela poderá registrar tudo o que quiser sobre sua rotina escolar até o final do ano. Explico que farei o mesmo, e que esses registros serão importantes para a pesquisa. Ela fica feliz e agradece. (Diário de bordo da pesquisadora)²⁰.

Além das observações e compartilhamento das experiências no campo, que daqui em diante nomearei apenas como a “escola”, pensamos que uma entrevista com a professora regente da turma seria de grande valia para que eu pudesse apreender mais sobre os caminhos do TDAH dentro da escola.

A entrevista, como recurso precioso em pesquisa qualitativa, configura-se antes como um momento de investimento de atenção e tempo do pesquisador para com o entrevistado. Segundo Bosi (2003),

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum, e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de lembrar quanto o das pessoas ditas importantes (p. 61).

²⁰ Todos os trechos extraídos das transcrições das entrevistas e dos diários de bordo (pesquisadora e professora) serão apresentados no corpo do texto em itálico, como forma de melhor apresentação estética e de dar destaque aos frutos cultivados durante minha estadia em campo.

No entanto, como nos ensina Rockwell (s.d. citado por Sato & Souza, 2001), a entrada no campo nunca é neutra e, por isso, tanto o pesquisador quanto as pessoas do local a ser pesquisado tendem a falar ou fazer coisas em função das concepções prévias que cada um tem do outro. Por esse motivo, a entrevista com a professora regente da turma a mim destinada foi realizada mais de dois meses após minha entrada na escola, quando os vínculos e laços de confiança mútua já tinham sido estabelecidos.

O roteiro de entrevista abarcou itens como informações gerais sobre a formação docente da professora; suas concepções acerca de como se dá o processo de aprendizagem de uma criança; seus entendimentos sobre o TDAH e suas características, dificuldades e manejo dentro e fora da escola²¹.

2.2 – De frente para o mapa

Deixe-me, antes de lhes contar como foi essa caminhada, falar um pouco sobre o lugar que me abrigou semana após semana do segundo semestre do ano letivo de 2018. Trata-se de uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Uberlândia-MG, situada num bairro do setor leste²² do município.

Nos arredores da escola há uma boa infraestrutura de transporte e comércio, contando ainda com uma praça sempre bem cuidada, para a qual parte do deslocamento dos moradores, pois a linha de ônibus circula nesse entorno. No entanto, basta andar algumas quadras em qualquer direção partindo da escola, para percebermos que se trata de um bairro periférico, que parece concentrar sua pouca infraestrutura ao redor da escola e da praça.

²¹O roteiro de entrevista com a professora regente está no Apêndice D.

²²De acordo com mapa disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/19981.pdf>, acesso em 22/08/2019.

A estrutura física da escola em pouco se difere das demais instituições de ensino públicas, sendo marcada pela escassez de recursos visíveis tanto no espaço físico quanto nos materiais de recursos pedagógicos. Por vezes, vi a professora regente da turma que acompanhei, levando de sua própria casa, materiais que usaria em sala (como um mapa do Brasil que ela mesma fez usando várias folhas de papel sulfite xerocadas em preto e branco, coladas, feito quebra-cabeça, sob a lona de um banner antigo que ela encontrou no lixo, ou reaproveitando fita adesiva usada em sala de aula numa atividade anterior).

As crianças tinham pouco espaço físico para brincar no intervalo, mas também me perguntei várias vezes: “e que tempo elas têm para brincar, tendo de usar seus poucos 15 minutos de recreio para aguardar a fila da merenda, lanche, e estarem a postos na fila dentro do ginásio – que não podia ser usado durante o recreio – para então retornarem às suas salas?”

É isso mesmo. A escola tinha uma quadra coberta, que chamavam “ginásio”, mas esse espaço ficava fechado durante todo o recreio, abrindo apenas cinco minutos antes do fim do intervalo, para receber as crianças que deveriam se posicionar em fila e aguardar suas professoras chegarem para conduzi-las até suas salas de aula. Ao que pude perceber, havia um temor da dispersão das crianças e uma suposta perda de controle. Nessa lógica, a escola vai simplificando procedimentos, organiza tempos e espaços geralmente em função do adulto e, com isto, parece dizer às crianças que elas não são capazes de se controlar, de estar na instituição sem essa organização.

Logo nas primeiras semanas em que eu estava lá, uma daquelas chuvas torrenciais de final de setembro caiu no meio da tarde, em pleno recreio. Vi crianças se revezando entre correr, se divertir e saudar as primeiras chuvas que punham fim à seca de meses, mas tendo que se acomodar no pouco espaço coberto, onde ficam as mesas e bancos para o lanche. O ginásio permanecia fechado.

Partindo do pátio central, onde a merenda era servida, uma rampa nos levava para as salas de aula. Dois lances de rampa para cima, e um corredor dobrando à direita, distribuía as salas de aula. A sala da turma que me abrigou era como as outras, no que diz respeito à estrutura física: um tanto de carteiras quebradas acumuladas no fundo da sala, um pequeno armário de aço onde a professora guardava seus materiais, janelas (com grades) que permitiam certa circulação de ar e iluminação, ventiladores de teto e parede, quadro branco com pinceis que sempre falhavam, e um tanto de material reciclável que a professora Lírio do Vale²³ sempre arrecadava e juntava na sala - “Uma hora podemos usar”.

A professora da turma Tulipa sempre gostava de expor nas paredes os trabalhos dos diferentes projetos trabalhados pelo grupo. Era comum que eu chegasse a cada nova semana, percebendo uma nova “decoreação” nas paredes da sala, com os trabalhos produzidos pelos alunos ao longo da semana.

A escola tinha ainda uma sala de computação, mas com máquinas que não funcionavam bem e sem *internet* disponível em todas elas (com sinal que deixava muito a desejar), que também era usada como sala de vídeo, pois nela havia um retroprojeter. Havia também uma biblioteca muito bem cuidada e colorida, uma sala onde alunos podiam ter aulas de música oferecidas pelo Instituto Alexa²⁴, e, para minha surpresa, nos fundos da escola, havia um jardim e um horta, todos cuidados pelos alunos e, em especial, pela diretora, que tinha um apreço especial por flores.

²³ “Lírio do Vale” foi o nome escolhido pela própria professora para resguardar o sigilo de sua identidade. Segundo ela, quando a convidei a escolher um nome fictício que pudesse nos remeter a alguma flor, Lírio do Vale “significa: humildade, pessoa amorosa. Tentando ser um pouquinho de cada”.

²⁴ “Organização da Sociedade Civil - sem fins lucrativos que desenvolve atividades com crianças e adolescentes de 6 a 16 anos em parceria com associações e escolas da rede pública, nas áreas de cultura, educação, meio ambiente e saúde, com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos conscientes”. Disponível em <<http://www.institutoalexa.org.br/>>, acesso em: 30/08/2019.

No geral, no dia a dia, a escola tinha as mesmas cores sóbrias, típicas das padronagens arquitetônicas das construções feitas por atacado: tijolos à vista, paredes neutras (acinzentadas, marrons e brancas), mas na Festa da Primavera... Ah! Foi diferente. Eu tive a nítida impressão de estar noutra lugar. Toda a escola estava enfeitada por flores de papel, muito coloridas. Todos pareciam se sentir num imenso jardim e sendo parte, efetivamente, dele. Me perguntei: Por que precisei chegar em novembro para ver toda a escola tão colorida assim?

Dentre as atividades que presenciei e participei durante minhas observações na sala Tulipa, faço especial destaque ao dinamismo e criatividade da professora Lírio do Vale no planejamento das atividades que abriam as semanas, representados pelo “mercadinho”²⁵ organizado com embalagens vazias para o estudo do sistema monetário brasileiro; o “gráfico humano”²⁶ elaborado com os próprios alunos para aprender as primeiras noções e funções sobre gráficos; e a preparação para a feira de ciências cujo tema foi “corpo humano”, montando, em grupo, a partir de chapas de Raio-X arrecadadas pela turma, um esqueleto²⁷.

2.3 - Das várias flores

Nesse caminho encontrei flores de todas as cores, formatos e tipos, mas duas espécies especiais coloriram meu caminho: Margarida e Tulipa²⁸. A escola que me abriu as portas tão gentilmente desde o primeiro contato, tem uma característica que muito me despertou atenção pelo caráter inovador que me pareceu: as turmas não são nomeadas,

²⁵O leitor encontrará mais detalhes dessa atividade na p. 124 desta Dissertação (Diário de Bordo da pesquisadora).

²⁶O leitor encontrará mais detalhes dessa atividade na p.128 desta Dissertação (Diário de Bordo da pesquisadora).

²⁷O leitor encontrará mais detalhes dessa atividade também na p.128 desta Dissertação (Diário de Bordo da pesquisadora).

²⁸Todos os nomes reais (turmas, professora, alunos, diretora, supervisora, mãe) serão substituídos para garantir o sigilo necessário à pesquisa.

tradicionalmente, com letras do alfabeto como, por exemplo, 1ºano A ou 2ºano D, mas sim com outros nomes escolhidos aleatoriamente, para evitar, segundo a direção da escola, a conotação de turmas melhores ou piores, privilegiadas ou inferiorizadas. Para este trabalho, para não identificar a escola e pelos sentidos que as flores têm na minha vida, usarei nomes de flores.

Já nos primeiros meses do calendário acadêmico no mestrado, fiz contato com essa escola, e nesse sentido, não tive nenhuma dificuldade. As portas estavam abertas graças à competência e postura ética de uma colega do nosso grupo de pesquisa, que havia encerrado suas atividades em campo no final do ano anterior. Ela, a colega, me disse: “a diretora é muito aberta, muito disponível”. Logo no primeiro contato ao telefone percebi que Rosa²⁹ se mantinha com a mesma abertura e disponibilidade para receber pesquisadores, projetos sociais, projetos de extensão e tudo o mais que possa somar à escola na busca de uma educação de qualidade.

Nosso primeiro encontro foi marcado para dias depois. Era a volta de um feriado no qual tinha viajado para visitar minha família. Na estrada me deparei, pela primeira vez, com um enorme campo de margaridas. Sem a menor dúvida, parei o carro e, não apenas admirei a beleza que se exibia aos meus olhos, como também registrei em fotos para tê-las comigo. Ficaram lindas, e eu ainda estava tomada por toda aquela beleza.

Após apresentar minha proposta de pesquisa para Rosa, esclarecendo que dentre os recursos de construção dos dados de pesquisa, eu precisaria fazer observações semanais numa turma de segundo ano do ensino fundamental, e realizar uma entrevista semiestruturada com sua professora regente, a conversa nos leva para a importância da arte na educação, pois na sala ao lado um grupo de crianças e jovens tocava alguns instrumentos musicais.

²⁹Esse será o nome que atribuirei à diretora da escola; por vezes, eu mesma trocava seu nome real, sem entender o porquê, por Rosa.

Rosa me conta que escreve poemas, e que escreve sobre flores. As afinidades já estavam postas, mas algo veio como ápice: Rosa me conta que as turmas na escola não são nomeadas tradicionalmente com letras do alfabeto e que, dado o objetivo do meu trabalho, ela imaginava que a turma Margarida seria a turma mais adequada para minha pesquisa de campo.

Ao ouvir isso fui tomada de um grande arrepio pelo corpo. Contei-lhe sobre as margaridas da estrada ainda tão vivas na minha memória, mostrei-lhe as fotos, e entendemos que já havia um terreno fértil que permitiria brotar ali, um belo trabalho.

Alguns meses se passaram desde o primeiro contato com a escola para que os trâmites da aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética da Universidade acontecessem. Já com tudo aprovado³⁰, passamos ao segundo passo – planejar o início das minhas atividades, conhecer a professora que me receberia semanalmente em sua sala de aula e a supervisora pedagógica responsável pela turma.

Ao chegar, fui logo encaminhada para a sala da supervisora que já me aguardava. Apresentei-me, falei do meu projeto de pesquisa e da minha trajetória profissional culminando, neste momento, no início de um percurso como pesquisadora. Eu esperava conhecer a professora da turma Margarida, mas nessa conversa, Violeta³¹ anuncia que meu cultivo dos dados aconteceria noutra turma. Na verdade, não sei se a intenção era me oferecer uma outra turma escolhida aleatoriamente, como eu sugeri, ou colocar-me em uma turma específica, de uma certa professora específica, disponível e dedicada o suficiente, segundo a supervisora, para ser “*merecedora*” de ajudas com casos “*complicados*” que vinha enfrentando em sua sala de aula.

³⁰Projeto aprovado no Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia com CAAE 91891318.0.0000.5152.

³¹ Esse será o nome atribuído à Supervisora Pedagógica da escola.

Senti, nesse momento, que estava sendo colocada no lugar de quem acabava de chegar para ajudar uma professora em apuros; e como quem tenta se agarrar a definições pré-estabelecidas sobre a imparcialidade em pesquisa, temi que essa troca pudesse inviabilizar meu estudo.

Esse início de caminhada como pesquisadora foi marcada por muitas dúvidas e inseguranças no que tange à forma e tentativas reiteradas de me apropriar desse papel, pois como ensinam Bogdan e Biklen (1994), “não é só preciso aprender os aspectos técnicos da forma como deve proceder, como também é preciso sentir que esse papel é autêntico e que se ajusta a si.” (p.122).

A escolha da turma estava feita; ao invés de Margaridas, eu conviveria com Tulipas e sua professora regente Lírio do Vale³², uma professora experiente, sensível, já aposentada, mas que seguia em sala de aula. Ela, a professora, foi convidada a juntar-se a nós. Segue um fragmento do meu Diário de Bordo:

A professora pareceu-me à vontade com sua escolha (a escolha de sua turma), mas mencionou uma possível preocupação quanto a ser “favorecida” ou “preferida” da supervisora (aqui minha impressão sobre a escolha pelas relações de afeto parecem se confirmar, pode ser que haja uma repetição de situações como essas em que, supostamente, ela é favorecida). (Diário de Bordo da pesquisadora).

Os principais personagens da minha pesquisa já estão quase todos apresentados, mas restam agora as crianças, mas antes de chegar até elas, era preciso uma autorização formal de seus pais. Convidamos todos para uma reunião e, dos 19 alunos, tivemos sete

³² Para garantir o sigilo e preservar a identidade da professora, usarei esse pseudônimo, escolhido por ela mesma, que significa, segundo palavras dela: “*humildade, pessoa amorosa. Tentando ser um pouquinho de cada*”.

responsáveis por estes na reunião. Os que não compareceram receberam a carta de autorização das mãos da professora ao longo da semana. Sobre a reunião, vejamos um fragmento do meu diário de bordo:

Inevitavelmente, fui questionada sobre as ajudas que eu poderia oferecer às crianças enquanto estivesse na escola. O psicólogo como especialista, quando entra no contexto educacional, ainda por cima tão cheio de limitações e precariedades, parece ser colocado ainda mais no lugar de quem porta um saber sobre o desejo do outro, como me ensinou a Psicanálise tanto tempo, ou trata-se aqui, de mais uma evidência do caráter medicalizante e patologizante da nossa prática profissional, que temos insistido em reforçar? (Diário de Bordo da pesquisadora).

A escola, a professora e os pais dos alunos, para além da simpatia e disponibilidade em abrirem-se todos à minha presença para a realização da pesquisa, demandavam de mim uma contrapartida: *“O que você fará por nós? Como nos ajudará?”*. Ainda de forma racional e rígida, respondi *“demarcando de quais formas eu ajudaria naquela função para a qual estava me apresentando a eles – através da pesquisa e seus resultados.”* (Diário de Bordo da pesquisadora).

Chegamos, agora, aos alunos. No dia combinado com a supervisora para que eu pudesse conhecer as crianças da turma Tulipa, percebi que a professora não tinha sido avisada da minha presença. Ao chegar à porta da sala, *“fui recebida como a ‘Surpresa’ que a professora tinha mencionado”* (Diário de Bordo da pesquisadora).

Estavam todos curiosos para saber quem eu era e o que eu estava fazendo na escola. Ouviram-me atentamente falar um pouco sobre tudo, e principalmente sobre como

eles eram importantes para o meu trabalho. Nesse momento ouvi de uma menina: *“Então você está na UFU para ficar ainda melhor em cuidar dos sentimentos das crianças?”*. Respondi: *“Sim, acho que é isso sim”* (Diário de Bordo da pesquisadora).

Depois das explicações, falei com eles sobre a importância do consentimento deles para que eu pudesse estar na sala de aula da turma Tulipa uma vez por semana até o final do ano. Sobre esse momento, vale mais um fragmento do meu diário de bordo:

Expliquei que eu só poderia estar na sala deles se todos autorizassem, já que aquele era o espaço deles, e todos poderiam decidir. Que respeitava qualquer decisão diferente e que isso estava tudo bem. Li a carta em voz alta para todos acompanharem e ao final, em coro, todos diziam que eu poderia estar na sala de aula deles para desenvolver a pesquisa, ouvi de uma menina sentada no canto direito da sala, um sonoro e desafiante “NÃO”. Os colegas diziam “sim”, ela dizia “não”, ao que lhe dei voz pedindo que me contasse o porquê “não”. Ela disse: “porque você virá apenas uma vez na semana, e poderia ser todos os dias”. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Com essa calorosa recepção dos alunos da turma Tulipa, o elenco principal que compôs a cena do cotidiano escolar na produção do diagnóstico do TDAH está completo: a turma Tulipa e sua professora regente, Lírio do Vale, fizeram parte dos meus dias até dezembro de 2018, mas deixaram sementes na minha vida que tenho certeza de que ainda florescerão noutros tantos agostos ou dezembros.

E assim a terra onde cultivei os dados dessa pesquisa foi preparada, adubada e irrigada. Daqui em diante, segui com o plantio. Foram catorze tardes da minha presença nem tão somente observatória junto à turma Tulipa; vários encontros de Orientação às

vezes individual, outras em grupo, mas sempre efetivamente orientadores e acolhedores; uma participação na Festa da Primavera, a principal festa realizada pela escola e uma ida ao cinema com ares de gratidão e despedida.

2.4 - As curvas do caminho

O caminho não foi uma reta a perder de vista. Encontrei algumas curvas, umas mais suaves, outras mais sinuosas. Certa, por prerrogativa da minha experiência profissional, de que encontraria cenas típicas e escancaradas de condutas medicalizantes e patologizantes do processo educacional, encontrei a primeira curva pelo caminho.

Não sou uma pesquisadora experiente, aliás, julgo-me ainda um tanto frágil e insegura nesse papel, mas considero-me uma profissional especializada na compreensão do comportamento e subjetividade humana com experiência suficiente para estar atenta às nuances relacionais que encontraria por ocasião da minha estada na escola. A primeira curva me revelou que, se tudo estivesse na superfície do óbvio, talvez não precisássemos realizar pesquisas.

Durante uma reunião de orientação realizada após os primeiros sete encontros com a turma Tulipa, compartilhei com o grupo todas as minhas impressões até então. Destaquei cenas importantes que versavam sobre a criatividade e sensibilidade da professora junto à turma e, visivelmente encantada, porém angustiada, me perguntei se, de fato, encontraria o que estava procurando. Se isso acontecesse seria preciso recalcular minha rota, redefinir o mapa, e para isso eu precisaria de algum tempo.

Essa curva teve angulação suficiente para não me fazer parar a caminhada, mas reduzir a velocidade e estar mais atenta ao caminho. Foi então que entendi que seria preciso fazer algumas alterações no formato que eu estava adotando para as observações. Todas as segundas-feiras das 13h30min às 16h eu estava na escola. Toda semana já me

esperavam da mesma forma. Discreta e receptiva aos carinhos das crianças, eu sempre chegava no mesmo horário em que todas estavam sentados no chão, fazendo a “rodinha”³³, ia me sentar na última carteira da primeira fila, de modo a causar o menor tumulto possível na dinâmica que estava acontecendo. Percebi que, se eu quisesse apreender algo diferente dessa rotina, deveria olhar diferentemente para ela.

Já no próximo dia em que fui à escola meu olhar de pesquisadora dava sinais de sutis mudanças, como registrei no excerto abaixo.

Pela primeira vez, hoje ao entrar na escola, olho para dentro das salas de aulas por onde vou passando. Acho que para ver se em outras turmas percebo tantos investimentos de diferentes atividades como as que vejo na sala Tulipa. Vejo cinco salas de aulas antes de chegar à turma Tulipa, e me chama a atenção que em todas, sem exceção, tem todas as crianças sentadas, algumas poucas prestando atenção, outras distraídas, outras tantas dormindo. Todos estão sentados tradicionalmente em suas carteiras, olhando para a professora posicionada à frente da sala. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Até esse momento, não tinha ampliado meu olhar para além das paredes da sala Tulipa, nem tampouco para além das relações com as pessoas que inicialmente fariam parte da minha rotina de observação. Estive diante de outra curva no caminho, mais suave, mas não prevista: um novo personagem fazia parte da cena que eu observava-participava. Luís, professor Assistente de Alfabetização vinculado ao Programa Mais Alfabetização³⁴,

³³Todas as segundas feiras a turma se reunia no início da aula sentados no chão para conversarem sobre o final de semana e introduzir o tema ou assunto que seria abordado em aula naquela semana.

³⁴ Programa do governo federal instituído pelo MEC em 2018 através da Portaria Nº 142/2018, que tem como objetivo prover recursos técnicos e financeiros às escolas para o processo de alfabetização de crianças regularmente matriculadas nos dois primeiros anos do ensino fundamental. Para maiores informações consulte: <<https://maisalfabetizacao.caeddigital.net/#!/pagina-inicial>>.

que esteve presente na nossa sala de aula em pelo menos dez dos 14 encontros que realizei com a turma Tulipa. Por que não ouvi-lo também? O convite foi feito e aceito. O roteiro de entrevista preparado para ouvir apenas a professora Lírio do Vale, foi adaptado para ouvir, também, o Luís³⁵, e assim como no roteiro elaborado originalmente, buscamos compreender as concepções do professor de apoio acerca do amplo processo de ensino e aprendizagem no percurso de escolarização de uma criança, compreender melhor o programa Mais Alfabetização ao qual ele fazia parte, além de investigar quais eram seus conhecimentos e entendimentos acerca do TDAH.

Nesse mesmo dia, um novo elemento surgiu, e junto com o carinho das crianças no momento da minha chegada à sala, recebo também um abraço da professora:

Chego e estão todos na rodinha. Antes que se levantem para me abraçar, Lírio do Vale lembra: “em fila pessoal, senão vocês derrubam a tia Valéria”. Recebo os beijos e abraços de todos, inclusive da professora, pela primeira vez, no final da fila. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Como o passar do tempo e o desenvolvimento das relações com o grupo, comecei a participar mais das atividades que observava de longe, sentir-me à vontade nessa participação, e já mais aceita pelo grupo, começo também a conquistar a confiança e o afeto da professora.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), “nos primeiros dias de observação participante, por exemplo, o investigador fica regra geral um pouco de fora, esperando que o observem e aceitem. À medida que as relações se desenvolvem, vai participando mais” (p.125). No entanto, quando falei com Lírio do Vale sobre a necessidade de

³⁵O roteiro utilizado para entrevistar o professor auxiliar de alfabetização está disponível no apêndice F desta dissertação.

marcamos nossa entrevista, ela já estava se sentindo à vontade o suficiente comigo para mostrar-se preocupada:

Falo com Lírio do Vale também sobre quando podemos fazer a nossa entrevista, e ela se acanha. Diz ter medo de responder algo errado. Respondo que não há certo ou errado, mas que é muito importante para mim, saber o que ela pensa sobre determinadas questões que farei nessa entrevista. Menciono que Luís também foi convidado a participar, ela se alegra e diz: “podemos fazer juntos?” Sorrindo respondo que não, mas complemento que ela não precisaria se preocupar. Será uma boa prosa, e eu tenho certeza que não teria novidade alguma. Ela completa: “não tenho muito a dizer, minha prática é essa aqui, você já viu tudo.” Sigo: “estou muito feliz em conhecer sua prática, mas ainda não tivemos chance de conversar melhor, quero te conhecer também, e essa é a oportunidade.” (Diário de Bordo da pesquisadora).

A entrevista³⁶ com a professora foi marcada para a próxima semana, para ser realizada durante o período já previsto para minha estada na escola, por sugestão dela, apoio do professor assistente de alfabetização e consentimento da supervisora. Assim, grandes ajustes de horários e deslocamento não precisassem ser feitos. Como Lírio do Vale deixaria atividades programadas para Luís conduzir junto aos alunos, tínhamos um lugar seguro e privativo o suficiente para que o sigilo do momento da entrevista ficasse garantido, e a professora demonstrou sentir-se confortável em realizarmos a entrevista na própria escola. E assim aconteceu.

³⁶A transcrição da entrevista na íntegra, está no Apêndice E.

Ao chegar à porta da sala, logo percebi que algo estava diferente: todos em fila, cabeças baixas, porta fechada. Estavam fazendo a prova chamada “Somativa³⁷”, do Governo Federal, que avalia as competências desenvolvidas no processo de alfabetização.

Ninguém esperava por essa prova naquele dia, e a professora estava séria, rígida e dava as orientações necessárias e permitidas, para que as crianças resolvessem as questões. Algum tempo depois, percebendo o cansaço dos alunos, Lírio do Vale opta por interromper a prova e continuar no dia seguinte, segundo ela, *“se ela seguisse ali, forçando eles, ela não encontraria o resultado ou o objetivo da prova, que é o de medir o que eles aprenderem... ‘cansados, eles não vão mostrar o que aprenderam’”*. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Outro fragmento do meu diário de bordo nos conta um pouco como chegamos ao momento da entrevista:

A professora recolhe as provas e explica aos alunos que eles concluirão amanhã. Ela explica ao Luís a atividade que preparou para deixar que ele conduzisse a turma enquanto estivéssemos fazendo a entrevista. Um menino me pergunta brincando: “O que você vai fazer com a minha professora?”. Explico para a turma tudo o que faremos, conversaremos, relembrando os objetivos do meu trabalho e o que combinamos no nosso primeiro encontro. Prometo que a devolverei para eles e que eu também voltarei para despedir-me deles.

Seguimos para a biblioteca. No caminho encontramos a supervisora. A professora sorri esperando o consentimento dela – “Estamos indo, tá? Onde ficamos? Na

³⁷Prova que compõe o Programa Mais Alfabetização do Governo Federal, criado em fevereiro de 2018, visando apoiar as escolas no processo de **alfabetização** de alunos do primeiro ano e no segundo ano do Ensino Fundamental, que avalia os principais conteúdos de matemática e português. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/46201> acesso 30/09/2019.

biblioteca? A informática está fechada...”. Ela responde: “sim, podem ficar na biblioteca, não há nenhuma atividade marcada para hoje”.

Entramos e nos acomodamos. Estamos ansiosas. Eu pela novidade dessa etapa na construção dos dados e como pesquisadora, ela com receios de não saber as respostas.

Explico que não há acertos ou erros e que o que me importa é o que ela pensa sobre as questões pensadas no roteiro de entrevista. Mostro-lhe as questões do roteiro, mostro-lhe o gravador, pergunto se ela me permite usá-lo, recebo seu consentimento e começamos. (Diário de Bordo da pesquisadora).

2.5-Cuidado: Curva sinuosa à frente!

A entrevista com a professora Lírio do Vale revelou, dentre outras coisas, a existência de duas crianças, Vitor e Gabriel³⁸, que fazem parte da turma Tulipa, diagnosticadas com TDAH e que eu, ao longo desse tempo todo nunca tinha percebido qualquer indício, na dinâmica de sala de aula, da existência desses diagnósticos em relação aos meninos.

Falo “supostamente”, pois na entrevista a professora não deixa muito claro se de fato há um diagnóstico formal atribuído a um dos meninos a quem faz referência, e a cena em torno de um suposto diagnóstico e tratamento desse menino fica um tanto nebulosa, entre a família e a escola.

Valéria, olha, não é bem o diagnóstico feito por um especialista, a gente tem o Gabriel que vem sendo acompanhado por um psicólogo, mas até hoje a mãe não trouxe o relatório, mas a gente tá sempre cobrando pra saber o que a psicóloga

³⁸ Nomes fictícios, escolhidos por mim.

tem observado, se é a mesma coisa que a gente observa aqui, ou se a gente que tá observando errado... então ele é um menino que, no meu ver também, precisa de um estudo melhor a respeito desse quadro dele, que eu acredito que ele também seja, que ele também tenha. O Vinícius, pra mim é num grau moderado, leve, o Gabriel já é um pouco mais acentuado, apesar de que as características sejam totalmente diferentes. (Entrevista com a Professora).

Eis que meu caminho nesse cultivo dos dados para a minha pesquisa faz uma nova curva, agora bem mais sinuosa. Antes angustiada, pensando que talvez não encontrasse processos medicalizantes acontecendo na sala de aula que me foi dada a observar, e meus objetivos teriam que ser revistos, já nas últimas semanas de trabalho de campo, para minha surpresa, me aparecem dois casos (supostamente) diagnosticados, sendo um deles com a evidência de um percurso formal de avaliação que teria acontecido ao mesmo tempo em que eu iniciava meus primeiros passos na escola.

Por que não vi isso acontecer? Minha inexperiência no papel de pesquisadora me impediu de ver? Deixei-me tomar pelo encantamento diante da criatividade e intensidade da professora em seu papel pedagógico nas segundas feiras? Enredei-me pela teia tecida quando da “escolha” que a escola fez de qual turma ou professora eu acompanharia? Reduzi muito meu olhar à sala de aula desconsiderando que um processo de escolarização acontece para além das paredes, teto e chão da sala de aula?

Na banca de qualificação desta dissertação, as professoras Anabela e Deborah me ajudaram a compreender que por mais que eu tivesse quase certeza de que encontraria processos medicalizantes da/na educação, pautada pela minha experiência pregressa na clínica da infância, meu olhar sempre esteve direcionado às potencialidades e descobertas do novo e do saudável nas práticas pedagógicas da professora que me abrisse as portas da

sua sala de aula. Há aí contradições? Sim. Certo que sim. Olharei de frente para elas na Seção “É tempo de colheita”.

As reuniões de orientação em grupo foram, para mim, se constituindo como bons redutores de velocidade nessa caminhada, de modo a chamar minha atenção para olhar atentamente a paisagem, a olhar mais cuidadosamente para a caminhada e não somente para o destino final, a chegada.

De acordo com Sato e Souza (2001), em um processo de pesquisa etnográfica, é fundamental que o pesquisador esteja sempre muito atento a ele mesmo, “uma vez que é a sua relação com as pessoas do local e dele com as teorias e hipóteses que gerarão os achados” (p. 49). Em grupo, pensamos em como seria rico ouvir a mãe daquele menino recém-diagnosticado com TDAH para conhecer melhor a estrada que eles percorreram até chegar à placa “Seja bem-vindo ao TDAH”, estrada essa que, agora, cruzou também o meu caminho.

2.6 - Atenção: Desvio à frente!

A essa altura, já tinha percebido que meu caminho não seria tão retilíneo como pensava, nem com vegetações tão uniformemente distribuídas pela paisagem. Ao abrir estradas, interferimos na natureza; ao entrar um novo elemento num grupo, interferimos em sua dinâmica. Nesse processo, também nos modificamos.

Em pesquisa qualitativa, isso já é esperado, e está tudo bem. O importante é que isso seja levado em consideração e que, como pesquisadores atentos, saibamos considerá-las em nossas discussões. Como reiteram Bogdan e Biklen (1994), “a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo” (p. 49).

Hoje é minha primeira atividade de campo fora da segunda feira. Percebo as diferenças já na chegada: todos em fila, em suas carteiras, copiando um poema do quadro. Uma criança, ao me ver diz: “tia, mas hoje não é segunda feira!”. Sorrindo e surpresa pela rápida percepção deles, respondi: “é verdade, mas como não pude vir na segunda e fiquei com muitas saudades de vocês, vim hoje!”.

Para não se dispersarem, a professora sugere que os beijos e abraços sejam dados no intervalo. Sentei-me no fundo da sala. Lírio do Vale diz: “Vai ter um prêmio, sabe, Tia Valéria, pra quem decorar o poema³⁹ do Manuel Bandeira”. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Já no primeiro dia em que fui à escola num dia diferente da semana, foi possível perceber importantes diferenças na dinâmica da sala de aula na turma Tulipa. Essa mudança não se deu sem prévio aviso a todos (diretora, supervisora, professora e alunos). Havia justificado que, em função de alterações na minha agenda, eu não poderia seguir nas segundas-feiras e que até o final do ano, concluiria meu trabalho de campo indo à escola às sextas-feiras. A mudança não foi marcada por objeções por parte deles, mas foi marcada para mim, como um grande desvio no caminho que estava seguindo, me sendo oportunizada a percepção de outras paisagens passíveis de serem vistas num processo de escolarização.

E por falar em paisagens diferentes das que estava me acostumando enquanto a estrada estava retilínea, eis aqui a descrição de uma vegetação árida e seca:

³⁹O poema referido é “Trem de Ferro”, e o texto na íntegra consta do Anexo A.

Há uma professora da escola que atua como auxiliar de alfabetização das crianças. Noutro dia Lírio do Vale me apresentou-a rapidamente pela porta. Professora Olívia⁴⁰. Hoje ela foi para dentro da sala com os dois meninos. Normalmente ela trabalha no pátio, já a vi lá várias vezes, mas hoje, em função da limpeza, ela foi contrariada para a sala. Sentaram-se ao meu lado. Mal consigo falar agora do mal estar que me causou estar perto deles e ver como ela os tratava. Ela ameaçava as crianças, humilhava, diminuía. “Vocês são mole!” ou “que letra feia!” foram as falas mais brandas que ouvi. “Vou te pegar todo dia até você aprender a copiar rápido!”. “Quer ir lá fora copiar rápido? Quer ir lá fora comigo? Lá te ponho de frente pra parede, quero ver enrolar pra copiar!” (Diário de Bordo da pesquisadora).

Se eu tivesse seguido viagem olhando apenas para o ponto de chegada, eu não teria visto que além das flores, de vida e da água em abundância, há também terrenos pouco férteis para plantio e que, às vezes, todos coexistem num processo de escolarização, uma vez que:

[...] o conceito de escolarização diz respeito ao complexo processo que envolve aspectos relacionados com a instituição escolar: a quem é oferecida, qual a sua função, sua organização, seu currículo, a tecnologia a sua disposição [...], entre outros, inclui os saberes culturais associados a determinados grupos profissionais e a transformação destes em disciplinas escolares. (Ribeiro, 2006, p. 53).

⁴⁰Nome fictício atribuído a uma professora da escola que oferece reforço para crianças que estão com dificuldades de se alfabetizar junto com a turma.

Os dois meninos mencionados no fragmento acima são justamente os dois meninos mencionados na entrevista com a professora, como aqueles diagnosticados com TDAH. Numa ocasião anterior à cena narrada acima, Lírio do Vale refere-se à professora Olívia com grande elogio, mas o que vejo me causa raiva e repulsa.

Como pode uma professora com essa postura ser elogiada por outra professora (Lírio do Vale), que parece ter uma postura pedagógica diametralmente oposta, como descrevo no fragmento a seguir: *“Chega à porta a professora Olívia e Lírio do Vale me apresenta como a ‘alfabetizadora da escola’ – ‘quando alguém está com dificuldade de se alfabetizar em sala, ela resolve rapidinho’”*. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Contradição? Educação e política de boa convivência institucional? Tentarei olhar para além do óbvio. Esse, talvez, seja o real sentido das curvas e desvios dessa estrada.

No primeiro dia após nossa constatação em grupo de orientação, que seria importante ouvir a mãe do menino recém diagnosticado, conversei com a professora e a supervisora a respeito e de ambas obtive consentimento para convidar essa mãe a participar da minha pesquisa por meio de uma entrevista⁴¹ semiestruturada⁴². Ela prontamente se dispôs a participar e marcamos nosso reencontro para a semana seguinte, na própria escola, durante o período em que eu estivesse lá.

Sobre esse momento, busco um fragmento do meu diário de bordo:

Voltei à sala, peguei meu material, me despedi das crianças e fui ao encontro dela. Rosa lhe fazia companhia até minha chegada e cedeu sua sala para nós. Foi uma entrevista tranquila, sem interrupções, e a mãe parecia estar à vontade. Eu também

⁴¹O roteiro de entrevista está disposto no apêndice G desta dissertação.

⁴²A transcrição da entrevista na íntegra encontra-se no apêndice H.

estive mais livre que na entrevista com Lírio do Vale, talvez já me apropriando melhor desse novo lugar de pesquisadora. (Diário de Bordo da pesquisadora).

2.7 - A “reta final” que não foi uma reta

Já na reta final desse percurso, vejo, ainda de longe, o começo do fim desta etapa. Na minha cabeça e na minha vida, para caber a realização do mestrado, distribuí ao longo de todo o primeiro ano todas as atividades obrigatórias que deveria cumprir: disciplinas, comitê de ética, pesquisa de campo. Para o segundo ano estaria “livre” para “só escrever”. Como se escrever fosse apenas um “só”. Quanta tolice! Quanta inexperiência como pesquisadora! Quanto aprendizado emaranhado nas curvas e desvios do caminho, muito mais do que nas retas rasas e simplistas do meu olhar cristalizado por uma experiência profissional que quase me dava certezas de tudo que poderia encontrar.

A arte que se fez presente desde os primeiros contatos com a escola; marcou presença em sala de aula como pano de fundo das atividades realizadas pela professora; entra em cena na fala de Lírio do Vale e da mãe do menino diagnosticado com TDAH como elemento importante na melhora dos sintomas do menino (mesmo que o remédio ganhe posição de destaque), e marca significativamente minha história desde os tempos do estágio em Psicologia Escolar em 2003; agora, surge novamente como linha de arremate desta narrativa. Servindo como uma placa que avisa o viajante que o destino final está adiante, um passeio ao cinema com todos os alunos do segundo ano daquela escola me anuncia: “Seja bem-vinda”.

Eu desejava, profundamente, agradecer a todos, por me permitirem transitar por entre as paredes e muros da escola, pelas relações estabelecidas entre professora, alunos,

famílias. Eu tinha alguns ingressos de cinema⁴³, eram suficientes para levar toda a turma Tulipa para assistir a algum filme que estivesse em exibição no cinema.

Precisava do consentimento da Silvia. Um frio na barriga por não saber se cabia uma relação como essa no contexto da pesquisa. A pesquisadora em construção. Ela aprovou! Não seria diferente dada a sensibilidade e generosidade dela, mas como uma criança que acaba de ter a aprovação da mãe diante de uma brincadeira, eu sorri entusiasmada. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Consegui, através da ADUFU⁴⁴, a doação de um ônibus com 46 lugares. Como muitas crianças já não estavam frequentando as aulas em função do fim das provas regulares, eu pude estender o convite às outras turmas. Conteí a novidade para a diretora e para a professora Lírio do Vale, e elas trataram de fazer os convites aos alunos e providenciar as autorizações para passeios e atividades fora da escola.

As pipocas foram feitas na escola mesmo. Eu, a professora e a cozinheira da escola cuidamos de tudo. Tivemos ainda a ajuda da minha filha e da filha da Lírio do Vale.

Tudo estava pronto:

Quando as crianças começaram a chegar meu coração já estava disparado. Lírio do Vale os recebeu na sala, o ônibus já estava nos esperando. Fui até a sala, eles estavam eufóricos. Com crachás feitos por eles mesmos na escola, fomos para o ônibus. (Diário de Bordo da pesquisadora).

⁴³Em março/2018, organizei, junto a alguns colegas, uma ação social voluntária que levou mais de 600 crianças, em sua maioria, negras e sem nenhuma condição de acesso a uma sala de cinema, para assistir ao filme Pantera Negra.

⁴⁴Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia.

Nosso deslocamento até o shopping foi tranquilo. As crianças estavam eufóricas, e se comportaram muito bem o tempo todo. Na sala de cinema, educação e respeito prevaleceram. Nos minutos finais do filme, Lírio do Vale precisou sair com uma menina da turma Violeta:

Com sintomas de falta de ar e aperto no peito, a menina foi examinada pela equipe de enfermagem que afirmou que o que ela apresentou foi um quadro de ansiedade pela emoção do passeio. Graças a Deus tudo ficou bem, ela se tranquilizou e voltamos para a escola. (Diário de Bordo da pesquisadora).

O encerramento das minhas atividades na escola já estava chegando há dias. No dia 10 de dezembro, quando cheguei à escola para aquele que seria nosso encontro de despedida, marcado por uma simbólica festinha de confraternização, para a qual eu trazia um bolo de cenoura feito por mim, encontrei todas as turmas de segundo ano reunidas na sala de informática para assistir a um filme. As turmas já estavam reduzidas. As provas finais já tinham sido feitas. Restavam frequentando a escola apenas as crianças com mais dificuldades e que certamente fariam recuperação após o dia 15. Um fragmento do meu diário de bordo conta um pouco mais sobre mim nesse dia:

Desde cedo eu já estava com eles na cabeça: fiz um bolo de cenoura para a nossa festinha de encerramento, torci para que eles gostassem, fiquei brava quando minha mãe cortou um pedaço para a Maria Clara... cada coisa em seu lugar! Aquele bolo era para a turma Tulipa, a Maria já teve e ainda terá incontáveis bolos da mãe. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Apesar de programarmos a festinha, apesar de eu me preparar para ela, apesar da turma esvaziada desde a semana anterior, apesar dos enfeites de Natal insistirem em marcar a chegada do final do ano, apesar de tantos apesares, eu não fui me preparando para essa despedida, nem no dia da festa, nem tampouco no dia do passeio.

Ao chegar (do passeio ao cinema), fui direto para a sala da turma Tulipa com eles. Eles tinham feito desenhos no dia anterior para me entregar como surpresa de despedida. Eu não tinha ainda me dado conta que ali seria mesmo uma despedida. Meu coração não estava preparado.

Um a um, a convite da professora, foram falando algumas palavras de gratidão e, com muito choro, me entregaram os desenhos... o menino que estava sendo massacrado pela professora alfabetizadora noutro dia, que eu nunca tinha ouvido a voz durante todos os mais de quatro meses que os acompanhei, falou ao meu ouvido, aos prantos, que eu tinha sido a melhor professora que ele teve. Outra menina franzina mal conseguia falar engasgada no próprio choro. Em meio aos choros, aos abraços, às entregas de desenhos e almas, agradei a eles por terem me ensinado tanto, e por terem me dando a chance de estudar mais e aprender com eles. A professora pediu a palavra e, também chorando, conta que aprendeu muito comigo. Sou pega de surpresa por essa fala dela, pois ela que se tornou nos últimos tempos uma das mulheres que mais admiro e respeito, estava ali declarando que eu a ensinei muito. Segundo ela, minha postura sempre discreta, paciente, de quem “escuta muito antes de fazer”, a ensinou a ser mais paciente e a escutar mais seus alunos. Contou ainda que no início da minha presença na sala ela se angustiava com que tipo de avaliação eu estaria fazendo dela, mas que depois compreendeu

que eu não estava ali avaliando ninguém, e que o que eu estudasse com a pesquisa, ajudaria muito ela e muitas outras professoras que quisessem aprender mais sobre o TDAH.

Estava difícil nos separarmos, nos despedirmos... o sinal tocou, todos tinham que ir embora, mas não queriam. Eu ainda tinha alguns ingressos de cinema e distribuí a cada um a quantidade necessária para que todos da família pudessem ter a chance de ir ao cinema também. Dei alguns à Lírio do Vale para ela ir com a família, outros para a diretora e supervisora. Saio com parte de mim restante naquela escola, e levo tanto deles comigo. (Diário de Bordo da pesquisadora).

Depois desse dia não voltei mais à escola. A entrevista⁴⁵ com o professor assistente de alfabetização foi realizada no campus Santa Mônica da UFU, pois as atividades na escola já tinham sido encerradas, e como Luís estava muito ocupado com as atribuições finais para sua formatura, não conseguiu estar presente na escola nos dias em que eu também estava.

Ainda em dezembro concluí o trabalho de transcrição de todo o material construído ao longo desses quase cinco meses de pesquisa de campo: Entrevista com a Professora, Entrevista com a Mãe, Entrevista com Professor Assistente de Alfabetização, meu precioso Diário de Bordo e Diário de Bordo da professora.

É chegada a hora da escrita. Na verdade, ela já podia estar acontecendo desde o princípio, mas como numa gestação, ou numa plantação, há que se esperar pelo tempo de crescer e nascer, ou florescer e colher.

⁴⁵A transcrição da entrevista realizada com o professor de apoio consta do Apêndice I desta dissertação.

Na luta para a escrita.

Está tudo meio empacado. Não sai. Já falei em grupo sobre isso. Nosso grupo cresceu, agora além da Mari e a Silvia, o Bruno também faz parte.

Conto para a Any via mensagem de texto o que está acontecendo, e sem muito aprofundamento ela responde: “você tá muito figurinha... (risos). Entendi sim... acho que você está com resistência de entregar o que você tem de bom pro mundo... não sei porquê...”

Imediatamente veio um choro que sentia já estar preso. Não sei exatamente de onde veio.

Lendo meu diário, tento contabilizar os encontros com a turma Tulipa e chego ao dia da despedida. O choro vem com força. Lembro-me que ainda não tive coragem de ver os desenhos que ganhei na volta do cinema.

Parei tudo o que estava fazendo e vim aqui escrever.

Será que é isso? Escrever pressupõe, para mim, ter finalizado uma etapa, isso, se levar em conta a coerência criada na minha cabeça. Escrever quando essa etapa tivesse finalizada. Mas como finalizar uma etapa se não tive coragem até hoje, quase seis meses depois, de olhar as cartas que recebi em meio a tantos abraços e choros de despedida naquele dia? Acho que não encerrei essa etapa ao guardar os desenhos, ao fugir desse encontro, antes de ver. (Diário de Bordo da pesquisadora).

3 - É Tempo de Colheita

Há quem diga que “o plantio é opcional, mas a colheita é obrigatória”, que “no tempo da sementeira, se aprende; já na colheita se ensina”, e que “quem sabe o que planta não teme a colheita”. Durante milênios a humanidade vem produzindo conhecimentos,

ensinamentos e entendimentos sobre a vida, o mundo e o outro, como nos ditos populares acima.

Nesta pesquisa não foi diferente. Houve um tempo do preparo da terra para fazê-la fértil. Houve um tempo da escolha das sementes e do plantio. Houve também o tempo do cultivo cuidadoso de cada semente em germinação, e é chegada, agora, a hora da colheita.

Sei o que plantei e não temo a colheita. No entanto, assim como em grandes plantações, durante o processo em que uma semente se transforma numa planta, algumas plantas sofrem mais ou menos os efeitos do clima, da terra, da umidade e dão mais ou menos frutos; aprendi que numa pesquisa, o percurso traçado entre o plantio e a colheita não é tão linear assim, também sofre com as intempéries dos tempos, das relações, das condições materiais e do que se buscou plantar.

Se tratando de pesquisa qualitativa em que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.131), os sentimentos do pesquisador podem ser fontes possíveis de distorções e enviesamentos, compreendo, no tempo da colheita, que os sentimentos do pesquisador, se tratados adequadamente, podem resultar de um importante “auxiliar de investigação.” (Rosaldo, 1989, citado por Bogdan & Biklen, 1994).

Nessa colheita, veremos muito de como meus sentimentos, como pesquisadora, me nortearam os olhos, os ouvidos, a escrita, os pensamentos e reflexões. Muitos desses sentimentos só foram percebidos *a posteriori*, quando do distanciamento físico e temporal da escola e das pessoas que compuseram a cena principal deste estudo, e das ricas interlocuções com o nosso grupo de orientação. Colheitas são marcadas pela festa, pela celebração. Lembro-me das grandes festas da colheita da uva na Serra Gaúcha, das quais participei algumas vezes durante minha temporada de voo por aquelas bandas.

A colheita é sempre a celebração de um trabalho árduo e cuidadoso que, por vezes, leva meses, anos. Não espere ver um cacho de uva na sua videira antes dos primeiros cinco ou seis anos de germinação das suas sementes. Não espere ver cachos de uva na sua videira, sem as podas certas e necessárias em seus galhos. Não espere ver cachos de uva na sua videira, se terra, clima e umidade não estiverem em perfeito equilíbrio. Não espere ver uvas em sua videira sem antes ver longas extensões de rosas margeando o parreiral, que lhe indicarão onde as pragas se alojam. Não espere ver uvas em sua videira sem trabalho e investimento. Mas quando as uvas vierem, celebremos a colheita com música, dança, alegria e vinhos.

Nossa colheita, aqui, vem de um plantio e cultivo de longa data também. Agora, é hora da festa da colheita. Debruçando-nos sobre todos os dados cultivados durante o trabalho no campo da escola, encontramos três grandes eixos de análise capazes de nos mostrar como as práticas pedagógicas diárias podem contribuir para a construção, e também, como colheita inesperada desse plantio, como essas mesmas práticas pedagógicas diárias podem contribuir para a superação do diagnóstico do TDAH.

O primeiro deles, e é o primeiro também numa construção temporal, é o que nomeamos “TDAH – Terra de Ninguém”. Na reunião com nosso grupo de orientação, no dia 12/12/18, ao contar como tinha sido a entrevista com a mãe de Vinícius, falo, indignada, sobre a narrativa dela acerca do caminho diagnóstico pelo qual ele passou, e digo: “foi uma sequência de erros! Um monte de gente que não sabe o que está fazendo e se metendo a diagnosticar o TDAH. Esse tal TDAH virou mesmo uma terra de ninguém!”. Sobre esse “monte de gente” a que me referi no calor da indignação, incluí uma professora, uma psicóloga e um médico neurologista.

O segundo eixo, que surge como desdobramento do primeiro, versa sobre o “Saber Médico – uma sentença”. O médico neurologista que atendeu Vinícius por

indicação de um amigo de seu pai, fez perguntas para a mãe como: “*Ele viaja na maionese?*” (Entrevista com a Mãe), e ainda, segundo a mãe, afirmou: “*‘calma, não apavora não! Nós vamos resolver isso aí’. Ele disse que tem muita criança assim...*” (Entrevista com a Mãe). Não satisfeito, contrariando todo o protocolo usual para o tratamento do suposto Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, o médico em questão não lhe prescreveu um psicoestimulante, e sim um antidepressivo.

Por fim, o terceiro eixo de análise diz respeito ao “O Saber e Não Saber sobre o Transtorno”, no qual compreendemos que o desconhecimento da professora Lírio do Vale sobre as questões relativas ao TDAH talvez possa ter livrado outras crianças de portar a mesma sentença de Vinícius. Por outro lado, seus saberes docentes permitiram-lhe ensiná-lo para que ele pudesse aprender e desenvolver-se.

4. TDAH – Terra de Ninguém

“Ele falava – ‘calma, não apavora não!

Nós vamos resolver isso aí’.

Ele disse que tem muita criança assim...

ai ele pediu pra voltar com 3 meses...”

(Entrevista com mãe de aluno)

Todos, à sua maneira, sem levar em consideração premissas importantes acerca do desenvolvimento infantil e do intrincado processo de escolarização, apontam as queixas relativas aos comportamentos “estranhos” de Vinícius, dirigem os holofotes para o suposto transtorno; especialistas sem conhecimentos devidamente especializados julgam-se sabidos o suficiente e, assim, uma enxurrada de achismos tem sido propagada em nome do TDAH. Ou seja, uma verdadeira terra de ninguém, em que qualquer migalha de um suposto saber converte-se em verdade absoluta sobre o não aprender.

De acordo com Freitas e Baptista (2017), os profissionais ou especialistas que se ocupam da desatenção parecem desconhecer o que é a atenção, havendo “pouco espaço e conhecimento dirigidos ao processo de atenção, sendo a temática geralmente evocada no discurso vinculado à desatenção, o qual toma espaço nomeando o fenômeno como hiperatividade” (p. 3).

Segundo Leite (2015, citado por Leite & Souza, 2017), numa vasta pesquisa de revisão bibliográfica que buscou compreender como a atenção, como função psicológica superior, é compreendida no âmbito científico, a ampla maioria dos artigos encontrados, trata da atenção segundo a ótica do TDAH, ou seja, segundo a premissa do déficit de atenção.

Ainda segundo a autora, ao abordar o TDAH, cerca de 50% dos trabalhos que abordavam prioritariamente o tratamento do suposto transtorno, apontavam para o uso de medicamentos como via principal de intervenção. “Notamos, portanto, que há forte presença no âmbito científico da medicação como resposta ou como solução para os casos de desatenção” (Leite & Souza, 2017, p.161).

Na nossa pesquisa isso fica claramente evidenciado quando a mãe de Vinícius me conta sobre suas características comportamentais, antes mesmo de entrar pra escola, em que associa aspectos que lhe chamavam atenção para algo diferente do que ela já conhecia ou esperava do comportamento do filho, como certa agitação e diferença: “*toda vida ele foi diferente mesmo, mais agitadinho...*” (Entrevista com a Mãe).

Apesar dessas percepções, a mãe de Vinícius não entendia como que, nos primeiros dois meses de aula no segundo ano do ensino fundamental, seu filho passou, de repente, segundo ela, a evitar a escola chorando e queixando-se de dores de cabeça ou dores de barriga para não ir à escola.

A mãe percebe que a nova professora tem um ritmo diferente da professora anterior, a “*professora é mais agitada, mais pra frente*” e percebe que o filho estava tendo dificuldades com as atividades de Ditado, e que essa atividade acontecia todos os dias: “*ele tomou um trauma enorme de ditado, porque ele não tava conseguindo acompanhar e a professora tava dando ditado todo dia*” (Entrevista com a Mãe).

No relato da mãe de Vinícius, fica evidenciado que as dificuldades do filho em acompanhar as atividades foram percebidas pela professora, que tinha também, segundo ela, formação em Psicopedagogia, como demandas para intervenção psicológica:

‘o Vinícius é muito bonzinho, eu gosto muito dele, leva ele’. Até então ninguém tinha me falado o porquê. Desci meio encucada com isso, às vezes ela deve estar

vendo alguma coisa que eu não consigo. – ‘é porque eu sou psicopedagoga e eu acho que você deve levar’, mas não falou ‘o Vinícius é assim, assim, assado’. Eu preocupei (Entrevista com a Mãe).

Ou seja, não sabemos o que estamos buscando, mas precisamos encontrar algo. Ainda refletindo sobre os equívocos a respeito da compreensão sobre a função psicológica da atenção, Leite e Tuleski (2011) afirmam que se trata, no ambiente escolar, principalmente, de uma desconsideração de como a atenção é desenvolvida na e pela relação com um adulto mediador. Ou seja, exige-se uma função da criança que ela vai adquirir **ao longo do desenvolvimento**. De acordo com as autoras,

Isso significa que a atenção voluntária, tanto em sua composição quanto em sua estrutura e função, não é simplesmente o resultado de um desenvolvimento natural, orgânico, trata-se do resultado da mudança e reestruturação do processo natural de atenção por intermédio da influência de estímulos-meios externos. Nesse sentido, destaca-se a importância da educação e do ensino sistematizado como transmissor desses estímulos-meios externos que irão reorganizar a conduta da criança. (Leite & Tuleski, 2011, p.115).

Concordamos com as contribuições teóricas das autoras e, neste sentido, a história da construção do diagnóstico de TDAH em Vinícius indica lacunas importantes na presença de adultos que, por meio de sua mediação, pudessem ajudá-lo frente aos novos desafios que não apenas o segundo ano lhe trazia, mas o seu processo de escolarização de modo geral. Neste sentido, a escola mudou Vinícius de turma, para que ele tivesse a

oportunidade de aprender com a professora Lírio do Vale⁴⁶, como ilustra o trecho a seguir da entrevista com a mãe da criança:

Mãe - eu tive que tirar...eu que pedi pra Rosa pra trocar ele , porque ele não queria vir pra escola...aí ela falou – ‘coloca com a Lírio do Vale que ela é muito boa, ela entra no mundinho dele, conversa muito com eles’, foi aí que ele começou a acalmar e querer vir pra escola. Por isso que eu mudei ele de sala...

Pesquisadora – *Então foi um pedido seu percebendo que a relação deles não estava boa?*

Mãe – Isso, com essa professora ele não ia não.

Segundo Luria (1981), a atenção voluntária, aquela função psicológica superior que é convocada a estar presente na cena do processo de ensino e aprendizagem, é “um ato social” (p. 228), ou seja, não é produto de uma maturação biológica que deve acontecer exclusivamente com a criança em desenvolvimento, mas sim o resultado das diferentes formas de interação que a criança foi estabelecendo com os adultos que compõem seu meio social.

Ainda de acordo com o autor, os adultos direcionam a atenção da criança, e “esta direção da atenção da criança por meio da comunicação social, palavras ou gestos, marca um estágio fundamentalmente importante no desenvolvimento desta forma nova, a organização social da atenção” (p. 229).

Podemos então dizer que a função do adulto como mediador dos processos de aprendizagem de uma criança resulta dessa raiz social da atenção voluntária como função

⁴⁶ Sobre isso, no eixo “O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno”, explicitaremos melhor como compreendemos que a professora Lírio do Vale foi capaz de exercer sua função mediadora junto aos seus alunos, mas especificamente, como sua intervenção pedagógica junto a Vinícius pode ter atuado significativamente no desenvolvimento acadêmico dele enquanto fez parte da turma Tulipa.

psicológica superior. Sendo assim, nossa colheita aponta para a percepção da escola, como instituição de ensino, que dentre outros personagens que fazem parte dela, Lírio do Vale seria capaz de desempenhar sua função de mediadora no processo de ensino e aprendizagem de Vinícius, como ilustra o trecho a seguir retirado da entrevista com a professora, quando ela contou sobre os primeiros momentos em que ele havia chegado a sua turma:

Está mais calmo, nossa... aquele chororô acabou... ele chorava... se eu dissesse pra ele assim, “espera só um pouquinho que eu já vou te atender”, ele já começava a chorar. Ele agora começou a entender que ele precisa esperar um pouquinho, porque eu vejo que ele era muito imediatista. Tava virando uma confusão até na minha cabeça, estava difícil até pra mim (Entrevista com a Professora).

Além disso, na entrevista com o Professor de apoio, também é fácil identificar a atribuição de bons resultados das crianças à qualidade da ação mediadora da professora responsável pela turma:

a professora nunca tinha nada planejado, ela chegava na sala, passava textos gigantes no quadro, as crianças se perdiam durante aquilo...pediam ajuda porque se perdiam na própria cópia. (...). A terceira sala era mais fácil também porque a professora era engajada, gostava muito de fazer atividades diferentes, até tinha uns alunos com mais dificuldades, mas eu acho que eles progrediram muito durante o ano... (...) Eram três salas bem diferentes... e foi ótimo... porque cada uma tinha uma particularidade...aí você vai vendo o que cada professora faz para

atender, quais os olhares delas para essas crianças que precisam de mais atenção... (Entrevista com Professor de Apoio).

De acordo com Vygotski e Luria (2007, citado por Asbahr e Meira, 2014), toda função psicológica superior é, a princípio, uma relação interpessoal, “para depois ser interiorizada, como resultado da ação do próprio indivíduo, transformando-se em um instrumento regulador do comportamento” (p. 8). Isso significa dizer que a atenção, como função psicológica superior, não é uma competência inata do indivíduo nem tampouco está imune ou dissociada das relações sociais de que uma criança participa. Estamos, assim, diante, “do caráter histórico e material do psiquismo” (p. 8).

Ainda segundo Asbahr e Meira (2014), ancoradas na Psicologia Histórico-cultural, a atenção possui dois momentos de desenvolvimento, “natural e cultural – ou, em outras palavras, a atenção imediata, e a atenção mediada” (p.105). Destarte, para Luria (1981), toda atividade mental organizada possui certo grau de “direção e seletividade” (p. 223). Ainda segundo o autor,

entre os muitos estímulos que nos atingem, só respondemos àqueles poucos que são especialmente fortes ou que parecem particularmente importantes e correspondem aos nossos interesses, intenções ou tarefas imediatas. Entre o grande número de movimentos possíveis, escolhemos somente aqueles que nos capacitam a atingir o nosso objetivo imediato ou a realizar um ato necessário; também, entre o grande número de traços ou suas conexões armazenados em nossa memória, só escolhemos aqueles poucos que correspondem à nossa tarefa imediata e nos capacitam a executar algumas operações intelectuais necessárias (p. 223).

Com isso, segundo Luria (1981), a atenção define-se como o fator responsável pela escolha dos elementos fundamentais para a atividade mental, ou ainda, como o processo que mantém vigilância sobre o “curso preciso e organizado da atividade mental” (p. 223).

A atenção voluntária, a principal função psicológica que está em jogo na cena do TDAH como algo que falta ao indivíduo graças a uma desordem neuroquímica, tem, segundo Asbahr e Meira (2014), seu desenvolvimento profundamente associado ao “desenvolvimento cultural humano, ao desenvolvimento da conduta organizada, voluntária” (p. 9).

Graças a essa compreensão sobre a formação da atenção como função psicológica superior, entendemos que Vinícius pode ter sido severamente prejudicado em função da ineficácia da ação mediadora de sua primeira professora no início do ano letivo. Esta, a professora, parece ter concluído, em poucas semanas de aula, que seu aluno tinha algum problema, que era apenas dele, uma falha, um déficit, que deveria ser investigado, diagnosticado e devidamente tratado.

E assim, com o pontapé inicial dado pela professora-psicopedagoga, uma série de sucessivos achismos pouco ou nada fundamentados foi se formando ao redor de Vinícius até que, como um alento e uma sentença, um parecer com o diagnóstico de TDAH lhe caiu sobre os ombros, como ilustram os trechos a seguir da entrevista com a mãe do aluno:

ele foi pra creche, ficou dois anos lá, ele entrou com 4 anos na escola. Aí veio pra cá, fez o primeiro tudo bem, e quando ele passou pro segundo ano...(...). Aí começou o segundo ano, um mês, dois meses foi uma beleza, de repente o Vinícius chora, não quer vir pra escola, e aquele negócio – “tô com dor de cabeça, dor de

barriga”, e ele não queria vir por hipótese alguma. Eu vim na escola ver o que tava acontecendo, e fui conversando com a professora que dizia – “ele é bonzinho”. (Entrevista com a mãe)

Aí um dia a professora me abordou lá de fora e falou assim: - “não mãe, cê leva ele numa psicóloga, eu acho que cê devia levar”. Eu falei, “uai, tudo bem eu vou levar, mas por quê? Eu tenho que saber o porquê”. Aí ela disse – “o Vinicius é muito bonzinho, eu gosto muito dele, leva ele”. Até então ninguém tinha me falado o porquê. (Entrevista com a mãe).

Eu marquei aqui no postinho, porque era mais fácil de levar... a gente tem convênio, mas eu achei mais fácil levar aqui. Levei, ela conversou um pouquinho com ele e falou – “ele não tem nada não, é só um incentivo”. (Entrevista com a mãe).

Pesquisadora – Você recebeu uma indicação da escola para procurar um psicólogo pro seu filho sem muito esclarecimento, aí você chegou nessa psicóloga e disse o que?

Mãe – Uai, disse que a professora tinha pedido pra levar, eu ia falar o que? Não tinha o que falar. A professora mandou eu ir, e eu levei, porque ele tava com dificuldade de aprendizado. (Entrevista com a mãe).

Aí o meu esposo, conversando com um amigo lá do emprego dele, o rapaz conversava falando do filho dele, e meu marido via o Vinicius, ele falou – “gente, mas o meu menino é desse mesmo jeitinho do seu” (...) você tem que levar ele é

num neuro (...) Foi aonde que ele indicou o neuro e eu falei eu vou levar (...) O Dr. Alessandro, conversou com ele, olhou ele, pediu pra eu fazer uns exame pra ver se era alguma coisa, igual, caiu, ou se era só esse...comportamento. Aí eu fiz a ressonância e fiz o mapeamento cerebral nele. Aí levei e ele disse que não conseguia ver nada de alteração, mas que ele tinha esse TDAH, mas que eu não tinha que me preocupar, que até uns 10, 11 anos a gente tratando, ele ia conseguir se desenvolver bem, que eu levei na hora certa. Ele receitou o TOFRANIL de 10 mg... (Entrevista com a mãe).

As discussões presentes neste eixo de análise buscam mostrar que, ao invés de uma “terra de ninguém”, o TDAH seja devidamente considerado como o suposto transtorno que é, que tem estado a serviço, unicamente, de patologizar e medicalizar o cotidiano escolar e as vidas de tantas crianças.

Por meio do histórico da escolarização de Vinícius, testemunhamos uma sequência de passos equivocados, sem a menor compreensão acerca dos processos de desenvolvimento da atenção, em que a vida de uma criança (ou centenas de milhares delas, todos os dias nos últimos anos) é colocada em jogo. Nesse contexto, é como se estivéssemos diante de grandes avanços da medicina, em particular da psiquiatria, quando em verdade, essa patologização do cotidiano escolar serve apenas e tão somente, para endossar uma verdadeira epidemia de transtornos mentais. Assim, no próximo eixo abordaremos a prevalência do discurso médico no campo educativo.

5. Saber Médico – uma sentença

“Aí levei e ele disse que não conseguia ver nada de alteração, mas que ele tinha esse TDAH.”
(Entrevista com mãe de aluno)

As discussões acerca do diagnóstico do TDAH ancoradas em uma perspectiva biologicista são realizadas a partir de um cenário higienista e imparcial de uma disfunção neuroquímica responsável por toda sorte de desordens comportamentais, morais e executivas do sujeito, e sustentam que o TDAH é um transtorno psiquiátrico caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade, geralmente diagnosticado na infância e definido como um transtorno multifatorial de base biológica. É causador de grande desordem comportamental capaz de trazer importantes implicações à rotina da criança e da família, sérios prejuízos ao sistema educacional, além de comportamentos de risco na adolescência (Larroca & Domingos, 2016).

No entanto, apesar dessa definição, há também um consenso entre alguns autores de que não há um marcador biológico no TDAH, identificado através de exames laboratoriais e/ou de imagem, o que requer, na investigação clínica diagnóstica, critérios, cuidados e atenção (Graeff & Vaz, 2008; Larroca & Domingos, 2016; Effgem et al., 2017), pois como nos dizem Graeff e Vaz (2008) “a avaliação psicológica e o diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) envolvem um processo delicado e complexo, o qual demanda do profissional experiência clínica, um bom conhecimento teórico e, sem dúvida, muita reflexão.” (p.341).

Larroca e Domingos (2016), a respeito da construção diagnóstica do TDAH, apontam que por se tratar de uma avaliação essencialmente clínica, baseada nos critérios diagnósticos dispostos no DSM-IV, trata-se de uma avaliação subjetiva “e baseada em percepções pessoais, que podem ser variáveis, pois utilizam como padrão expectativas familiares nem sempre compatíveis com a realidade” (p. 118). Além disso, segundo Graeff e Vaz (2008), “as diferenças encontradas nos estudos de prevalência mostram que, de acordo com as técnicas definidas para avaliação, os resultados diagnósticos tendem a apresentar uma considerável diferença” (p. 356).

Diante disso, entendemos que, mesmo quando há tentativas de enquadrar o TDAH como um transtorno advindo da esfera biológica, seu diagnóstico ou sua construção diagnóstica se depara, por vezes, com sujeitos não modulados segundo os parâmetros dos critérios diagnósticos dos manuais psiquiátricos. Ou seja, será possível afirmar que, segundo essa perspectiva biologista do TDAH, ao não encontrarmos um marcador biológico para sustentar as afirmações acerca das causas dos comportamentos sintomáticos típicos desse transtorno, estamos também atravessados por influências advindas de outras esferas, quais sejam, sociais, subjetivas, políticas, éticas?

Na nossa pesquisa, encontramos esses elementos no caminho percorrido por Vinícius e sua família durante a construção do diagnóstico de TDAH que ele passou a carregar. No trecho a seguir, um recorte da fala da mãe ilustra como o médico neurologista atesta um diagnóstico, um tratamento e um prognóstico de posse de complexos exames de imagem explicitamente sem alterações:

pediu pra eu fazer uns exame pra ver se era alguma coisa, (...) ou se era só esse...comportamento. Aí eu fiz a ressonância e fiz o mapeamento cerebral nele. Aí levei e ele disse que não conseguia ver nada de alteração, mas que ele tinha

esse TDAH, mas que eu não tinha que me preocupar, que até uns 10, 11 anos a gente tratando, ele ia conseguir se desenvolver bem, que eu levei na hora certa. Ele receitou o TOFRANIL⁴⁷ de 10 mg (Entrevista com a Mãe).

E, mesmo com tantas ressalvas a respeito dos inúmeros elementos que atravessam os critérios diagnósticos para o TDAH, encontramos, no laudo médico apresentado pelo neurologista que diagnosticou Vinícius, os seguintes dizeres: “*O menor Vinícius é portador de TDAH, CID F-90. Orientei antidepressivo. Por ser verdade, Dr. Alessandro⁴⁸ – Neurologista. Obs: Orientei apoio pedagógico e psicológico.*” (Diário de bordo da pesquisadora).

De qual verdade ele está falando?

Segundo Guarido (2010), os ditos da ciência adquiriram, nos tempos atuais, o caráter de verdade. Ainda segundo a autora, “no caso da medicina, tomada aqui como representante do discurso científico, da medicina apoiada na Biologia, seu esforço tem sido de elucidar o que é próprio do humano, considerando suas bases neurofisiológicas e seus determinismos genéticos” (p. 28).

O crescente desenvolvimento da ciência, sobretudo no campo das neurociências e da biotecnologia, tem ampliado sobremaneira os limites do que parece ser possível ser explicado a respeito do ser humano e todas as suas complexidades físicas e comportamentais (principalmente), através da própria biologia. Isso acaba por gerar a convicção de que é possível reduzir tudo do que é humano à face biológica de sua constituição (Guarido, 2010).

⁴⁷ De acordo com a bula do medicamento Trofranil, essa droga “pertence ao grupo de medicamentos conhecidos como antidepressivos tricíclicos, que são usados para tratar depressão e distúrbios do humor. Estados de pânico e dores crônicas são outras condições psicológicas que podem ser tratadas com Trofranil®”. Recuperado de: <https://portal.novartis.com.br/UPLOAD/ImgConteudos/2248.pdf>, acesso em 23/07/2020.

⁴⁸Nome fictício atribuído por mim ao médico neurologista.

No trecho a seguir retirado da entrevista com a mãe, vemos a ambivalência dela ao se tomar de susto pela prescrição do tratamento medicamentoso para seu filho e, na sequência, trechos da fala da professora atribuindo a melhora de Vinícius ao uso do remédio, desconsiderando todos os outros elementos presentes no cotidiano da criança, como a mediação pedagógica que provocou os processos de aprendizagem e desenvolvimento, o apoio da mãe etc.

Aí na hora que ele falou assim – “ele vai ter que tomar um remédio”... Meu Deus do céu, mas o Vinícius é tão novinho pra tomar um antidepressivo, eu fiquei tão agoniada daquilo, de tá vendo ele ter que tomar um remédio (...) Aí ele conversa, fica observando as histórias do Vinícius, e diz: - “ele tá viajando ainda, né?”, é, ele dá umas viajada... mas ele melhorou bastante a comunicação dele... (Entrevista com a Mãe).

Pesquisadora – *E você acha que ele tá sendo medicado? Te parece que ele está sendo medicado?*

Lírio do Vale – Sim, a Denise perguntou e mudou o comportamento dele dentro da sala. Está mais calmo, nossa... aquele chororô acabou...ele chorava...seu eu dissesse pra ele assim, “espera só um pouquinho que eu já vou te atender”, ele já começava a chorar. Ele agora começou a entender que ele precisa esperar um pouquinho, porque eu vejo que ele era muito imediatista. Tava virando uma confusão até na minha cabeça, estava difícil até pra mim – “Calma, espera só um pouquinho”. Agora ele já consegue esperar, mas a mãe também tá tomando remédio. Eu vejo que a agitação toda que ele trazia de casa, aquela ansiedade,

vem também de casa. É pai e mãe... lá parece que é a família toda, sabe?

(Entrevista com a Professora).

Uma postura que acaba por reiterar e reafirmar a supremacia do saber médico sobre o pedagógico envolve, igualmente, a família. Nesse sentido, não podemos também nos furtar à discussão acerca do lugar, impacto e prejuízos que o uso de medicações psicotrópicas por crianças pode causar em toda uma geração.

Robert Whitaker (2017), um conceituado jornalista investigativo estadunidense, autor de premiados artigos sobre saúde mental e a indústria farmacêutica, desenvolveu um estudo com base nas publicações científicas disponíveis sobre psiquiatria, saúde mental e tratamentos com psicotrópicos. Esse estudo teve o objetivo de discutir a seguinte tese: se é verdade que o desenvolvimento de um campo do saber científico é capaz de prevenir ou melhorar a condução dos problemas ou desafios enfrentados por esse mesmo campo do saber científico, como pode, então, a Psiquiatria que vem sendo, desenvolvida nos últimos 50 anos, estar, ao contrário, caminhando paralelamente com o aumento vertiginoso de pessoas sendo diagnosticadas com algum transtorno mental e, mais grave ainda, com a constatação de um aumento expressivo do número de pessoas incapacitadas por esses mesmos transtornos?

De acordo com Whitaker (2017),

doenças que passavam despercebidas, ao que parece, foram agora identificadas.

A segunda dessa história sobre o progresso científico conta como as drogas psiquiátricas são úteis e necessárias. Milhões de crianças que antes sofriam em silêncio recebem agora um tratamento que as ajuda a prosperar. Aliás, a história

que vem emergindo na psiquiatria psiquiátrica é que os medicamentos psicotrópicos ajudam a criar cérebros saudáveis. (p. 226).

O tom irônico do autor denuncia a gravidade da situação quando estamos diante do fato de que crianças, cada vez mais cedo, têm tido os cérebros encharcados de drogas que atuam “perturbando os sistemas de neurotransmissores” (Whitaker, 2017, p.230) e estamos caminhando, de acordo com Moysés (2013) em entrevista para o portal de notícias da Unicamp⁴⁹, para um “genocídio do futuro”.

O metilfenidato, droga estimulante conhecida no mercado como Ritalina, é o principal medicamento utilizado no tratamento de crianças diagnosticadas com TDAH. Segundo Whitaker (2017), “na dose terapêutica, ela bloqueia 70% dos ‘transportadores’ que retiram dopamina da fenda sináptica e devolvem ao neurônio pré-sináptico. A cocaína age do mesmo modo no cérebro” (p. 230).

A lista das reações adversas da Ritalina no organismo humano é extensa. Moysés (2013) enumera desde prejuízos no sistema cardiovascular como hipertensão, arritmia e taquicardia; passando pelo trato gastrointestinal com boca seca, dores no estômago e falta de apetite; interferências significativas no sistema endócrino e na hipófise, como prejuízos na produção do hormônio do crescimento e hormônios sexuais. No sistema nervoso central, ela aumenta a concentração de dopaminas – neurotransmissor associado ao prazer – algo que, ainda de acordo com Moysés (2013),

é certo que os prazeres da vida também fazem elevar um pouco a dopamina, porém durante um pequeno período de tempo. Contudo, o metilfenidato aumenta muito mais. Assim, os prazeres da vida não conseguem competir com essa

⁴⁹ A referida entrevista está disponível, na íntegra, no site <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/08/05/ritalina-e-os-riscos-de-um-genocidio-do-futuro>>

elevação. A única coisa que dá prazer, que acalma, é mais um outro comprimido de metilfenidato, de anfetamina. Esse é o mecanismo clássico da dependência química. (s.p. 3ºparágrafo).

Segundo Whitaker (2017), o metilfenidato também pode provocar “sintomas obsessivos-compulsivos, mania, paranoia, surtos psicóticos e alucinações”, podendo provocar ainda “redução do fluxo sanguíneo e o metabolismo da glicose no cérebro” (p. 236).

O referido autor constatou em seus estudos de investigação da literatura científica acerca dos avanços da psiquiatria associada ao avanço da psicofarmacologia, que as principais drogas utilizadas para o tratamento do TDAH – os estimulantes – não resultam em eficácia significativa no que diz respeito à melhora da qualidade de vida dessas crianças. Ao contrário, o que o autor encontrou foram relatos de estudos que apontam para o “aumento acentuado das brincadeiras solitárias, relacionado com o medicamento, e uma redução correspondente da iniciativa de interações sociais” (Barkley, 1978, citado por Whitaker, 2017. P.231); ou ainda que a criança medicada “perde o brilho” (Davy, 1989, citado por Whitaker, 2017, p. 231) e acabam por parecerem “zumbis” (Swanson, 1991, citado por Whitaker, 2017, p. 231).

Diante disso, resta-nos uma pergunta: a quem serve a Ritalina? Já que além da extensa lista de reações adversas comuns no organismo de quem dela faz uso, de acordo com Whitaker (2017), não há comprovações científicas de que ela, de fato, atue numa melhora do desempenho acadêmico de uma criança. Para complicar ainda mais a resposta, o autor afirma: “mesmo que o TDAH seja real, os estimulantes não fornecerão nenhuma ajuda a longo prazo” (p. 235).

Em nosso estudo, pudemos também constatar a culpabilização da família pela professora, uma prática recorrente, por parte da escola, como instituição, como nos mostra Patto (1992):

A história do “fracasso escolar” das crianças das classes populares é feita de uma sequência de ideias que, em linhas gerais, podem ser assim resumidas: na virada do século, explicações de conho racista e médico; a partir dos anos 30, até meados dos anos 70, as explicações de conho biopsicológica – problemas físicos e sensoriais, intelectuais e neurológicos, emocionais e de ajustamento; dos primeiros anos da década de 70 até recentemente (mas ainda predominante nos meios escolares) a chamada teoria da carência cultural nos termos em que foi gerada nos EUA; nos anos 70, no calor dos movimentos reivindicatórios de negros e latino-americanos e como resposta oficial à questão – por que essas pessoas não alcançam os melhores lugares na sociedade norte americana? (...) Porque não alcançam os mesmos níveis de escolaridade dos brancos. E por que isso acontece? Porque negros e minorias latinas são portadores de deficiências físicas e psíquicas contraídas em seus ambientes de origem, principalmente em suas famílias tidas como insuficientes na prática de educação dos filhos” (p.108).

A retrospectiva trazida por Patto no início dos anos 90 nos mostra quão atual tudo isso ainda se faz em nossa sociedade contemporânea, quase 30 anos depois dessa importante publicação.

Em diversos momentos, a culpabilização, não só da família de Vinícius, se fez presente nas narrativas da professora e do professor de apoio, principalmente, para

referirem-se às diferentes dificuldades de aprendizagem ou de ajustamento do comportamento das crianças na escola. O fragmento abaixo do meu diário de bordo ilustra essa percepção:

Quando fui me despedir de Lírio do Vale, pela primeira vez tivemos a chance de ter cinco minutos de conversa a sós, fora do contexto da sala de aula. Ela logo despeja suas angústias frente às histórias doloridas de seus alunos e como isso interfere no seu trabalho. Como suas histórias estão interferindo nos processos de aprendizagem e comportamentos deles. Como foi descobrindo e conhecendo sobre seus alunos à partir das mudanças de comportamentos deles em sala, ou dificuldades de aprendizagem. Uma menina foi deixada pela mãe aos cuidados do pai e avó por causa das drogas, e agora, com a volta da mãe, grávida e em tentativa de recuperação das drogas está deixando a menina dispersa, agitada e agressiva. Outra menina vive apenas com o pai e mais quatro irmãos mais velhos, é muito magrinha e não aprende. Um menino é de família cigana, e isso deve bagunçar muito (Diário de bordo da pesquisadora).

A professora, como sujeito e profissional, realmente se preocupava com seus alunos e buscava, como ela mesma sempre dizia, “conhecer a vida deles”. Porém, Patto (1992) nos alerta que a patologização generalizada da criança pobre e de sua família tem, como consequências possíveis, a isenção de responsabilidade da escola diante das dificuldades apresentadas por essas mesmas crianças no processo de escolarização, além de uma visão simplista sobre o aparato psíquico dos pobres, visto como menos complexos e passíveis de viver situações degradantes ou

humilhantes sem perceber. A autora denuncia, também, as contribuições da Psicologia nesse processo de culpabilização e responsabilização da família no que diz respeito às dificuldades ou entraves no desenvolvimento infantil.

Neste outro fragmento do meu diário de bordo, a supervisora pedagógica também emite opinião parecida:

Antes de ir embora da escola, passo na sala da supervisora para me despedir e avisar que já na próxima semana iniciarei as observações. Conto-lhe que deu tudo certo, e narro a cena da fala da Pâmela⁵⁰. Ela respondeu: “Viu só como eles são carentes?”. Essa fala me incomodou, mas não sei ainda o porquê, sei apenas que não vejo como uma manifestação de carência (Diário de bordo da pesquisadora).

Na ocasião, não entendi ao certo o que me causou o incômodo diante dessa fala da supervisora, mas agora me parece um tanto mais claro: eu, pesquisadora, não fazia parte da instituição escola. Meu papel era outro. As demonstrações de afeto que as crianças dedicaram a mim no nosso primeiro encontro foram, tão simplesmente, afeto, enquanto que para o corpo institucional, ainda hoje, elas continuam servindo para culpabilizar as famílias pelos possíveis desajustes das crianças na escola; tratavam-se de carências afetivas, materiais e subjetivas que as famílias deveriam ser capazes de suprir.

Nesse sentido, de acordo com Toledo (2018, p. 56)

⁵⁰ Refiro-me à cena em que Pâmela, nome fictício atribuído por mim a uma aluna da turma Tulipa, no dia em que me apresentei a eles e informei que iria uma vez por semana à sala deles, brincou em meio à turma que dizia em coro SIM à minha proposta de trabalho, enquanto ela dizia NÃO. Ao ouvi-la, ela explica que eu não deveria ir apenas uma vez na semana e sim todos os dias. Um maior detalhamento da cena descrita encontra-se no Diário de Bordo da Pesquisadora, p.88.

constatamos que a área médica, dando continuidade à sua expansão no século XX, também reforça sua área de atuação sobre toda a sociedade, considerada como o “corpo social” para os médicos higienistas, intervindo assim nos costumes familiares.

Para Magaldi, (2007, p. 136),

Valorizando o ambiente como um fator etiológico fundamental na manifestação das inúmeras “doenças” que se constituíam em alvo de suas preocupações, os médicos se propunham a intervir na vida social através da prescrição de um receituário minucioso sobre hábitos e comportamentos que deveriam ser seguidos por indivíduos, famílias e coletividades mais amplas.

Assim, como bem nos lembram Silva, Monteiro e Ribeiro (2017), são as famílias “que se encontram entre o mundo dos laboratórios farmacêuticos, psiquiatras, remédios, psicólogos, crianças e escolas.” (p. 101).

Outra análise que este eixo nos permite fazer, igualmente calcada em conhecimentos que dialogam com a medicina, é acerca de tudo aquilo que entendemos como herança genética ou perspectiva biologista e reducionista das diferentes patologias do corpo e/ou da mente.

Segundo Troiteiro (2017, s.p),

quando se fala em genes ou heranças genéticas, não se pode falar dos genes em si, da cadeia proteica que contém as informações genéticas de um indivíduo recebidas por seus genitores, mas sobre como suas informações se manifestam

neste indivíduo considerando as condições materiais em que este se desenvolve.
(tradução nossa)

De acordo com Beatón (2017, p. 23),

os estudos do Genoma Humano, estimularam com mais força, o debate de que o genético é um produto dinâmico e intercausal entre o bioquímico e o ambiental que influencia e circunda o sujeito, incluído o social e o cultural. Que o psíquico e as características da personalidade não são um produto direto das leis e mecanismos biológicos e em particular do genético. (tradução nossa).

Nenhum saber científico, isoladamente, pode ser uma sentença, especialmente se ancorado em pressupostos equivocados como no caso do TDAH. Além disso, precisamos nos lembrar sempre de que estamos no terreno escolar, em que o processo de ensino e aprendizagem, o cotidiano da sala de aula, a formação docente (inicial e continuada), as políticas públicas e tantas outras questões precisam ser consideradas. Será que a formação do médico abraça todos esses aspectos? Certamente não!

Neste eixo buscamos trazer para a discussão a centralidade que a medicina encontra no cotidiano escolar, a despeito de o médico não ter formação pedagógica, assim como as professoras e nós psicólogas não temos formação médica. Buscamos uma parceria entre esses campos, nos casos em que houver, efetivamente, uma doença. Assim, questionamos: Por que a escola abre mão de seus saberes pedagógicos e lança mão da sentença do médico para explicar e justificar o não aprender?

É preciso, portanto, como nos dizem Silva, Monteiro e Ribeiro (2017), “ir além do que está posto e romper com a responsabilização da criança pelo seu não aprender” (p.100). Para Souza (2007, p. 52)

Ao considerar que as causas da queixa escolar encontram-se no psiquismo (problemas emocionais) ou no rebaixamento intelectual (deficiência mental), que, é importante ressaltar, a maioria das vezes as crianças não apresentam, continuamos eximindo o sistema escolar da participação e/ou produção dessas dificuldades. Desconsiderar a produção do fracasso no conjunto de relações do processo de escolarização dificulta propor ações que venham a modificar, pelo menos minimamente, as relações escolares.

Deste modo, a chave para compreender a criança que não aprende aponta exclusivamente para a saúde, por meio da linguagem médica, que desconsidera tanto o complexo processo de ensino e aprendizagem quanto as condições materiais propícias a esse processo.

Nesse jogo em que equivocadamente se coloca a necessidade de se achar um culpado ou responsável: a doença, a família, os genes etc. para o não aprender, em uma concepção completamente inatista sobre o desenvolvimento humano, no próximo eixo discutiremos algumas implicações relativas ao saber e o não saber sobre o TDAH.

6. O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno

“Então, o TDAH eu sei que é a criança que é diagnosticada porque tem um déficit de aprendizagem que às vezes ele não acompanha o ritmo de aprendizagem da sala como as outras crianças...” (Entrevista com a Professora).

Segundo Souza (2007), Garcia Paes e Scicchitano (2008) e Dazzani et al. (2014), a escola tem sido, há décadas, a principal fonte de encaminhamento de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem para os consultórios dos especialistas. Essa tendência é um dos pilares nos quais se sustenta a crescente medicalização da educação.

De acordo com Suzuki, Leonardo e Leal (2017), a medicalização dos processos de aprendizagem entra em cena, prioritariamente, quando alguns comportamentos dos alunos passam a interferir nos “princípios do espaço escolar, que seriam a promoção do ensino e aprendizagem desses alunos” (p.47). Segundo as autoras Damasceno e Aguiar (2016), podemos observar que um grande número de crianças que não apresentam um padrão de comportamento e/ou de aprendizagem considerados normais, são logo estigmatizadas como portadoras de algum transtorno psíquico como depressão, dislexia ou ainda o TDAH ou Transtorno Opositor Desafiador (TOD)⁵¹e, portanto, são culpabilizadas por seus fracassos ou dificuldades, devendo ser tratadas com medicamentos.

O processo de medicalização da educação revela, dentre outras coisas, uma grande contradição e incoerência partindo da própria instituição escolar, uma vez que, como nos dizem Garcia Paes e Scicchitano (2008), sendo a escola o espaço por excelência, onde a

⁵¹De acordo com o DSM-V, o TOD faz parte do grupo classificado como transtornos de conduta, disruptivos e de controle de impulsos.

aprendizagem formal da leitura, escrita e noções matemáticas deve acontecer, parece-nos natural que as manifestações dessas dificuldades também sejam evidenciadas no mesmo contexto escolar. No entanto, o que estamos presenciando há tempos, e crescentemente, é a busca pela solução desses problemas fora da própria escola colocando a instituição escolar no papel da principal agente de “desencaminhamentos” dos seus alunos-problema para os mais diferentes serviços especializados de saúde.

Outro pilar importante no cenário dessa educação medicalizada é o que entendemos como Diagnóstico Docente. Segundo Silva, Monteiro e Ribeiro (2017), os professores, atentando para as dificuldades e demora nos atendimentos em serviços públicos de saúde, “passam não só a compreender e a agir com o aluno como se este portasse uma doença, mas também transmitem essa forma de entendê-lo para sua família e para as crianças em questão” (p. 21).

Assim, Santos (2011) conclui que o diagnóstico docente se difere do processo de medicalização que Moysés (2001) já anunciou, à medida que, antes mesmo de receber o crivo do especialista que diagnostica sintomas ou comportamentos diversos atravessados pelo saber médico, o professor se antecipa ao parecer médico e diz “o que este ou aquele aluno tem” (p. 9). Entretanto, nos perguntamos se esses “processos diagnósticos” são mesmo tão distintos. A lógica medicalizante não seria a mesma?

De acordo com Arantes (2017), que se dedicou a compreender a constituição da demanda para os serviços médicos especializados, em especial, para a neurologia, por parte de professoras, ou como ele nomeia em seu texto, “ensinantes” (p.16), é possível escutar um

deslizamento do campo das neurociências-pesquisa - onde os aparatos de visualização buscam encontrar respostas universalizantes para as hipóteses

localizacionistas relacionadas aos processos de aprendizado, ou seja, são produções discursivas sobre uma criança qualquer, indiferenciada - para o campo da neurologia-clínica, onde, em uma relação circunscrita entre dois sujeitos, se espera que a imagem cerebral revele uma lesão que explique o não aprender/desenvolver/se comportar de uma criança em particular. (p. 56).

Ou seja, nesse processo de formular uma demanda de encaminhamento para avaliação de um especialista, a lógica medicalizante na voz das professoras que compõem a cena escolar, está em situar, por um lado, na criança que não aprende uma possível justificativa neurológica em forma de patologia ou déficit e, por outro lado, a desconsideração de todas as particularidades e características específicas que constituem a cena do não aprender de uma criança, e não de qualquer criança.

Sendo assim, entendemos que o desconhecimento da professora frente ao que se nomeiam como sinais e sintomas do TDAH, bem como as condutas medicalizantes e patologizantes usuais no cenário escolar frente a esses sinais, possam ter, de fato, norteado melhor sua prática pedagógica e livrado outros alunos da mesma sentença.

Considerando esse movimento contraditório e dialético entre saberes e desconhecimentos, no primeiro eixo de análise já destacamos a importância de a professora conhecer o desenvolvimento da atenção voluntária como função psicológica superior e o papel da escola nesse processo. É imprescindível que ela se aproprie da concepção teórica sobre a atenção como função psicológica que não é inata, pois precisa desse conhecimento para fundamentar e organizar sua prática pedagógica e apresentar atividades que façam sentido para as crianças, para que estas possam desenvolver a atenção voluntária.

Outro conhecimento a ser destacado é que as ações docentes precisam considerar também a Zona de Desenvolvimento Próximo, que trata da relação entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Ao abordar este conceito, um dos principais da Psicologia Histórico-cultural, Vigotskii (1988) afirma que para se compreender essa relação, precisamos considerar dois níveis de desenvolvimento. O primeiro nível refere-se ao “nível de desenvolvimento das funções psicointelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um processo específico de desenvolvimento já realizado” (Vigotskii, 1988). Porém, este nível não revela “completamente o estado de desenvolvimento da criança” (p. 111).

Assim, o segundo nível seria o desenvolvimento chamado de potencial, relacionado a um desenvolvimento que ainda não se efetivou, mas que diz respeito àquilo que a criança consegue realizar com o auxílio de um outro mais experiente, seja adulto ou coetâneo. “A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança.” (Vigotskii, 1988, p. 112).

O conceito de ZDP tem grande impacto sobre a prática pedagógica, ao considerar o desenvolvimento de modo prospectivo e assinalar a importância da organização do trabalho docente. Porém, o autor nos lembra de que “a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem”. (Vigotskii, 1988, p. 115).

Na prática docente diária de Lírio do Vale, que pude acompanhar, ela demonstra, em vários momentos, o quanto consegue atuar na ZDP com seus alunos, mesmo, talvez, desconhecendo esse conceito. Atividades como “o mercadinho Tulipa”, ou “o corpo

humano por raio-x” evidenciaram sua capacidade de atuar como boa mediadora do processo de aprendizagem das crianças da turma Tulipa.

Os trechos do meu diário de bordo a seguir nos contam mais sobre essas atividades:

Participei também da organização das prateleiras, dividindo os setores dos produtos, e escolhendo os preços disponíveis nos encartes de mercados que a professora levou para a turma. Ajudei na organização dos dinheirinhos daqueles que os trouxeram, recortando, destacando as cartelas.

Foi uma atividade incrível. Todos participando, sentindo-se pertencente e vivendo aprendizagens significativas.

Num dado momento, em meio àquela bagunça organizada e cheia de sentidos, Lírio do Vale me olha e diz sorrindo: “você pensa que é fácil?”. Prontamente respondo: “Tenho certeza que não”. (Diário de bordo da pesquisadora).

Quando terminaram o gráfico, passaram ao planejamento da feira de ciências. A professora sugere trabalharem com o esqueleto humano, já que o conteúdo que está sendo trabalhado em ciências é o corpo humano. Para isso, ela propõe que o grupo construa um esqueleto humano a partir da montagem com chapas de raio x usadas que as crianças possam trazer para a sala. Fico, mais uma vez, impressionada com a criatividade e disponibilidade de Lírio do Vale em promover mediações para uma aprendizagem significativa e cheia de sentidos! (Diário de bordo da pesquisadora).

Outra consideração fundamental às nossas análises neste eixo, diz respeito ao fato de que a professora Lírio do Vale já era aposentada de uma de suas funções como professora no serviço público. Na entrevista realizada com ela, pude compreender sua longa trajetória profissional, passando, como ela mesma disse, por diferentes funções dentro de uma escola:

(...) comecei minha carreira mesmo, e eu quero falar isso Valéria, porque eu acho super importante: eu fui “ASG⁵²”. Eu já tinha o diploma de professora, e fui limpar chão, fui lavar banheiro. Mas eu assim... isso pra mim foi tão bom, porque quando eu cheguei ao cargo de direção de escola, é que eu vi o quanto foi importante eu ter lavado banheiro primeiro. Sabe, me fez crescer como pessoa, primeiro, e como profissional entender todo o funcionamento de uma escola, pra mim foi ótimo essa experiência. (Entrevista com professora).

Lírio do Vale fez curso técnico de magistério quando iniciou sua carreira na docência na rede Estadual de ensino de Uberlândia em 1991 e trabalhava dois turnos – manhã e tarde – em duas escolas diferentes. Ao mesmo tempo, começou a faculdade de Pedagogia à noite. Passados cinco anos, ela se formou na graduação e foi aprovada no concurso para a rede Municipal de Educação. Seguiu assim, trabalhando em dois turnos, Prefeitura e Estado, até dois anos antes da nossa entrevista (2016), por conseguir se aposentar das funções na rede estadual:

⁵² Cargo ocupacional, de acordo com a Prefeitura de Uberlândia, de Auxiliar em Serviços Gerais (ASG), cujo requisito para o provimento do cargo é o Ensino Fundamental Incompleto. <https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberlandia/lei-complementar/2004/34/343/lei-complementar-n-343-2004-dispoe-sobre-o-plano-de-cargos-carreira-e-remuneracao-dos-servidores-da-administracao-direta-do-municipio-de-uberlandia-e-revoga-a-lei-complementar-n-101-de-29-de-marco-de-1995-e-demais-alteracoes-posteriores>

Pesquisadora – *E você tem outros empregos?*

Professora – (suspiros) *Ai... de dois anos pra cá não, graças a Deus não...eu aposentei ano passado, fevereiro do ano passado, mas até o ano passado, até fevereiro do ano passado, eu dobrava o turno... de quando eu comecei até fevereiro do ano passado eu dobrei turno.* (Entrevista com a professora).

É possível notar, na fala da professora, o quão aliviante foi para ela não ter mais outros empregos nos últimos dois anos, e não dobrar turno e carga horária. Uma das problemáticas recorrentes acerca da função docente, principalmente da rede pública brasileira, é a sobrecarga de trabalho em função da baixa valorização e remuneração desses profissionais.

De acordo com Barbosa (2014), cabe afirmar que os salários dos professores brasileiros podem ser considerados baixos, principalmente se estabelecemos comparativos com a remuneração de outros profissionais em que a formação superior é exigida. Além disso, segundo a autora, a melhoria da educação pública passa, necessariamente, pelo maior investimento e financiamentos dessa educação e os salários dos professores representam a maior parte do orçamento destinado à educação⁵³. Enquanto isso, o que vemos é uma classe inteira de profissionais, professores da rede pública, precisando trabalhar, cada vez mais, para manter-se na vida com alguma dignidade.

⁵³ Na noite do dia 21/07/20, foi aprovada pela Câmara dos Deputados a emenda constitucional que torna o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) permanente, e promove uma redistribuição do financiamento da educação, aumentando a participação da União nesse financiamento. A conquista foi considerada uma vitória da educação, pois o modelo atual já se mostrou ineficiente e injusto, já que os Estados e Municípios atendem cerca de 45 milhões de alunos, “mas a maior concentração tributária fica com a União”, como afirmou a deputada federal Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM-TO), relatora da PEC na Câmara.. Recuperado de: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/22/o-que-pode-mudar-na-educacao-com-o-novo-fundeb-aprovado-na-camara.ghtml>, acesso em 24/07/2020.

Em um trabalho sobre a medicalização docente e as relações de trabalho, Facci, Mezzari, Leonardo e Urt (2017) relatam que dentre os 233 professores pesquisados, 89,7% eram mulheres; quando questionados quanto ao uso de medicamentos no último ano, 47%, ou seja, quase metade, afirmaram que sim, algo que pode ser considerado preocupante. “Quando interrogados se tais problemas tinham relação com o trabalho desenvolvido, 51% dos professores estabeleceram relação com as atividades profissionais executadas” (p. 112).

Também há de se considerar que na atualidade observamos o acirramento das condições de trabalho, quando se tem uma sobrecarga de atividades; tripla jornada de trabalho; falta de equipamentos para ministrar aulas, para além do uso de giz e quadro negro; flexibilização da atividade docente, que leva o professor a ser contratado como professor substituto, por tempo determinado, entre outros pontos.

Com tal fato, o que constatamos é que professores são obrigados a se deslocarem de uma escola para a outra, com sobrecarga de aulas, para conseguir adquirir um salário maior, além da pressão para obter índices em sistemas de avaliação. (Facci et al., pp.114-115).

Lírio do Vale também já enfrentou essas questões que exaurem a categoria docente, mas no momento em que nos encontramos, ao longo da pesquisa na escola, ela estava aposentada em um dos cargos e isto não é um mero detalhe; é justamente o que lhe permitia dedicar-se à turma na atual escola.

A professora também se destaca quando consideramos a sua faixa etária; em suas palavras, “53 anos muito bem vividos, muito alegres”. Em seus estudos sobre o ciclo de vida profissional dos professores, Huberman (1995) identifica e caracteriza a carreira

docente segundo algumas fases. A fase da “serenidade e distanciamento afetivo”, por exemplo, geralmente engloba professores na faixa etária entre 45 e 55 anos, e é caracterizada por um certo lamento pelo tempo que passou, em que eram cheios (as) de força, vitalidade e juventude, associada à contrapartida trazida por uma “grande serenidade” em relação às diversas situações da sala de aula. (p.44).

Nessa fase, ainda segundo o autor, é possível também identificar um certo distanciamento afetivo de suas funções laborais, traduzidas por uma diminuição do nível de investimento na prática diária de sala de aula, já que “nada mais têm a provar aos outros ou a si próprios” (p. 44). Além disso, há a percepção de que os alunos, por estarem diante de pessoas com idade próximas à de seus pais, tenham mais dificuldades em estabelecer laços de afeto mais próximos pelas diferenças inerentes entre as gerações (Huberman, 1995).

Se eu não tivesse conhecido a professora Lírio do Vale, seguiria concordando com os estudos de Huberman sem questionamentos, mas ela, aos 53 anos na época, mostrou-me que sua jovialidade, disposição física, criatividade e envolvimento afetivo com sua prática docente e seus alunos, permanecem inabalados. O fragmento a seguir, do meu diário de bordo, ilustra bem minha constatação:

Na volta do recreio (apenas 15 minutos) Lírio do Vale propõe brincarem de “vivo ou morto” ainda para seguir falando sobre o corpo. Em seguida, brincam de “macaco disse x macaco falou”, para treinar a habilidade de atenção e concentração relativo à percepção de qual parte do corpo estava sendo falada. Quem errava, ia para o centro da roda. Todos se divertiram muito. Por fim, Lírio do Vale brinca com a música “cabeça, ombro, joelho e pé” e acompanha as

crianças fazendo todos os movimentos até o fim. Sua disposição física me impressiona! (Diário de bordo da pesquisadora).

Neste outro trecho, agora da entrevista com a professora, vemos um pouco mais sobre sua relação de afeto com as crianças:

Eu gosto muito do que eu faço, e eu sinto falta quando eu não tô na escola... nas férias a minha filha fala assim: “nossa mãe, volta pra escola, arruma um menino pra senhora dar aula” (risos). Mesmo, eu fico sentindo falta dos meninos, cê acredita? Fico nervosa... (Entrevista com a Professora).

Diante disso, resta-nos um questionamento: o que diferencia Lírio do Vale de suas colegas de escola e de tantas outras professoras e professores da rede pública brasileira, que a coloca em outra condição de envolvimento afetivo e profissional com sua prática docente, diferente do que nos ensina Huberman (1995)?

Essa resposta nos demandaria uma outra pesquisa dedicada exclusivamente a um estudo de caso, mas temos alguns elementos importantes para considerar. Um deles é o fato de que, na ocasião de minha estada junto à turma Tulipa, Lírio do Vale já estava aposentada há dois anos. Os últimos 24 anos de sua vida, ela viveu equilibrando-se entre todas as demandas da sua vida pessoal⁵⁴, jornada dupla de sala de aula (às vezes tripla), a graduação em Pedagogia e as experiências nos diferentes setores de uma escola (serviços gerais, coordenação, direção, supervisão, auxiliar de educação especial).

Com sua aposentadoria no final de 2016, Lírio do Vale passou a trabalhar apenas um turno, em apenas uma escola, e sempre em turmas da fase de alfabetização (primeiro

⁵⁴ Na entrevista com a professora ela menciona, mesmo que superficialmente, parte dessas dificuldades.

a terceiro anos do ensino fundamental). Nos últimos dois anos, no entanto, o Brasil vem passando por um desmonte das suas estruturas de proteção social conquistadas com muita luta, pelo povo brasileiro. Uma delas é a Reforma da Previdência através da PEC 06/2019 (Proposta de emenda da constituição) que dispõe, segundo publicação oficial do Senado Federal, sobre o “aumento do tempo para se aposentar”, dentre outros pontos (Agência Senado, 2019).

Desta forma, se Lírio do Vale não tivesse conseguido valer-se do direito que ainda lhe restava - a aposentadoria de suas funções docentes na rede estadual de ensino - e ainda, aos 53 anos, precisasse dobrar turno para complementar uma renda já sabida insuficiente, será que eu testemunharia tanto vigor, tanto empenho, criatividade e disposição para levar estratégias pedagógicas diferenciadas para a sala de aula? Possivelmente não.

O leitor pode ainda se perguntar: “mas será que a professora não se esmerava mais em sua prática cotidiana de sala de aula pela presença da pesquisadora na cena?”. Respondo sem medo: talvez sim, e isso é algum problema? E ainda lhe devolvo a pergunta: é possível tirar leite de pedra?

Em sua constituição docente, Lírio do Vale desenvolveu um olhar que salva, e esse olhar que salva, segundo Brum (2006), é aquele que abarca, afaga, resgata e reconhece. Tal como a professora Eliane Vanti de “História de um olhar”⁵⁵ de Eliane Brum, nossa Lírio do Vale tem seu olhar ancorado em todos os seus saberes e não saberes sobre seus alunos, sua função de educadora e sua prática diária em sala de aula há mais de 25 anos.

A minha presença em sua sala de aula não foi recebida sem um frio da barriga ou o medo do julgamento, como ela registrou em seu diário:

⁵⁵ No Anexo B desta dissertação, o leitor encontra o texto disponível na íntegra.

Há dias que são muito difíceis de encarar. Hoje foi um desses. Uma dor de cabeça de rachar. Ai, ai! E hoje foi o primeiro dia da psicóloga Valéria conosco. Espero não ter causado uma má impressão do meu trabalho. (Diário de bordo da professora).

No entanto, a disponibilidade em abrir-se ao novo, segura de si para não se perder em construções fictícias de práticas docentes encenadas pela presença de um outro, permitiu que ela também encontrasse respostas para as quais, por vezes, nem existiam perguntas:

Chorei na sala, em casa ao lembrar-me de cada rostinho com sua personalidade, caráter ainda em formação, mas que traz a sementinha plantada no segundo ano Tulipa, e que com certeza florescerá e dará frutos de excelente qualidade. Deixo aqui, o meu agradecimento à psicóloga, amiga e querida Valéria que me ensinou a segurar a ansiedade e controlar. Aprendi esperar o tempo de cada aluno, pois sou ansiosa e quero respostas imediatas. Aprendi ter serenidade, calma (isso era muito difícil para mim). Aprendi que é preciso buscar informações sobre assuntos como o TDAH, não se esgotar, mas sim, procurar conhecer mais para ajudar aquele aluno que chega com necessidades diferentes. (Diário de bordo da professora).

Possivelmente esse olhar salvou Vinícius de maiores pesos que o diagnóstico de TDAH poderia lhe conferir na escola e na vida, e salvou outras tantas crianças que por ela foram vistas. Esse olhar “que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva” (Brum, 2006, p. 22).

E nesse saber e não saber, ela, Lírio do Vale foi se constituindo professora ao longo do tempo. Ela não nasceu professora. Aprendeu o ofício docente. Talhou-se no chão da sala de aula. Lapidou-se nos encontros com crianças, colegas de profissão, famílias. Rasga-se e remenda-se todos os dias. Temia ser julgada, temia não ter com o que contribuir. Temia por não saber sobre TDAH. Por vezes, creditei suas boas práticas profissionais não medicalizantes ao seu não saber sobre o TDAH, mas agora entendo que essas mesmas práticas são fruto de seus tantos outros saberes que vão além da dicotomia patologizante x não patologizante do não aprender.

7. Ponto de chegada ou ponto de partida?

Chegamos às considerações finais deste trabalho, certas de não se tratar do fim dessa longa estrada que teve seu começo muito antes dos passos iniciais desta pesquisa.

Nessa estrada, acompanhamos o vôo e a revoada feita por esta pesquisadora enquanto se constituía e se lapidava como gente e profissional. Compreendemos como o TDAH se fez presente nesse vôo e a partir de que lugar vejo, estudo e compreendo esse suposto transtorno derivado do real e perigoso fenômeno da medicalização da vida. A Psicologia Escolar crítica serviu-me como linha de costura para arremate entre minhas compreensões prévias sobre o TDAH, fruto de uma prática clínica voltada à infância desde 2004, e sua função perturbadora numa sociedade que insiste em calar e amordaçar crianças.

Nossa caminhada, até aqui, não foi solitária. Muitos personagens tiveram voz e encontraram olhares. A estrada não foi percorrida sem curvas nem desvios de rotas. Numa dessas curvas sinuosas, percebo que o que estava buscando não seria encontrado. Os objetivos iniciais da pesquisa pareciam não fazer mais sentido algum, e foi quando o dever do novo objetivo pôde se fazer presente: a busca por práticas pedagógicas medicalizantes que poderiam levar à construção de algum diagnóstico de TDAH, revelou-se numa dialética em que, a escola, como instituição, é tanto capaz de produzir tais diagnósticos, quanto atuar para seu enfrentamento.

Nossa pesquisa ensinou-nos também sobre os tempos de plantio, germinação e colheita de tudo aquilo que recebe atenção, cuidado e investimento. Flores das mais variadas cores e aromas, paisagens férteis e áridas também compõem essa estrada.

Quando chegamos ao tempo da colheita, deparamo-nos com três eixos de análises que nos permitiram compreender como a escola pode ser, ao mesmo tempo, o cenário de

produção do diagnóstico de TDAH e de enfrentamento das condutas medicalizantes que tantas vezes culminam nesse desfecho.

No primeiro eixo, “TDAH – Terra de ninguém” compreendemos que o TDAH, como suposto transtorno, está situado num amontoado de passos equivocados, sem a menor compreensão acerca dos processos de desenvolvimento da atenção, e que a vida de milhares de crianças tem sido colocada em jogo como se estivéssemos diante de grandes avanços da medicina psiquiátrica, quando em verdade, tem servido apenas para endossar uma epidemia de transtornos mentais. Ademais, nas contundentes palavras de Facci et al. (2017, p. 107),

A própria Medicina, com a colaboração das indústrias farmacêuticas, cria a demanda pelos seus serviços, fazendo com que as pessoas vejam no remédio a cura para todos os males, desde a tristeza até os problemas de aprendizagem e de comportamentos inadequados.

O eixo de análise seguinte, “Saber Médico – uma sentença”, emergiu como outra cultura resultante da nossa colheita e nos mostrou que nenhum saber científico, isoladamente, pode ser definido como verdade absoluta, especialmente se ancorado em pressupostos tão equivocados como no caso do TDAH. Além disso, precisamos nos lembrar sempre de que estamos no terreno escolar, em que o processo de ensino e aprendizagem, o cotidiano da sala de aula, a formação docente (inicial e continuada), as políticas públicas e tantas outras questões precisam ser consideradas.

Por fim, mas não menos importante, nossa colheita resultou no terceiro eixo de análise, “O Saber e o Não Saber sobre o Transtorno”, que nos permitiu a compreensão de que é justamente no movimento entre o saber e o não saber sobre isso ou aquilo, que a

vida acontece. Neste eixo nosso olhar se recai mais profundamente sobre a professora e suas práticas pedagógicas diárias e nos permitimos valsar na sua dialética entre a não compreensão sobre as características diagnósticas do TDAH e sua incansável busca por sentidos para a aprendizagem na relação cotidiana em sala de aula. Certas de que não estamos no fim dessa estrada, olhamos daqui por diante ao que está por vir.

Nessa sequência de tantos equívocos evidenciados durante a pesquisa, consideramos que a formação profissional (inicial e continuada) de médicos e psicólogos deveria contemplar a presença de referências e conhecimentos teóricos sobre como se dão os processos de aprendizagem e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a atenção. A escola é constantemente invadida por outros tantos saberes ditos superiores ou hegemônicos, mas estes mesmos saberes sequer se ocupam de compreender as especificidades do que acontece no intra-muro das escolas.

A alfabetização e os caminhos que uma criança percorre até completar o processo de aprendizagem da leitura, escrita e noções básicas da matemática, é outro tema a ser abordado na formação profissional daqueles que, quando algo falha nesse processo, logo são acionados para “consertar”, na criança, o “erro” que ela carrega. Nesse sentido, a residência em Pediatria, por exemplo, também deveria incluir estágio em escolas, na sala de aula, no recreio, nas áreas comuns e de convivência social dentro da escola. A formação desses mesmos profissionais precisaria, ainda, contemplar uma compreensão ampliada do desenvolvimento social de uma criança, com vistas a caminhar para o distanciamento da visão reducionista e individualizante acerca das queixas escolares.

Como todo estudo, este certamente apresenta limitações, mas esperamos que uma das contribuições seja a de ter mostrado que, se a escola tantas vezes é o espaço em que ocorre o processo de produção do TDAH, igualmente pode oferecer possibilidades para o enfrentamento coletivo deste fenômeno.

Referências

- Agência Senado (2019). *Aprovado texto-base da reforma da Previdência*. Recuperado em 09, julho, 2020, de <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/01/aprovado-texto-base-da-reforma-da-previdencia>.
- American Psychological Association [APA] (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V*. [trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al.] – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed. Recuperado em 18, setembro, 2019, de <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>.
- Antunes, M. A. M. (2003). Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In M. E. M. Meira, & M. A. M. Antunes, (Orgs.), *Psicologia escolar: teorias críticas* (pp. 139-168). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Arantes, R. L. (2017). *A constituição da demanda para neurologia nas vozes das ensinantes*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de pós-graduação em educação, Porto Alegre – RS. Recuperado em 08, julho, 2020, de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174352>.
- Asbahr, F.S.F; Meira, M.E.M. (2014). *Crianças desatentas ou práticas pedagógicas sem sentido? Relações entre motivos, sentido pessoal e atenção*. In *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 97-115, jan./abr. 2014. <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2735>
- Bandeira, M. (1976). *Antologia Poética*. (p. 96). Rio de Janeiro: J. Olympio, 8. ed. Bandeira, P. (1992). *A Droga da Obediência* (83ªed.). São Paulo: Editora Moderna.

- Barbosa, A. (2014). *Salários Docentes, Financiamento e Qualidade da Educação no Brasil*. In Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 511-532, abr./jun. 2014. Recuperado em 09, julho, 2020, de <
<https://www.scielo.br/pdf/edreal/v39n2/v39n2a09.pdf>> <https://doi.org/10.1590/S2175-62362014000200009>
- Barbosa, D. R. (2011). Estudos para uma história da psicologia educacional e escolar no Brasil. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.
- Barbosa, D. R. (2012). *Contribuições para Contribuição da Historiografia da Psicologia Educacional e Escolar no Brasil*. Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 32, pp.104-123. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500008>
- Baptista, C. R, Freitas, C.R. & Christofari, A. C. (2015). Medicalização dos Modos de Ser e Aprender. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, 40 (4), pp.1079-1102. Recuperado em 20, setembro, 2019, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362015000401079&script=sci_abstract&tlng=pt . <https://doi.org/10.1590/2175-623642057>
- Beatón, G. A. (2017). La Biología y una explicación científica diferente em la Psicología. In Beatón, G. A.; Souza, M. P. R.; Perdomo, A. R. C. (Org.), *Problemas Teóricos y Metodológicos del Enfoque Histórico-Cultural* São Paulo: Terracota Editora. (pp. 21-30).
- Boarini, M. L. & Borges, R. F. (2009). *Hiperatividade, higiene mental, psicotrópicos: enigmas da Caixa de Pandora*. Maringá: Eduem.
- Bocato, T. N. A., Lucena, J. E. E., Franco, A. F. (2017). Da medicalização ao processo educativo: a necessidade de uma teoria do desenvolvimento da atenção. In Leonardo, N. S. T; Leal, Z. F. R. G.; Franco, A. F. (Org.),

Medicalização da Educação e Psicologia Histórico-cultural: em defesa da emancipação humana. (pp. 193-213). Maringá: EDUEM.

Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto: Porto Editora.

Bosi, E. (2003). Sugestões para um jovem pesquisador. In *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial.

Caliman, L. V. (2010). *Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH.* *Psicol. cienc. prof.*, 30(1), pp. 46-61.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000100005>

Damasceno, L. A. e Aguiar, C. (2016). Apontamentos sobre a medicalização da infância. In Lemos *et.al.* (org.). *Práticas de judicialização e medicalização dos corpos, no contemporâneo.* (pp. 29-43). Curitiba: CRV.

Dazzani, M. V. M, Cunha, E. O., Luttigards, P. M., Zucoloto, P. C. S. V., Santos, G. L. (2014). Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 18, Número 3, Setembro/Dezembro: 421-42.
<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183762>

Effgem, V., Canal, C. P. P., Missawa, D. D. A., Rossetti, C. B. (2017). A visão de profissionais de saúde acerca do TDAH - processo diagnóstico e práticas de tratamento. *Constr. psicopedag.* 25(26), pp.34-45. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i2p.255-280>

Freitas, C. R. e Baptista, C. R. (2017). A atenção, a infância e os contextos educacionais. *Psicol. Soc.* 29(1), pp.1-9. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i140387>

Eidt, N. M.; e Tuleski, S. C. (2007). Discutindo a medicalização brutal em uma sociedade hiperativa. In Meira, M. E. M.; Facci, M. G. D. (orgs.), *Psicologia histórico-cultural:*

contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação. (pp. 221-248). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Eidt, N. M. e Tuleski, S. C. (2010.) Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Psicologia Histórico-Cultural. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p.121-146, jan./abr. Recuperado em 10, abril, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000100007>

Facci, M. G. D.; Mezzari, D. P. S Leonardo, N. S. T. ; Urt, S. C. .(2017). Uso de medicamentos ou medicalização dos professores? Uma discussão sobre as relações de trabalho e adoecimento. In: Facci, M. G. D.; Urt, S. C.; (Org.), *Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor*. Teresina: EDUFPI, p. 101-112. Recuperado em 22/07/2020 de: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/EDUFPI/LIVRO_PRECARIZACAO_DO_TRABALHO_04-12.pdf>, acesso em 23/07/2020.Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade (2019). *Anais do V Seminário Internacional A Educação Medicalizada*. 2019. Disponível em <http://anais.medicalizacao.org.br/index.php/educacaomedicalizada>>. Acesso em 08/05/2020.

Fórum sobre Medicalização da Educação (2019). Medicalização. Recuperado em 23 de maio 2020, de <http://medicalizacao.org.br/>.

Garcia Paes M. e Scicchitano, R. M.(2008). 20 anos depois: Uma pesquisa sobre problemas de aprendizagem na atualidade. *Revista de Psicopedagogia*. Londrina, pp. 146-157.

Guarido, R. (2010). A Biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. *Medicalização para crianças e adolescentes: Conflitos silenciados pela*

redução de questões sociais a doenças de indivíduos. (pp. 27-39). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Garrido, J.; Moysés, M. A. A. (2010). Um panorama nacional do estudos sobre a medicalização da aprendizagem de crianças em idade escolar. *Medicalização para crianças e adolescentes: Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos.* (pp. 149-161). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Graeff, R. L.; Vaz, C. E. (2008). *Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).* *Psicol. USP*, 19(3), pp. 341-361.

<https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000300005>

Huberman, M. (1995). O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (Org.), *Vidas de professores*. 2. ed. (pp.31-61). Porto: Porto Editora.

Jerusalinsky, A. (2006) *Diagnóstico de Déficit de Atenção e Hiperatividade, o que pode dizer a Psicanálise?* Recuperado em 23, setembro, 2019, de http://www.apoa.com.br/noticias/diagnostico_de_deficit_de_atencao_e_hiperatividade_o_que_pode_dizer_a_psicanalise/231.

Larroca, L. M.; Domingos, N. M. (2012). *TDAH - Investigação dos critérios para diagnóstico do subtipo predominantemente desatento.* *Psicol. Esc. Educ.*, 16(1), pp.113-123.
<https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100012>

Legnani, V. N.; Almeida, S. F. C. (2009). Hiperatividade: o “não-decidido” da estrutura ou o “infantil” ainda no tempo da infância. *Estilos da Clínica*, vol. XIV, nº 26, pp.14-35.
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v14i26p14-35>

Lemos, F. C. S.; Nalli, M.; Júnior, L. P. R.; Franco, A. C. F.; Cruz, F. F. (2016). Proteção e Medicalização: o controle social e a seguridade à beira do fascismo. In. Lemos *et.al.* (org), *Práticas de judicialização e medicalização dos corpos, no contemporâneo.* (pp. 19- 27). Curitiba: CRV.

- Leite, H. A.; Tuleski, S. C. (2011). *Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH*. *Psicol. Esc. Educ.*, 15(1), pp. 111-119. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100012>
- Leite, H. A.; Souza, M. P. R. (2017). A Importância das ações educativas para o bom desenvolvimento da atenção: aspectos da neuropsicologia Luriana. In: Leonardo, N. S. T; Leal, Z. F. R. G.; Franco, A. F. (Org.), *Medicalização da Educação e Psicologia Histórico-cultural: em defesa da emancipação humana*. (pp.159-191). Maringá: EDUEM.
- Luria, A. R. (1981). *Fundamentos de Neuropsicologia*. Trad. Juarez Aranha Ricardo. - Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (pp.223-244). São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- Machado, A. M.; Souza, M. P. R. de. (1997). As crianças excluídas da escola: um alerta para a psicologia. In. Machado, A. M.; Souza, M. P. R. (org). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. (pp.35-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Magaldi, A. M. B. M. (2007). *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Medeiros, M. (1999). *Poesia Reunida*. Porto Alegre: L&PM.
- Meira, M. E. M. (2012). Para uma Crítica da Medicalização na Educação. *Psicologia Escolar e Educacional*. 16(1). São Paulo. pp. 135-142. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100014>
- Ministério da Saúde (2019). *Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias*. Brasília. Recuperado de <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/fevereiro/15/Livro-USO-DE-MEDICAMENTOS-E-MEDICALIZACAO-DA-VIDA--1-.pdf>, acesso em 02/10/2019.

- Moysés, M. A. A. (2001) *A institucionalização invisível: Crianças-que-não-aprendem-na-escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Fapesp.
- Moysés, M. A. A.; Collares, C. A. L. (1994). *A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico*. Série Ideias n. 23. São Paulo: FDE.
- Moysés, M. A. A.; Collares, C. A. L. (2010). Dislexia e TDAH: uma Análise a Partir da Ciência Médica. In: *Medicalização de crianças e adolescentes: Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos*. (pp. 71-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moysés, M. A. A.; Collares, C. A. L. (2013). Medicalização: O Obscurantismo Reinventado. In: Collares, C. A. L., Moysés, M. A. A.; Ribeiro, M. C. F. (Orgs.), *Novas Capturas, Antigos Diagnósticos na Era dos Transtornos*. (pp. 41-64). Campinas: Mercado de Letras.
- Patto, M. H. S. (1992). A Família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia USP*. São Paulo, 3(1/2), pp.107-121.
- Ribeiro, J. A. R. (2006). Momentos Históricos da Escolarização. In Baptista, C. R. (org), *Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas*. (pp.53-72). Porto Alegre: Mediação.
- Rubinstein, E. R. (2003). *O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Santos, M. S. (2011). Medicalização e cuidado: duas coisas bem diferentes. *Revista UNIABEU*. Belford Roxo, v.4, n.6, pp.241-254.
- Santos, R. M. G. M.; Leonardo, N. S. T. (2017). O psicólogo clínico e o TDAH. In: Leonardo, N. S. T; Leal, Z. F. R. G.; Franco, A. F. (Org.), *Medicalização da Educação e Psicologia Histórico-cultural: em defesa da emancipação humana*. (pp. 135-155). Maringá: EDUEM.

- Sato, L.; Souza, M. P. R. de (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*. v.12(2), pp. 29-27. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642001000200003>
- Silva, S. M. C.; Monteiro, W. C. S.; Ribeiro, J. E. V. (2017). As famílias e o processo de medicalização: subsídios para a formação do psicólogo. In: Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G.; Franco, A. F. (Org.), *Medicalização da Educação e Psicologia Histórico-cultural: em defesa da emancipação humana*. (pp. 71-107). Maringá: EDUEM.
- Souza, B. P. (2007). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, B. P. (2007). Apresentando a Orientação à Queixa escolar. In: Souza, B. P. (Org.), *Orientação à queixa escolar*. (pp. 97-117). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, I. G. S. (2012). O que ocorre no cérebro de quem tem TDAH e por que os estimulantes funcionam? *Revista Dr. Paul Janssen – Atualizações em Psiquiatria*. 3(2), pp.4-7.
- Souza, M. P. R. (1997). As contrinuições dos estudos etnográficos na compreensão do fracasso escolar no Brasil. In: Machado, A. M.,; Souza, M. P. R. (org). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. (pp. 137-151). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. P. R. (2007). Prontuários revelando bastidores: do atendimento psicológico à queixa escolar. In Souza, B. P. (Ed.), *Orientação à queixa escolar* (pp. 27-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, M. P. R. (2014). O movimento de crítica em Psicologia Escolar: elementos para a compreensão da trajetória de uma área de atuação profissional. In: Souza, M. P. R., Silva, S. M. C., Yamamoto, K. (orgs.), *Atuação do psicólogo na Educação Básica: concepções. Práticas e desafios*. (pp.13-32). Uberlândia, EDUFU.
- Suzuki, M. A.; Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G. (2017). A medicalização da educação. In: Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G.; Franco, A. F. (Org.), *Medicalização da Educação e*

Psicologia Histórico-Cultural: em defesa da emancipação humana. (pp. 43-70).
Maringá. Eduem.

Toledo, L. C. N. (2018). *Relações escola-família: análise do relato de educadoras(es) sobre a interação com as famílias no contexto de escolas públicas e privadas.* Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Programa de pós-graduação em Psicologia, Maringá – PR. Recuperado em 21 de julho de 2020, de http://www.ppi.uem.br/arquivos-2019/PPI_2018_Livia%20Toledo.pdf

Troiteiro, R. P. (2017). Una biología para una explicación científica diferente de la psicología. Parte 1: Expresión de la información génica. In Beatón, G. A.; Souza, M. P. R; Perdomo, A. R. C. (Org.), *Problemas Teóricos y Metodológicos del Enfoque Histórico-Cultural.* (s.p.) São Paulo: Terracota Editora.

Vigotskii, L. S. (1988). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In L. S. Vigotskii, A. R. Luria, A. N. Leontiev, *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* (pp. 103-118). São Paulo: Ícone Editora da Universidade de São Paulo.

Whitaker, R. (2017). *Anatomia de uma epidemia: Pílulas Mágicas, Drogas Psiquiátricas e o Aumento Assombroso da Doença Mental.* São Paulo: Fiocruz.

APÊNDICE A - Texto Postado na *Internet*:

Então lá vamos nós!

Início de uma longa, divertida, curiosa e intrigante jornada!

Já estamos no 5º ano do Ensino Fundamental, e caminhando para a marca da primeira década de parceria!

Sim! Lá vamos nós!

Um filho não vai sozinho à escola.

Lá vamos nós!

Um filho não percorre sozinho a caminhada da escolarização e letramento.

Lá vamos nós!

Um filho não percorre sozinho o caminho de encontros e descobertas e descobertas, das alegrias e frustrações.

Lá vamos nós!

O caminho é dela, mas a caminhada é nossa!

Lá vamos nós!

Que venha o 5º ano! Que venham os 10 anos!

Que venha e seja incrível!

(Valéria Ribeiro, 05/02/2019).

APÊNDICE B - DIÁRIO DE BORDO DA PESQUISADORA

28/04/2018 - Daqui nascerá uma pesquisadora: Sei que esse nascimento não será fácil, que o caminho para constituir-me assim será longo, mas espero e desejo que ao final, os sentidos se sobressaíam.

Primeira visita à escola - Fiz o contato antes, por telefone, de forma muito amistosa. Essa escola, de certa forma, já faz parte da história desse grupo de pesquisa, pois lá, uma colega hoje no Doutorado, realizou também seu trabalho de campo, e graças à sua competência e ética, deixou as portas abertas para que agora eu, pudesse também entrar. Rosa⁵⁶, o nome que me foi apresentado. Rosa, a diretora da escola que, com graça, generosidade e entusiasmo, me recebe.

Era a volta de um feriado no qual tinha viajado para visitar minha família em Goiânia. Na estrada, me deparei, pela primeira vez, com um enorme campo de margaridas. Sem a menor dúvida, parei o carro e, não apenas admirei a beleza que estava ali posta nos meus olhos, como também registrei em fotos para tê-las comigo. Ficaram lindas, e eu ainda estava tomada por toda aquela beleza.

⁵⁶Nome fictício atribuído por mim, à diretora da escola.

Ao apresentar minha proposta de pesquisa para Rosa, a conversa nos leva para a importância da arte na educação, pois na sala ao lado, um grupo de crianças e jovens tocavam alguns instrumentos musicais. Para minha surpresa, Rosa me conta que escreve poesias, e tem uma que ela gosta muito e fala de flores.

Há tempos eu mesma me descobri uma amante de flores, basta ver todos os quadros que decoram meu consultório e minha casa.

As afinidades já estavam postas, mas algo veio como ápice: a Rosa me conta que as turmas na escola são nomeadas com nomes de flores, e que, dado o objetivo do meu trabalho, ela imaginava que a turma Margarida seria a turma mais adequada para minha pesquisa de campo.

Opa! Ao ouvir isso fui tomada de um grande arrepio pelo corpo todo. Contei-lhe sobre as margaridas da estrada ainda tão vivas na minha memória, mostrei-lhe as fotos, e entendemos que já havia um terreno fértil para permitir brotar ali, uma bela parceria.

Turma Margarida, em breve nos encontraremos!

Segunda visita à escola - Hoje voltei à escola para conhecer as outras pessoas que, direta ou indiretamente, estarão envolvidas na pesquisa: a professora e a supervisora pedagógica.

Ao chegar fui direto encaminhada a conversar com a Supervisora Denise⁵⁷. Me apresentei, falei um pouco do trabalho, da minha trajetória profissional culminando, neste momento, num percurso como pesquisadora. Diferentemente da Rosa, Denise pensou noutra turma (ou professora) para que eu pudesse fazer minha coleta de dados. Me pareceu, naquele momento, uma escolha mais fundada nos vínculos de afeto com a professora, que a aleatoriedade que, como inexperiente pesquisadora, esperava que acontecesse. A turma agora é outra flor, Tulipa. Quanto a mim, não senti pesar pela troca, como disse, gosto de flores.

Lírio do Vale⁵⁸ é a professora, uma mulher experiente, sensível e parece apaixonada pela docência. Já aposentada, segue em sala de aula.

São 19 crianças no segundo ano Tulipa, e me contaram que a escola adota essa nomenclatura pois paira no imaginário das famílias que as usuais turmas “A”, “B”, “C” remetem a comparativos de qualidade – melhores ou piores. Fiquei surpresa por essa

⁵⁷Nome fictício atribuído por mim, à supervisora pedagógica da escola.

⁵⁸Nome fictício escolhido pela própria professora.

justificativa. Nunca havia pensado sob essa ótica, mas ao ouvi-las, senti que me fez sentido.

A professora pareceu-me à vontade com sua escolha (a escolha de sua turma), mas mencionou uma possível preocupação quanto a ser “favorecida” ou “preferida” da supervisora (aqui minha impressão sobre a escolha pelas relações de afeto parecem se confirmar, pode ser que haja uma repetição de situações como essas em que, supostamente, ela é favorecida). Além disso, Lírio do Vale demonstrou grande interesse e disponibilidade em estudar, aprender mais, pedindo até indicações de leituras.

Questionou-me se poderei lhe orientar quanto às melhores condutas, o que me deixou preocupada sobre o lugar em que me colocarão, aliada à minha ainda frágil postura de pesquisadora em constituição. Tentei explicar melhor minha função como pesquisadora, e as formas que eu, com minha pesquisa, poderei lhes ajudar ao longo do trabalho. Parece que agora ficou mais claro para todos.

Hoje já saímos com data e hora marcados para a reunião com os pais das crianças, sugeridos pela escola de acordo com a disponibilidade da professora e o padrão de presença dos pais, (ou seja, marcamos no início da tarde de um dia de semana, pois segundo a escola, esse tende a ser o horário com maior adesão das famílias quando convidadas a estar na escola), contando com o apoio da professora para fazer o convite chegar a todos os pais, de modo a termos o maior número possível de familiares.

Reunião com os pais - Das 19 crianças, tivemos 7 famílias e, segundo a escola, foi um número muito bom.

Conversamos durante 1 hora aproximadamente, com a presença da professora e da supervisora, sobre quem eu sou, o que farei na escola, como farei e qual a importância da presença deles naquele momento.

Ressaltei todos os cuidados éticos, inclusive os apontados para o comitê de ética.

Inevitavelmente, fui questionada sobre as ajudas que eu poderia oferecer às crianças enquanto estivesse na escola. O psicólogo como especialista, quando entra no contexto educacional, ainda por cima tão cheio de limitações e precariedades, parece ser colocado ainda mais no lugar de quem porta um saber sobre o desejo do outro, como me ensinou a Psicanálise tanto tempo, ou trata-se aqui, de mais uma evidência do caráter medicalizante e patologizante da nossa prática profissional, que temos insistido em reforçar?

Confesso, mais uma vez, que tenho medo de me atrapalhar entre essas funções: a pesquisadora em construção x a psicóloga já há quase 15 anos.

Expliquei e reiterei meu papel sendo acolhedora das angústias que ali se punham, as dúvidas que restavam, mas demarcando de quais formas eu ajudaria naquela função para a qual estava me apresentando a eles – através da pesquisa e seus resultados.

Ainda assim obtive o consentimento de todos. Ao final, deixei as demais cartas com a professora, pedindo-lhe o empenho em consegui-las de volta, assinadas, o quanto antes.

Autorizações assinadas - Hoje recebi, por e-mail, a resposta da supervisora pedagógica da escola, Denise, que todas as autorizações enviadas para assinatura dos pais das crianças do segundo ano Lírio já tinham retornado, e todas, com consentimento! Feliz e entusiasmada, já combinei meu primeiro contato com a turma para amanhã, dia 28/08, para finalmente conhecê-los, e igualmente, solicitar as autorizações de cada um, para que eu possa desenvolver minha pesquisa de campo, junto a eles.

Primeiro contato com a turma - Hoje conheci a turma Tulipa. Fui recebida como a “Surpresa” que a professora tinha mencionado.

Ao chegar à escola, encontrei-me com a professora pelo corredor, e percebi que ela não me esperava, no entanto, pareceu não se incomodar. Meu contato tinha sido com a supervisora, no dia anterior, por e-mail, talvez ela não tenha tido tempo hábil para informar.

Quanto às crianças, realmente estar entre, com, e por elas é o que tenho de sentido e propósito para minha vida. Tenho tido dias difíceis, pessoalmente. Hoje não foi diferente, mas ao sair da sala de aula, já era outro olhar que me convocava.

Com a turma, expliquei quem eu era, apresentando meu nome e minha profissão, com o jogo de adivinhação de palavras “FORCA”.

Expliquei o que faria na escola e a importância que eles tinham para o meu trabalho. Ao explicar sobre o que faz um psicólogo e o que faz um psicólogo no mestrado, ouvi da Juliana⁵⁹: “Então você está na UFU para ficar ainda melhor em cuidar dos sentimentos das crianças?”. Respondi: “Sim, acho que é isso sim”. Logo veio o recreio e 15 minutos depois eles retornaram e concluí minha visita de hoje com a carta de autorização.

Expliquei que eu só poderia estar na sala deles se todos autorizassem, já que aquele era o espaço deles, e todos poderiam decidir. Que respeitava qualquer decisão diferente e que isso estava tudo bem. Li a carta em voz alta para todos acompanharem e ao final, enquanto

⁵⁹Nome fictício atribuído por mim, a uma aluna da turma que acompanhei durante a pesquisa.

em coro, todos diziam que eu poderia estar na sala de aula deles para desenvolver a pesquisa, ouvi da Pâmela, uma menina sentada no canto direito da sala, um sonoro e desafiante “NÃO”. Os colegas diziam “sim”, ela dizia “não”, ao que lhe dei voz pedindo que me contasse o porquê “não”. Ela disse: “porque você virá apenas uma vez na semana, e poderia ser todos os dias”. Nem preciso dizer que me arrepiei toda!!

Em meio a tudo isso recebi, em vários momentos, inúmeros abraços. A professora se dividia entre permiti-los e cuidar da ordem da classe. Em meio a esses abraços, ganhei também adesivos nas mãos: primeiro um Homem de Ferro, depois um coração. Em ambos os casos, não me foram entregues em mãos, mas colados no meu corpo durante os abraços.

Com as autorizações assinadas uma a uma, as crianças se levantavam e vinham me falar ao ouvido que a professora era “maluquinha” ou “sem paciência”, todos com demonstrações de afeto e carinho. Cochicham ao meu ouvido, dão risadas, me abraçam, mas ao perceberem que a professora poderia estar começando a se constranger, eles, afetivamente, correm para os braços dela e são acolhidos e bem recebidos.

Ao me acompanhar até a porta, Lírio do Vale me pergunta o que tanto eles falaram ao meu ouvido, respondo o “maluquinha” e “sem paciência”, ela sorri e diz: “é verdade!”. Entrego-lhe seu diário de bordo, mostrando o meu, dizendo que ali ela poderá registrar tudo o que quiser sobre sua rotina escolar até o final do ano. Explico que farei o mesmo, e que esses registros serão importantes para a pesquisa. Ela fica feliz e agradece.

Antes de ir embora da escola, passo na sala da supervisora para me despedir e avisar que já na próxima semana iniciarei as observações. Conto-lhe que deu tudo certo, e narro a cena da fala da Pâmela. Ela respondeu: “Viu só como eles são carentes?”. Essa fala me incomodou, mas não sei ainda o porquê, sei apenas que não vejo como uma manifestação de carência.

Dia 01 - Chego para o primeiro dia de observação. Estão sentados em círculo no chão. Querem me receber, me abraçar e cumprimentar. Fico meio paralisada também, sem saber como proceder, pois temo atrapalhar o ritmo da aula. A professora parece surpresa com a minha chegada e conduz a situação dizendo que, ao final da atividade, dará tempo para que todos me cumprimentem.

Estão corrigindo uma prova. Uma prova grande, extensa, tipo um simulado com nível alto. Percebo que tiveram muitas dúvidas, erros. Mais tarde percebo que se trata de uma prova realizada com o objetivo de avaliar o sistema de ensino, e que a professora titular

da turma não pode aplicar. Conversando com o Tio Luís⁶⁰, professor de apoio do Projeto Mais Alfabetização do Governo Federal, ele me explica que se trata da prova de Percurso do projeto. Segundo o tio Luís, noutra turma em que ele acompanhou a aplicação que aconteceu na semana passada, uma menina chorou.

Sinto uma inquietação quanto a esse formato massivo de avaliação de crianças.

A professora ganhou uma galinha e estava com ela na sala de aula, ao final da correção da prova, ela mostrou a cada criança, levando a caixa de carteira em carteira.

Para encerrar, pediu que as crianças pegassem os cadernos de português, fizessem o cabeçalho completo (cidade, data, escola, diretora, professora) e iniciariam um novo conteúdo.

Dia 2 - Chego. Estão em círculo no chão falando sobre o sistema monetário brasileiro, dinheiro, moeda corrente, compras, pesquisa de preços.

Um menino levanta-se para me abraçar e a professora pede que ele se sente. Quando chego em meio à alguma atividade, sempre me preocupo em não atrapalhar ou a impactar o mínimo possível na dinâmica da turma. Recebo o abraço e logo me sento no fundo da sala.

Estão falando de outras moedas brasileiras mais antigas. Um menino fala: “já teve dinheiro de moeda de ouro, né professora?” Lírio do Vale responde: “Gente! Todo mundo com os pés no chão, ninguém imaginando... isso é coisa de filme de pirata...Se eu fosse no mercado com esse dinheiro o tio aceitaria?” Todos respondem em coro: “Sim...” e o menino complementa: “ouro vale mais que papel”.

Sinto vontade de interferir e ajudá-los nessa construção, mas ainda não sei ao certo as fronteiras do meu papel, então me calo.

Todos se deitam, estavam cansados de ficar deitados no chão. Mesmo deitados, mantém a ordem ao falar, mas percebo que ficam mais livres. Quem conversa, se dispersa, tem que voltar à posição anterior e ficar sentados.

Professora: “faremos visita com calma, cuidado...”

Juliana: “... elegância...”. Todos riem e percebo que essa já é uma brincadeira que faz parte daquele grupo, que é uma fala da professora ao orientá-los quanto à postura adequada para sentar-se durante a aula: “Postura de estudante – com elegância”.

⁶⁰Nome fictício atribuído por mim, ao professor de apoio.

Amanhã farão visitas a um mercado e uma papelaria, e a professora estava antes fazendo um levantamento das noções financeiras das crianças.

Ao final da roda, a professora me convidou a falar alguma coisa. Saudei a todos, como não tinha tido a chance de fazê-lo antes para não atrapalhar a atividade. Agradei a todos os elogios que tinha recebido por perceberem mudanças nos meus cabelos, e contei que, enquanto os ouvia, me lembrei que antes de existir o dinheiro como nós conhecemos, muitas outras formas de dinheiro foram usadas, como troca de mercadorias, e moedas de ouro. O menino que havia falado sobre as moedas disse sorrindo: “é, eu sou sabido! Eu sou um pesquisador!”. Todos sorriram, inclusive Lírio do Vale, consentindo com a cabeça, balbuciando “é verdade”.

Fui convidada a ir com a turma até a horta. Até então nunca havia saído da sala com eles. Observei as orientações da professora. Todos em fila, uma menina, um menino para evitar conversas e dispersões. Braços para trás. Postura elegante. Fiquei no final da fila, e segui as mesmas orientações. No caminho, como é próprio da infância, a fantasia e as brincadeiras aparecem. Um poço de lava imaginário nos fazia caminha sobre os ladrilhos de acessibilidade. Estavam animados por sair da sala. Muito calor naquele dia. Fomos ver as mudas que eles haviam plantado semana passada que fará parte de uma apresentação para toda a comunidade escolar – livro “leilão de Jardim”. Todos se revezaram na tarefa de aguar as plantas, mas Juliana, com consentimento da professora, se dedicou mais.

Na volta para a sala, fomos surpreendidos com o sinal para o recreio. Fiquei no pátio com eles, e muitas crianças ficaram perto.

Dia 3 - Ao chegar hoje logo percebo que a professora estava preparando a turma para uma atividade que montariam um mercado na sala, composto de várias embalagens de produtos recicláveis que todo o grupo tinha reunido ao longo das últimas semanas.

Fui convocada a participar ativamente da atividade – seria a gerente – já que as demais funções já estavam distribuídas entre os alunos: quem tinha levado dinheirinho de brinquedo seria cliente; quem não tinha os dinheirinhos, era funcionário; um aluno com habilidades matemáticas era o caixa; outro, que está em avaliação psicodiagnóstica, pois segundo a professora, “é especial” (não aprende e chora por tudo) foi definido como empacotador, depois de tentar ajudá-lo a se decidir dentre as outras tarefas.

Sentei-me na roda e participei da criação do nome do mercado - cada um que desejasse, dava sua opinião, e ao final, votamos. A maioria votou na minha sugestão – Mercado Lírio.

Participei também da organização das prateleiras, dividindo os setores dos produtos, e escolhendo os preços disponíveis nos encartes de mercados que a professora levou para a turma. Ajudei na organização dos dinheirinhos daqueles que os trouxeram, recortando, destacando as cartelas.

Foi uma atividade incrível. Todos participando, sentindo-se pertencente, e vivendo aprendizagens significativas.

Num dado momento, em meio àquela bagunça organizada e cheia de sentidos, Lírio do Vale me olha e diz sorrindo: “você pensa que é fácil?”. prontamente respondo: “Tenho certeza que não”.

Ao final, percebendo que o tempo estava acabando e tinha sido usado apenas com a parte operacional da atividade, sugiro à professora que suspendêssemos a procura dos preços nos encartes promocionais que tinha em sala, inventássemos preços para os produtos que restavam sem preço, para que as crianças pudessem brincar de ir às compras e trabalhar no mercado. Ela concorda.

Dia 4 - Hoje cheguei e não me senti constrangida em receber os abraços e carinho das crianças, mesmo em meio a uma atividade. Acho que aos poucos, também vou me apropriando deste lugar.

As crianças estão no chão lendo, cada uma com sua leitura. Em duplas, um “toma” a leitura do outro. Por fim, a professora faz o mesmo um a um, e avalia a evolução na leitura de cada criança individualmente.

Percebo que ela questiona com um menino se ele já fez o exame de vista, pois tem feito trocas de letras mesmo conhecendo o alfabeto.

Avaliando a leitura de outro menino, vejo-a elogiando a evolução dele com a leitura, sugerindo que ele estava se dedicando pouco, estava muito preso na TV, que deveria ler mais pra treinar. Foi carinhosa e afetuosa.

Aula de ciências – corpo humano. Falando sobre o tronco, a professora diz que o ronco acaba nos órgãos genitais. As crianças ficam envergonhadas e ela intervém dizendo que todo o corpo é “legal”.

No meio da atividade, a professora convida os alunos a brincar de “o mestre mandou”, treinando lateralidade e conhecimento do corpo. Fico admirada com a flexibilidade da professora em propor dinamismo ao conteúdo. Ao final, ela me olha e diz: “Viu como eles me cansam, tia Valéria?”

Fico pensando o que, em meu comportamento, possa tê-la colocado nessa posição de precisar mostrar-me seus esforços como professora.

O menino que fora elogiado no início da aula pela leitura, me chama em meio à explicação de outro conteúdo para me contar que não estava aprendendo a ler porque via muito TV (2h depois).

Dia 5 - Cheguei e todos já estavam prontos para ir ao laboratório de informática para ouvir/ver a música “Aquarela”. Lírio do Vale ao perceber o entusiasmo da turma ao me ver disse: “aproveitem que já estão todos em fila e a tia Valéria vai cumprimentar vocês”. Assim o fiz e fui para o fim da fila para seguir com eles até o laboratório.

O computador que eles usariam não funcionou. Busquei meu celular correndo na sala, liguei o cabo do áudio da caixa de som no meu aparelho e busquei a música no Youtube. Ao ouvir a música com eles me arrepiei em vários momentos por me lembrar da minha infância e de como a música me tocava.

Tenho percebido ao longo dos dias que crianças mais agitadas/inquietas mas que respondem ao conteúdo, têm mais liberdade.

Na volta para a sala vejo alguns conflitos na posição da fila aparecem, tentam me convocar à resolução e remeto essa autoridade à professora.

Ao chegar à sala uma aluna negra que sempre está de cabelos presos me olha e diz: “seu cabelo está tão lindo, vou deixar o meu solto também”.

Em sala, trabalho em grupo. Lírio do Vale vai pegar cadernos no armário que está ao meu lado e diz: “estou tentando ser menos impositiva... é difícil porque eu gosto sempre das coisas no lugar” – referindo-as às solicitações das crianças de posicionar as carteiras de diferentes formas para o trabalho em duplas.

Acho que minha presença tem provocado interferências. Não é a primeira vez que “ela se defende”.

Numa atividade referente à música que ouvimos, Lírio do Vale coloca no quadro uma “sugestão” de desenho para a capa do trabalho, mas percebo que ao oferecer ideias tão delimitadas, elas já não servem de ideias, mas sim de modelos, pois a maioria das crianças opta por reproduzir a imagem colada no quadro.

Dia 6 - Já na porta, sou recebida por todos. Elogios e abraços, me enchem de alegria.

Todos estão fazendo a “rodinha”, atividade já típica do início da aula nas segundas feiras, dias que tenho feito minhas observações. Nessa atividade geralmente a professora dá início a um novo conteúdo que será trabalhado durante a semana, ou dá seguimento/orientações sobre algum projeto que está sendo ou será desenvolvido pelo grupo. Hoje estão planejando, por ser a semana das crianças, fazer brinquedos com as embalagens de produtos recicláveis que usaram para o dia do “mercado” com dois objetivos: doar para alguma criança, e reciclar a embalagem.

Antes de iniciar a atividade a professora conversa com o grupo sobre os sentidos da atividade. Todos têm voz, mas percebo que as crianças que se distraem mais, mas têm bons resultados acadêmicos, tem mais tolerância da professora, como a Juliana e o Kelvin, enquanto que outros que ainda mal sabem ler, ela trata com mais rigidez.

Organizaram-se em trios. Um menino não quis ficar no grupo da Juliana (visivelmente líder na sala e dona de um afeto especial de Lírio do Vale). A professora intervém, ouve a justificativa dele (ela queria direcionar a atividade), e respeita, ajudando-o a se reorganizar em outro grupo, sem, porém, intervir junto à Juliana.

Todos têm um tempo para, em grupo, planejar quais brinquedos fariam. Quando começaram a trabalhar, circulei pela sala e logo fui convocada a ajudar. Assim o fiz.

Ajudei com todo tipo de coisas, desde encapar caixas de leite até fazer furos em garrafas pet. Fui muito bom produzir com eles.

Uma outra professora chega à porta para falar com Lírio do Vale e, em tom de brincadeira, fala das tantas “bagunças” que Lírio do Vale tem feito na sala dela, ao que escuto de longe: “toda segunda é dia de fazer “bagunça”, pois a psicóloga tá aqui”. Fiquei com a impressão de que ela queria que eu ouvisse, pois falou relativamente alto, e me procurou com o olhar pela sala. Eu só percebi isso ao final da fala dela, e, de longe, agi como se não o tivesse ouvido.

Dia 6 - Hoje voltamos depois da “semana do saco cheio” que emendou o feriado do dia das crianças com o do dia do Professor dando uma semana de folga a todos.

Todos me recebem com muito entusiasmo e eu estava com saudades!

Estavam todos com gráficos nas mãos. Ao me abraçar, a professora pede que eles tomem cuidados com os gráficos para não amassar. Estavam, como de costume nas segundas feiras, sentados na “rodinha”, tendo os primeiros contatos com a linguagem dos gráficos,

e Lírio do Vale, havia trazido vários exemplos de gráficos impressos para que cada um pudesse visualizar.

Quando cheguei à porta a professora estava tirando fotos do grupo sentado no chão com seus respectivos gráficos. Esperei que ela terminasse antes de entrar.

Na rodinha, estão falando sobre as novidades da semana de folga. Falam sobre a Fada do Dente porque uma menina havia arrancado um dente. Alguns dizem acreditar, outros não. Lírio do Vale diz que acredita, mas não impõe o que pensa: “bom, não sei vocês, nem porque alguns não acreditam, mas eu acredito e está tudo bem que pensemos diferente”. E complementa intervindo sobre Juliana: “Juliana, ela tem direito de acreditar!”.

A diretora entra na sala para falar com a professora. Todos se levantam e a recebem com o mesmo carinho que sempre vejo comigo, com o Tio Luís, com Lírio do Vale. Se agitam um pouco, nada fora do controle. Ao final, quando a diretora foi embora, Lírio do Vale diz: “que feiura! A Tia Rosa veio falar sobre nossa apresentação do “Leilão de Jardim”. Veio nos convidar para apresentar novamente fora da escola... e vocês fazem todo esse barulho?”

Para trabalhar com os gráficos, a professora pede que a Juliana vá ao quadro criar um gráfico a partir dos levantamentos e conversas feitas em grupo. Enquanto isso, eu sentada numa cadeira e as crianças no chão, estive ao longo de todo o tempo com ao menos 3 crianças em meio às minhas pernas.

Antes de começar, Lírio do Vale lê e agradece a carta que recebeu de um aluno pelo dia dos professores. Emocionada e agradecida, todos se levantam e a abraçam calorosamente. Vinícius, o menino que noutro dia Lírio do Vale mencionou ser “especial” vai ajudar Juliana com o gráfico, por iniciativa e incentivo de Lírio do Vale. Ambos representam no quadro os números que levantamos (ajudei a organizar esse levantamento de dados, somando as quantidades dos animais) sobre os animais que cada um do grupo tinha em casa.

Depois disso, Lírio do Vale propõe que o gráfico seja feito com as crianças. Gráfico humano, em forma de colunas, representando as cores preferidas de cada um. Além de criativa, Lírio do Vale faz as atividades fazerem sentido para cada um de seus alunos.

Quando terminaram o gráfico, passaram ao planejamento da feira de ciências. A professora sugere trabalharem com o esqueleto humano, já que o conteúdo que está sendo trabalhado em ciências é o corpo humano. Para isso, ela propõe que o grupo construa um esqueleto humano a partir da montagem com chapas de raio x usadas que as crianças possam trazer para a sala. Fico, mais uma vez, impressionada com a criatividade e

disponibilidade de Lírio do Vale em promover mediações para uma aprendizagem significativa e cheia de sentidos!

Chega à porta a professora Olívia e Lírio do Vale me apresenta ela como a “alfabetizadora da escola” – “quando alguém está com dificuldade de se alfabetizar em sala, ela resolve rapidinho”.

Ela tinha ido buscar uma menina para uma atividade de reforço e outro menino pediu para ir também. Lírio do Vale permitiu e reforçou sua gratidão quanto ao apoio dessa professora. Olívia também comenta a versatilidade das atividades de Lírio do Vale nas segundas feiras, e Juliana confirma: “a tia só faz as coisas legais na segunda”. Lírio do Vale complementa explicando que na segunda geralmente inicia conteúdos novos, e que, quando é possível, faz coisas diferentes também na sexta. Explica ainda: “durante a semana ficamos mais em cima dos livros”.

Volto aqui a pensar sobre a possibilidade de eu fazer algumas observações em outros dias da semana, para que minha pesquisa tenha uma maior amplitude de olhar. No fundo, não acredito que, no que diz respeito ao meu objeto de pesquisa a conduta de Lírio do Vale sofrerá grandes alterações, mas encontrá-los em outras rotinas talvez me dê mais perspectivas para discussão dos meus dados encontrados.

Dia 7- Hoje um choro embargado me acompanhou até a chegada à escola. Um temor por essas crianças que nada tem de “minorias”, pois fazem parte da grande e esmagadora maioria desse país, e, no entanto, são as mais vulneráveis. Tristeza por essa professora que, mesmo sem recursos mínimos, se desdobra dia após dia para mediar significativamente a aprendizagem dessas crianças frente ao mundo.

Ao me verem na porta todos se levantam, e já como orientação da professora, fazem fila para me abraçar um a um. Lírio do Vale sempre diz: “façam fila gente, senão vocês derrubam a tia Valéria”.

O choro vem. Disfarço. Guardo. Vem novamente, mas mantenho-o na garganta e recebo todo o carinho deles, reforçando que há muito trabalho pela frente, também, por eles.

Todos sentados na rodinha, a professora está falando sobre a importância das regras, contando um exemplo do seu filho numa viagem com a turma dele da escola em que, pelo descumprimento das regras por parte de um grupo de alunos, todos voltaram para casa mais cedo.

Duas alunas mais velhas vem até a porta pedir o “mapa do Brasil da escola”. Lírio do Vale diz que não está com ela, e que, para não depender dos materiais ou da falta dos

materiais da escola, ela mesma fez o dela. Mostrou para as alunas como fez (imprimiu em folha sulfite parte por parte do mapa e os juntou colando sobre um banner já usado), e as encoraja a fazer também. Nesse momento percebo que tinha um cartaz em papel pardo afixado na sala com os gráficos trabalhados noutra aula.

Vinícius parece ter algum comprometimento psíquico, mas a professora trabalha com ele de forma natural, dando-lhe voz sempre que ele pede, estimulando sua participação, acolhendo suas demandas e não problematizando suas questões ou dificuldades em sala da aula. Numa ocasião no início das minhas observações ela chegou a comentar que solicitaram junto à família uma avaliação, mas que ainda não obtiveram nenhum retorno. Mas o que principalmente me chama atenção na conduta dela com ele, é que essa hipótese ou suspeita de que seu aluno possa ter algum tipo de comprometimento cognitivo/emocional, não a exime de dedicar seus esforços como educadora no processo de aprendizagem dele.

Ele conta que ajuda o pai a lavar o carro e a professora retoma que a melhor forma de lavar o carro deve ser usando um balde, para evitar o desperdício de água. Vinícius chora e a professora o acolhe, explica calma e respeitosamente que ele pode explicar para o pai a melhor forma de lavar o carro. Ele para de chorar, permanece por um tempo ainda quieto, meio de “beicinho”, mas logo volta a participar da aula.

Falam sobre a “Feira da Língua Portuguesa que fizeram na escola no último sábado em que expuseram todas as atividades produzidas em meio aos conteúdos de língua portuguesa. “Esquecemos de chamar a tia Valéria...”

Lírio do Vale me pergunta se quero ver os trabalhos que expuseram, pois hoje ela devolverá todos a cada criança. Chama atenção para os trabalhos da Juliana. Olhei rapidamente todos, pois não queria perder a atenção das dinâmicas da turma. Confesso que não me chamou muita atenção em relação aos demais, nem vi nada surpreendente, ou nada que não fosse condizente com a postura de liderança dela e mostrasse as habilidades dela já demonstradas em diferentes contextos da aula.

Percebo que Gabriel⁶¹, um menino que quase sempre tem a companhia do tio Luís nas atividades, senta-se afastado da roda. Ele está calado. Professora vai contar uma história que aborda o crescimento e desenvolvimento do esqueleto humano, todos se deitam para ouvir a história, menos Gabriel. Lírio do Vale percebe e pergunta: “Uai Gabriel, não vai deitar?”. Ele, com a cabeça, diz não.

⁶¹Nome fictício atribuído por mim, a um aluno da turma em que realizei a pesquisa.

A professora imprime a história em folhas sulfite usadas pois a escola não tem o livro nem outros recursos necessários. Eu a vi, semana passada, retirando uma fita adesiva usada do chão (usada para demarcar o lugar do gráfico humano) e recolocando no rolo pois não teria outras para usar. Mais choro contido aqui. Olho para essa professora e choro por ela. Se já está difícil ser professora nessas condições, o que essa tal “mudança” reserva para essa classe de trabalhadores?

Após a leitura, Lírio do Vale divide a turma em duplas e Gabriel vem me abraçar. Pergunto-lhe se está tudo bem. Com um sorriso e com a cabeça, responde que sim, mas em silêncio.

Cada um deve olhar para sua dupla e analisar suas características físicas: como é o cabelo? Os olhos? Boca? Nariz? Orelhas? Pescoço? Braços? Barriga? Pernas? Pé?

Lírio do Vale tem receios sobre como as crianças lidarão com os toques, pede ajuda ao tio Luís para fazer a atividade com o Gabriel no lugar dela, pois julga ser mais adequado o professor trabalhar com um menino nessa atividade corporal.

No recreio minha angústia era tão grande que pretendia ligar para a Silvia para desabafar sobre a precariedade da escola, os esforços da professora, os carinhos das crianças que crescerão numa sociedade cada dia mais desigual, mais sectária e mais excludente. Luís sentou-se perto de mim e começou a desabafar seus medos em função da sua orientação sexual. Diz estar com medo de andar na rua, já que é gay e as intolerâncias estão ainda mais reveladas.

Na volta do recreio (apenas 15 minutos) Lírio do Vale propõe brincarem de “vivo ou morto” ainda para seguir falando sobre o corpo. Em seguida, brincam de “macaco disse x macaco falou”, para treinar a habilidade de atenção e concentração relativa à percepção de qual parte do corpo estava sendo falada. Quem errava, ia para o centro da roda. Todos se divertiram muito. Por fim, Lírio do Vale brinca com a música “cabeça, ombro, joelho e pé” e acompanha as crianças fazendo todos os movimentos até o fim. Sua disposição física me impressiona!

Às 15:15h voltam para suas carteiras, foram 2h e 45 min de atividades fora das carteiras. Percebo que renovaram os cartazes da sala: gráficos, desenhos sobre o livro “A Casinha do Tatu”. Enquanto observo a sala, ganho mais um beijo e abraço do Gabriel.

Professora propõe uma atividade de recorte e colagem de imagens encontradas em revistas, de modo que cada criança deverá montar em sua folha, um corpo humano composto de diferentes imagens. No entanto, para realizar essa atividade, Lírio do Vale

precisa recorrer à trabalhos anteriores feitos com recortes de revistas, e fazer recortes dos recortes, mais uma vez, pela falta de material.

Lírio do Vale me mostra as atividades que fizeram com o livro “Leilão de Jardim” – fizeram um livro, e quando o tema era lendas, fizeram fantoches e um caderno de atividades.

O Tio Luís percorre a sala auxiliando quem precisa de algum apoio, Lírio do Vale atende às solicitações, e quando chega a hora de eu ir embora, dois meninos se agarram na minha cintura dizendo que não me deixarão ir. Sorrio, abraço carinhosamente todos eles, me despeço e sigo, com meu choro embargado, pensando em como posso fazer a diferença com meu trabalho.

Ah, em algum momento Lírio do Vale pega seu caderno que lhe ofereci para servir também como diário e me vai me entregar dizendo que escreveu pouco até hoje. Digo que pode ficar tranquila, que deverá me entregar só ao final das minhas observações na sala, e que lá ela pode registrar o que quiser.

Reunião de Orientação - Hoje tivemos reunião de orientação e sugeri que eu e a Mari, mesmo com temas de pesquisa diferentes, fizéssemos algumas reuniões juntas para que, complementarmente, ajudássemos uma à outra com nossos olhares. E Valeu a pena.

Enquanto falava na reunião sobre meus últimos passos com a pesquisa, ficou ainda mais claro que, provavelmente, não encontrarei práticas medicalizantes nessa turma. Quando pensei isso pela primeira vez fui tomada de uma baita angústia. Me lembrei de um colega no primeiro semestre, Luís, durante minha apresentação ainda do projeto de pesquisa que seria submetido ao CEP, dizendo: “mas pode ser que você não encontre o que supõe, e aí?”. Sim, na hora respondi que sim, como se tivesse a segurança e a tranquilidade do que fazer caso realmente não encontrasse, quando na verdade essa hipótese sequer era pensada.

E sim, pode ser que eu esteja exatamente nesse “e aí?”.

Conto as experiências que tenho visto e a Silvia e a Mari se encantam. Percebo também o meu encantamento.

Percebo, com mais clareza, que de alguma forma a escola (Supervisora Pedagógica – Denise) quis me apresentar essa professora. E está tudo bem! Isso não precisa ser um problema. Posso, no meu trabalho, discutir todas as outras práticas pedagógicas que vão exatamente na contramão da medicalização.

Compartilho com elas que tenho acompanhado a rotina da turma sempre no mesmo dia da semana e período de tempo, e que isso possa estar me impedindo de ver outros elementos presentes em outras rotinas de outros dias. Isso faz sentido para todas, vou tentar organizar na minha agenda, outro dia possível para observação.

Silvia sugere que eu entreviste também o tio Luís, pois entende que ele é um personagem importante nessa cena. Farei uma adaptação do roteiro de entrevista para ele, de modo que eu consiga entender melhor suas funções na turma, e como, seu apoio, pode também interferir no desenvolvimento dessas crianças.

Dia 8 - Pela primeira vez, hoje ao entrar na escola, olho para dentro das salas de aulas por onde vou passando. Acho que para ver se em outras turmas percebo tantos investimentos de diferentes atividades como as que vejo na sala Lírio. Vejo 5 salas de aulas antes de chegar à turma Lírio, e me chama a atenção que em todas, sem exceção, tem todas as crianças sentadas, algumas poucas prestando atenção, outras distraídas, outras tantas dormindo. Todos estão sentados tradicionalmente em suas carteiras, olhando para a professora posicionada à frente da sala. De fato, Lírio do Vale se diferencia.

Chego e estão todos na rodinha. Antes que se levantem para me abraçar, Lírio do Vale lembra: “em fila pessoal, senão vocês derrubam a tia Valéria”. Recebo os beijos e abraços de todos, inclusive de Lírio do Vale, pela primeira vez, no final da fila.

A professora está orientando a turma para a dinâmica de hoje. Farão atividades que serão parte da feira de ciências do dia 24/11, e será a avaliação dos conteúdos de ciências.

Dentre outras atividades de hoje, as crianças farão uma com o contorno do corpo humano de uma menina e um menino que se dispuserem. Reforçando as regras sobre como fazer a atividade, Lírio do Vale diz que escolheu fazê-la hoje exatamente pela minha presença, pois se algo acontecer como distorção da atividade, ou compreensão equivocada por parte dos pais, tem eu como testemunha, e as câmeras. Noto, pela primeira vez, a existência de uma câmera na sala.

A turma é dividida em grupos e cada um ganha uma folha feita pela professora com as orientações do seu trabalho.

Enquanto Lírio do Vale busca os materiais guardados para um dos grupos, a turma se agita e ela intervém: “se vocês continuarem falando tão alto, vou deixar o grupo que está trabalhando em silêncio trabalhar, e os demais vão fazer dever nas carteiras”.

As orientações são repetidas a todo instante: “menina vai contornar corpo de menina e menino vai contornar corpo de menino”.

Após o recreio o Tio Luís chega e comenta: “A Lírio do Vale é mesmo muito criativa, né? O que mais ela tá inventando hoje?”

Aproveito a chegada dele antes das crianças retornarem para a sala e já o convido para participar da entrevista que pensamos na última orientação. Prontamente responde: “Claro! Se for para ajudar, pode contar comigo!”. Combinamos de definir a data e horário na próxima semana, quando tiver o roteiro final avaliado pela Silvia.

Falo com Lírio do Vale também sobre quando podemos fazer a nossa entrevista, e ela se acanha. Diz ter medo de responder algo errado. Respondo que não há certo ou errado, mas que é muito importante para mim saber o que ela pensa sobre determinadas questões que farei nessa entrevista. Menciono que o Luís também foi convidado a participar, ela se alegra e diz: “podemos fazer juntos?” Sorrindo respondo que não, mas complemento que ela não precisaria se preocupar. Será uma boa prosa, e eu tenho certeza que não teria novidade alguma. Ela completa: “não tenho muito a dizer, minha prática é essa aqui, você já viu tudo.”. Sigo: “estou muito feliz em conhecer sua prática, mas ainda não tivemos chance de conversar melhor, quero te conhecer também, e essa é a oportunidade.”

Combinamos, por sugestão dela, do Luís e consentimento da supervisora, de conversarmos na próxima segunda feira, ela terá a ajuda do Tio Luís para conduzir as atividades que ela preparará, e começaremos nossa prosa boa.

Estou ansiosa por conhecer melhor a Professora Lírio do Vale!

Novamente, quando as crianças se agitam ou se desorganizam, Lírio do Vale ameaça voltarem para as carteiras. A propósito, hoje, ao me despertar a curiosidade de olhar para dentro das salas de aula, reparo também onde fica a turma Girassol, e, por vezes hoje, em saídas para buscar água, ir ao banheiro ou falar com a supervisora, ao passar pela porta da turma Girassol, todos estavam sentados, copiando matéria do quadro, e a professora na porta conversando com a professora da sala em frente.

Já perto da hora de eu ir embora, vejo Lírio do Vale abrindo seu armário, trocando seus sapatos com saltinho baixo por um confortável par de chinelos de dedo.

Festa da Primavera - Logo que chegamos, Maria e eu fomos ao encontro da diretora. Eu estava feliz em poder ir um pouco à Festa da Primavera que, segundo a vice diretora, é uma das maiores festas da escola (a outra é a festa junina).

Os alunos se apresentam com alguma dança. São vendidos lanches, bebidas, doces. A escola estava toda decorada com temas de flores. Logo que cheguei uma aluna da turma Lírio me viu e me deu um de seus doces abraços. Caminhando pela escola, mostrando tudo para minha filha, encontro o restante da turma junto à Lírio do Vale. Fico sabendo que a turma já se apresentou, mas que se reapresentará e terei a chance de vê-los! Minha ida à festa já valeu por ver meus pequenos dançando. Havia poucas crianças da turma Lírio, mas todas que estavam, dançaram.

Quando fui me despedir de Lírio do Vale, pela primeira vez tivemos a chance de ter cinco minutos de conversa a sós, fora do contexto da sala de aula. Ela logo despeja suas angústias frente às histórias doloridas de seus alunos e como isso interfere no seu trabalho. Como suas histórias estão interferindo nos processos de aprendizagem e comportamentos deles. Como foi descobrindo e conhecendo sobre seus alunos a partir das mudanças de comportamentos deles em sala, ou dificuldades de aprendizagem. Uma menina foi deixada pela mãe aos cuidados do pai e avó por causa das drogas, e agora, com a volta da mãe, grávida e em tentativa de recuperação das drogas está deixando a menina dispersa, agitada e agressiva. Outra menina vive apenas com o pai e mais quatro irmãos mais velhos, é muito magrinha e não aprende. Um menino é de família cigana, e isso deve bagunçar muito.

Essas foram as principais falas de Lírio do Vale, preocupada e tentando pensar e repensar sua prática docente diante de histórias de vida tão diversas e doloridas, para que, em sala de aula e na sua relação de afeto com cada criança, ela possa fazer a diferença na vida delas.

Dia 9 - Dia combinado para a entrevista com a professora. Chego animada, até um pouco ansiosa, pois era um elemento novo enquanto ferramenta de pesquisa. Confiro mais uma vez o gravador.

Ao avistar a turma pela janela, algo estava muito diferente: estão todos em fila, nas carteiras, cabeças baixas, quietos e silêncio. Isso é estranho pra mim. Lírio do Vale fala baixo. A porta estava fechada. Bato na porta e, ao abrir, percebo que estão fazendo prova. A alegria de sempre está suspensa. Os semblantes são outros. Lírio do Vale parece estar entristecida, preocupada. Ela não sabia, mas chegou a prova “Somativa” que estava prevista só para amanhã. Última prova do sistema de avaliação do Governo Federal.

Temo atrapalhar a concentração da turma, mas Lírio do Vale disse que não, que eu ficasse à vontade. Aviso ao grupo que me sentarei no fundo da sala e que os beijos e

abraços serão dados no final da prova. Desejo-lhes boa prova e entro na sala depois dos combinados.

Lírio do Vale não pode dar muitas orientações, mas faz com a turma questão por questão. Quando percebe que alguém está com dificuldade, sugere que deixe a questão pra trás e volte depois, para não perder as orientações das próximas questões.

Sinto não estar na mesma turma. Os imperativos institucionais matam a criatividade e a aprendizagem significativa.

Lírio do Vale me mostra o caderno de prova e vejo uma questão absurdamente ambígua: um texto que fala sobre o alecrim, menciona a planta, o folclore e a brincadeira. Respostas de múltipla escolha deixam dúvida sobre qual o tema central do texto: brincadeira ou folclore?

Luís chega à porta e os dois falam, indignados também, sobre a mesma questão que me causa incômodo. Lírio do Vale diz: “aqui, pra gente, eu considero qualquer uma dessas duas alternativas, mas o MEC não. E se uma criança nunca tiver ouvido essa música, o erro ou o problema é dela?”.

Ao perceber erros nas respostas de seus alunos, Lírio do Vale diz: “Leia novamente a questão e verifique se sua resposta está correta. Se você achar que sim, tudo bem. Se você encontrar uma resposta mais adequada, pode apagar e marcar a nova resposta”. Algumas crianças já perceberam que essa é uma fala quando supostamente há erro, mas quando vão logo apagar Lírio do Vale diz: “eu não falei para apagar, falei para ler e avaliar com atenção”.

Percebendo a desatenção de um aluno, Lírio do Vale pega a carteira dele e coloca na frente, perto do quadro, e carinhosamente fala baixinho no ouvido dele: “você precisa se concentrar, então fique aqui pertinho de mim”.

Saio para buscar água e encontro Denise no corredor. Ela pensou que eu tinha acabado de chegar e me diz: “Está chegando agora? Eles estão fazendo prova, tem que ser só depois (referindo-se à entrevista com Lírio do Vale planejada para hoje). Respondi que estava tudo bem, e que já estava na sala acompanhando a prova também.

É muito estranho estar na Lírio nesse formato tenso, rígido, enquadrado.

Lírio do Vale percebendo que o grupo já estava se desconcentrando, diz que desejaria interromper a aplicação da prova e retomar no dia seguinte. Eu lhe perguntei se ela poderia fazer isso, e ela disse que sim, pois se ela seguisse ali, forçando eles, ela não encontraria o resultado ou o objetivo da prova, que é o de medir o que eles aprenderem... “cansados, eles não vão mostrar o que aprenderam”.

Ao avisar a turma que poderão parar com a prova imediatamente uma menina diz: “Graças a Deus!”, Lírio do Vale – “por que?” – a aluna: “Porque cansa muito a cabeça.”

Sei, pelo Tio Luís, que outras turmas concluíram, mas não sei a que custo.

Lírio do Vale recolhe as provas e explica aos alunos que eles concluirão amanhã. Ela explica ao Tio Luís a atividade que preparou para deixar que ele conduzisse à turma enquanto estivéssemos fazendo a entrevista. Um menino me pergunta brincando: “O que você vai fazer com a minha professora?”. Explico para a turma tudo o que faremos, conversaremos, lembrando os objetivos do meu trabalho e o que combinamos no nosso primeiro encontro. Prometo que devolverei Lírio do Vale para eles e que eu também voltarei para despedir-me deles.

Seguimos para a biblioteca. No caminho encontramos a supervisora. Lírio do Vale sorri esperando o consentimento dela – “Estamos indo, tá? Onde ficamos? Na biblioteca? A informática está fechada...”. Denise responde: “sim, podem ficar na biblioteca, não há nenhuma atividade marcada para hoje.

Entramos, nos acomodamos. Estamos ansiosas. Eu pela novidade dessa etapa na construção dos dados e como pesquisadora, ela com receios de não saber as respostas.

Explico que não há acertos ou erros e que o que me importa é o que ela pensa sobre as questões pensadas no roteiro de entrevista. Mostro-lhe as questões do roteiro, mostro-lhe o gravador, pergunto se ela me permite usá-lo, recebo seu consentimento e começamos.

Em vários momentos percebo Lírio do Vale se emocionando e eu sinto a emoção dela. Deixo as respostas fluírem e outras perguntas surgem. Vivo e sinto esse momento, e a cada frase dela fico grata por ter tido a chance de conhecer a turma Lírio e sua professora, pois tenho a constatação de que minha pesquisa seguirá por rumos não imaginados antes, quando da construção do projeto, e isso me dará a possibilidade de explorar o novo também em mim, frente ao TDAH.

Reunião de Orientação - Partilho das minhas impressões sobre a entrevista e os achados: supostamente duas crianças diagnosticadas e medicadas para TDAH na sala, sem nunca ter percebido qualquer referência a isso por parte da professora.

Pensamos em fazer contato com a família de Vinícius.

Ao reler meu roteiro de entrevista, Silvia aponta algumas possíveis ênfases numa concepção médica do TDAH e fico insegura, com medo de isso comprometer o meu

trabalho. Combinamos de eu levar a transcrição da entrevista na nossa próxima reunião para juntas, pensarmos os próximos passos.

Dia 10 - Hoje é minha primeira atividade de campo fora da segunda feira. Percebo as diferenças já na chegada: todos em fila, em suas carteiras, copiando um poema do quadro. Uma criança, ao me ver diz: “tia, mas hoje não é segunda feira!”. Sorrindo e surpresa pela rápida percepção deles, respondi: “é verdade, mas como não pude vir na segunda e fiquei com muita saudade de vocês, vim hoje!”.

Para não se dispersarem, Lírio do Vale sugere que os beijos e abraços sejam dados no intervalo. Sentei-me no fundo da sala. Lírio do Vale diz: “Vai ter um prêmio, sabe Tia Valéria, pra quem decorar o poema do Manuel Bandeira”.

Ela passa pelas filas acompanhando o ritmo de cada aluno na cópia do texto. Orienta quanto às linhas. Apressa quem está atrasado. Logo tocou o sinal para o recreio, mas antes de saírem, todos vêm me beijar! Recebo tudo!!

Tenho optado por ficar na sala durante o recreio, levo meu lanche e aproveito para fazer algumas anotações e registros que julgo importantes. Na volta do recreio Lírio do Vale me traz uma banana – “não sei se você gosta...” – adoro o carinho e cuidado dela, agradeço e logo a como, na sala mesmo.

O grupo conclui a cópia do texto da poesia do Manoel Bandeira e fazem um desenho para ilustrar. Quando terminam, Lírio do Vale pede que me mostrem os desenhos e em seguida sentem-se no chão à frente para a roda de leitura. Enquanto isso ela me conta, orgulhosa e feliz, os resultados da tal prova Somativa que fizeram na semana passada. Os resultados foram muito bons, melhoraram muito desde a última prova: uma criança fez 60% da prova, outra fez 80% e todos os demais fizeram acima de 90%. Logo me lembro da atitude dela em flexibilizar a aplicação da prova levando em consideração o cansaço deles, e me pergunto o tamanho do impacto dessa atitude nesse resultado.

Lírio do Vale me mostrou também, com muito orgulho e entusiasmo, os desenhos feitos pela turma sobre o projeto “A Bonequinha Preta” e as bonecas feitas por cada um deles como parte do projeto. Cada uma mais linda e criativa que outra. As crianças se alegram e identificam para mim, cada um dos autores das bonecas.

Aproveitei o momento e falei com Lírio do Vale sobre a ideia de falar com a família do Vinícius, e ela me mostrou o relatório recém-chegado do médico:

“O menor Vinícius (sobrenome)...

É portador de TDAH, CID F-90.

Orientei antidepressivo.

Por ser verdade,



Obs: Orientei apoio pedagógico e psicológico.

Dr. (assinatura médico) – Neurologista”

Falei com a supervisora sobre o desejo de fazer contato com a mãe de Vitor, e ela se prontificou a fazê-lo.

Enquanto as crianças leem sentadas no chão, Lírio do Vale chama um a um para fazer a verificação da leitura e acompanhar de perto os progressos de cada um. O grupo permanece envolvido com a atividade mesmo com algumas conversas paralelas.

Há uma professora da escola que atua como auxiliar de alfabetização das crianças. Noutro dia Lírio do Vale me apresentou-a rapidamente pela porta. Professora Olívia. Hoje ela foi para dentro da sala com os dois meninos. Normalmente ela trabalha no pátio, já a vi lá várias vezes, mas hoje, em função da limpeza, ela foi contrariada para a sala. Sentaram-se ao meu lado. Mal consigo falar agora do mal estar que me causou estar perto deles e ver como ela os tratava. Ela ameaçava as crianças, humilhava, denegria. “Vocês são mole!” ou “que letra feia!” foram as falas mais brandas que ouvi. “Vou te pegar todo dia até você aprender a copiar rápido!”. “Quer ir lá fora copiar rápido? Quer ir lá fora comigo? Lá te ponho de frente pra parede, quero ver enrolar pra copiar!”

Fazendo a transcrição desse relato, ainda agora, sinto o mesmo mal estar e repulsa dessa cena, e me lembro nitidamente dos semblantes cabisbaixo e assustados dos dois meninos... Gabriel mais. Me lembro do choro copioso dele ao me abraçar na nossa despedida, dizendo que me amava e que eu tinha sido a melhor professora dele. Agora entendo o porquê ele disse isso nesse dia, mesmo eu não tendo feito muito com e por ele! Ao final da aula em que essa professora o humilhava, quando ele foi se despedir de mim, em silêncio e carinhoso como sempre, eu, engasgada com todo mal estar que aquela cena me causou, ajoelhei-me à sua frente, olhei bem fundo nos seus olhos e disse: “não acredite

em nada que te disserem que você é menos do que você é! Não acredite em nada que te digam que você não é capaz! Você é capaz de conseguir tudo o que quiser, e eu confio em você.” Com olhos cheios de água, mas calado, Gabriel me abraçou e eu o apertei forte nos meus braços.

Não vi nenhuma manifestação de afeto, respeito e incentivo por parte daquela professora ao longo das duas horas que testemunhei aquela cena. Só ameaças. Quando o Gabriel terminou, em silêncio e cabisbaixo, eu o chamei: “posso te contar um segredo? Sua letra está linda! Parabéns! Que bom que você conseguiu terminar! E eu sabia que você conseguiria!”. Ele esboçou um sorriso, me olhou e acenou positivamente com a cabeça.

Denise entregou um bilhete para o grupo com o convite para a feira de ciências amanhã. Lírio do Vale pediu que alguém o lesse. Após a leitura ela perguntou o que entenderam. Retoma todo o recado, inclusive com as informações referentes ao transporte escolar, pois muitas crianças dependem dele para ir à escola. Haverá avaliação da apresentação.

Dia 11 - Hoje precisei vir na segunda feira pois não teria outra tarde livre na semana para fazer a observação. Cheguei um pouco mais tarde que o normal e o grupo estranha.

Logo que me acomodo no final da sala Lírio do Vale diz: “Tia Valéria, eles sentiram sua falta”. Acolho o carinho de todos e explico os motivos que me fizeram chegar um pouco mais tarde. Estão todos combinando uma festinha de confraternização para o dia 10/12, com um lanche compartilhado e a confecção de algum brinquedo feito com material reciclável, como fizeram na semana da criança, para doação. Sugiro também que façamos um amigo secreto com uma carta, desenho, poema, alguma representação de arte, como presente.

O clima de despedida, final de ano já estava posto. Em meio às orientações sobre a festinha do dia 10 um menino diz: “Tia, vai pro terceiro ano!” e em grupo todos começam a reivindicar que Lírio do Vale siga com a turma para o próximo ano. Sorrindo ela diz: “gente, isso é Deus quem sabe... talvez Ele até mande uma professora melhor...”.

Eles estavam trabalhando a música Aquarela, e no meio da atividade um aluno diz: “o mundo está acabando”. Lírio do Vale se vira e pergunta: “pra você, o que é o fim do mundo?”, ao que ele responde: “é o último século”. Lírio do Vale diz: “tá bom, noutro momento vamos falar mais sobre isso, ok? Me lembre!”. Lírio do Vale percebe que ele está com uma agitação atípica e pergunta: “O que você tem hoje...você não é assim”.

Estão todos em fila fazendo a troca dos livros da semana. Lírio do Vale verifica a leitura de todos. Pede que uma menina me conte sobre o que acabou de lhe dizer, o que gostou do livro. “Gostei porque aqui encontrei a minha família”, onde? “aqui, eu, minha irmã do quarto ano e minha mãe” – fazendo referência ao livro que falava dos diferentes tipos de família, e lá, ela encontrou uma família como a sua, sem a presença do pai.

Planejando a despedida - Tomada pelo clima de encerramento das atividades de campo na escola, e pelo desejo de agradecer, de alguma forma, a escola e a turma que me acolheu possibilitando que meu trabalho acontecesse ainda melhor do que eu imaginava, tive a ideia de levar todo o grupo de crianças ao cinema. Restavam alguns ingressos ofertados como cortesia de uma grande rede de cinemas em Uberlândia após uma ação social em que me envolvi para levar mais de 600 crianças carentes ao cinema para assistir ao filme Pantera Negra. Desejei conseguir doação de mais recursos para conseguir um ônibus e levar todos da turma. Arte, integração, reconhecimento, diversão. Essa era a experiência que eu queria lhes proporcionar como gratidão.

Precisava do consentimento da Silvia. Um frio na barriga por não saber se cabia uma relação como essa no contexto da pesquisa. A pesquisadora em construção. Ela aprovou! Não seria diferente dada a sensibilidade e generosidade dela, mas como uma criança que acaba de ter a aprovação da mãe diante de uma brincadeira, eu sorri entusiasmada.

Dia 12 - Cheguei e estavam todos naquela típica cena de produção. Carteiras afastadas e materiais recicláveis espalhados por toda a sala separados com categorias (garrafas, caixas, tampinhas...) e todos estavam trabalhando na confecção de brinquedos para doar a alguma criança carente. Ajudei alguns e fui até a direção falar com a Rosa sobre minha ideia de levar as crianças ao cinema. Ela adorou, e a ideia começava a ficar mais palpável.

Estava começando a apresentação do primeiro ano na Sexta Cultural, atividade que acontece na escola com uma frequência que não sei dizer. Me dirigi para a quadra, onde seria a apresentação e, ao final a mãe do Vinícius já estava à minha espera. Tínhamos combinado a entrevista com ela para hoje a final da aula.

Voltei à sala, peguei meu material, me despedi das crianças e fui ao encontro dela. Rosa a fazia companhia até minha chegada e cedeu sua sala para nós. Foi uma entrevista tranquila, sem interrupções, e Renata parecia estar à vontade. Eu também estive mais livre

que na entrevista com Lírio do Vale, talvez já me apropriando melhor desse lugar, temporário e novo, de pesquisadora.

Dia 13 - Quando cheguei todos estavam na sala de vídeo, e mesmo me encontrando com a Lírio do Vale na recepção, ela se esqueceu de me avisar que não estariam na sala de aula.

Desde cedo eu já estava com eles na cabeça: fiz um bolo de cenoura para a nossa festinha de encerramento, torci para que eles gostassem, fiquei brava quando minha mãe cortou um pedaço para a Maria Clara... cada coisa em seu lugar! Aquele bolo era para a turma Lírio, a Maria já teve e ainda terá incontáveis bolos da mãe.

Quando entrei na sala de vídeo lá estavam a turma Tulipa e também as outras turmas de segundo ano da escola: Violeta e Margarida. Fiquei procurando saber quem era a turma Margarida, quais rostinhos de criança, quem era a professora, como se comportavam e se relacionavam entre si.

As crianças, ao me ver, queriam me abraçar, e para não gerar tumulto durante a exibição do filme, pedi que esperassem até o fim do filme. Lírio do Vale não estava na sala, havia saído para buscar pipoca para as crianças. Uma professora também chegou ou voltou pra sala depois que eu já estava lá, e pouco se envolve com a atividade, fica ao celular. A outra acompanha o filme, mas parece mais preocupada em manter a ordem e o silêncio absoluto das crianças. A qualquer ruído ela emitia um “shiiiiiii”.

Quando Lírio do Vale chegou parecia que a professora de todas aquelas crianças era ela. Ela coordenava a atividade, estava presente, estava envolvida com todo o processo, via sentido pedagógico, afetivo, educacional em tudo aquilo, distribuía as pipocas e dava sentido ao filme. Ao fim do filme, quando as outras professoras não se manifestaram para conversar sobre a atividade de assistir ao filme, Lírio do Vale, respeitosamente pergunta às colegas: “Vocês querem começar a falar alguma coisa?”. A professora da turma Violeta simplesmente diz: “não, você pode falar”, a professora da turma Margarida continua: “você pode começar, meiar, e findar”, rindo com certo desdém. Lírio do Vale sorri meio sem graça e começa a discussão me convidando a participar.

Em seguida vamos todos para as respectivas salas de aula, ajudo a arrumar nossa sala decorando com balões, e Lírio do Vale tira da bolsa uma linda toalha de mesa com tema de Natal para colocar na nossa mesa do lanche coletivo. Biscoitos de polvilho, dois pacotes de bolha recheada, meu bolo e chá compuseram nossa mesa. Diante da escassez

em que vivem essas crianças, elas ainda compartilharam o pouco que tinham com alegria. Lírio do Vale trouxe de casa chá feito com as ervas do quintal dela.

Com pouco, toda a turma sentada ao chão aguarda pacientemente pela bandeja servida pela Lírio do Vale e sua nova “estagiária”(neta de uma professora da escola, ex aluna de Lírio do Vale, 10 anos, que atua na turma como uma estagiária).

Denise me chamou na sua sala, pois queria saber sobre minha entrevista com a mãe de Vitor. Conto-lhe como foi e dou pistas de que não concordo com o diagnóstico do TDAH, e isso a faz falar que também não concorda e que acredita tratar-se de algo relacionado ao Transtorno do Espectro Autista. Ela demonstra angústia sobre como lidar com essa situação, pois, correto ou não o diagnóstico, apenas lhes chega um laudo médico, e nunca nenhuma orientação sobre como lidar com certas especificidades. Conta que precisa sair decodificando os laudos, descobrindo o que significa os CID e os Fs. Sugeri que, enquanto escola, eles cobrassem algumas orientações do médico e/ou dos demais profissionais que acompanham as crianças que recebem laudos médicos na escola, que solicitassem orientações sobre alguns entendimentos e condutas na escola.

Voltando para a sala de aula, todos estavam me esperando para cortar e distribuir o bolo. Recebi muitos elogios, mas mal sabem eles como o meu prazer em preparar cada ingrediente para juntos, celebrar esse encerramento de ciclo.

“Tia, é o melhor bolo do mundo! Qual é a receita?”

“Amor, carinho e gratidão!”.

Transcrição da entrevista - Finalizando a transcrição da entrevista com Lírio do Vale, pergunto-lhe qual nome quer receber para garantir o sigilo de identidade:

“Olá Lírio do Vale, como vai? Estou transcrevendo nossa entrevista, e quero saber se você tem algum nome fictício para eu usar em substituição ao seu... pensei em algum nome de Flor...você tem algum de sua preferência?”

“Oi Valéria. Tudo joia? Lírio do Vale. Significa: humildade, pessoa amorosa. Tentando ser um pouquinho de cada”.

“Que lindo!! Adorei!! Obrigada!!”

A confirmação - Acabo de ter a confirmação da doação de um ônibus com 46 lugares para levar as crianças ao cinema na sexta feira! Estou em êxtase! Como muitas já não estão frequentando as aulas por causa do fim das provas regulares, posso estender o

convite a todas as turmas. Avisei a Rosa, e ela já vai enviar os convites para os alunos! Sexta-feira, dia 14/12, mal posso esperar!

Dia 14 - Falei com Lírio do Vale hoje de manhã pra saber como a turma Tulipa reagiu e quantas crianças vão. Ela me contou, emocionada, que as crianças ficaram eufóricas, pularam, gritaram de alegria... a maioria sequer pisou num cinema em algum momento da vida... ela, como professora, chorou diante da alegria deles. Eu de cá? Chorei muito também. Ela ainda ligou, pessoalmente, para todas as crianças que já não estavam frequentando as aulas, e conseguiu reunir quase todos os seus alunos. Será uma tarde incrível!

Combinamos de chegar mais cedo na escola para fazermos pipocas e levar para o cinema. Comprei as pipocas e os saquinhos, a cozinheira da escola as fez. Em dupla, eu e Lírio do Vale preparamos tudo.

A Maria Clara foi junto, e recebeu das crianças o mesmo carinho que elas me dão...talvez até mais, por ser criança também, a identificação fortaleceu a relação, e ela, a Maria, adorou sentir-se como monitora de um grupo em passeio.

Quando as crianças começaram a chegar meu coração já estava disparado. Lírio do Vale os recebeu na sala, o ônibus já estava nos esperando. Fui até a sala, eles estavam eufóricos. Com crachás feitos por eles mesmos para o ônibus. As outras turmas também estavam felizes. Além da Lírio do Vale e das duas professoras da turma Margarida e Violeta, Denise nos acompanhou.

Chegamos ao shopping, apesar da euforia das crianças, todos se comportaram bem ao longo do trajeto no ônibus e no deslocamento até a sala de cinema, mas pude ver a professora da turma Girassol brigando muito com seus alunos, ameaçando um ou outro de deixá-los no ônibus sozinho enquanto estivéssemos vendo o filme. Sinceramente, não vi nada acontecer que justificasse sequer uma chamada de atenção mais dura, que dirá uma ameaça desse tipo.

Durante o filme tudo correu bem. Distribuímos pipocas a todos, a Maria ajudou muito com esse processo. Algumas meninas disputavam a companhia dela. Nos minutos finais do filme, Lírio do Vale precisa sair com uma menina da turma Violeta e a leva na sala de enfermagem do Shopping. Com sintomas de falta de ar e aperto no peito, a menina foi examinada pela equipe de enfermagem que afirmou que o que ela apresentou foi um quadro de ansiedade pela emoção do passeio. Graças a Deus tudo ficou bem, ela se tranquilizou e voltamos para a escola.

Ao chegar, fui direto para a sala da turma Lírio com eles. Eles tinham feito desenhos no dia anterior para me entregar como surpresa de despedida. Eu não tinha ainda me dado conta que ali seria mesmo uma despedida. Meu coração não estava preparado.

Um a um, a convite da professora, foram falando algumas palavras de gratidão e, com muito choro, me entregaram os desenhos... O menino que estava sendo massacrado pela professora alfabetizadora noutro dia, que eu nunca tinha ouvido a voz durante todos os mais de quatro meses que os acompanhei, falou ao meu ouvido, aos prantos, que eu tinha sido a melhor professora que ele teve. Outra menina franzina mal conseguia falar engasgada no próprio choro.. Em meio aos choros, aos abraços, às entregas de desenhos e almas, agradei a eles por terem me ensinado tanto, e por terem me dando a chance de estudar mais e aprender com eles. Lírio do Vale pediu a palavra e, também chorando, conta que aprendeu muito comigo. Sou pega de surpresa por essa fala dela, pois ela que se tornou nos últimos tempos uma das mulheres que mais admiro e respeito, estava ali declarando que eu a ensinei muito. Segundo ela, minha postura sempre discreta, paciente, de quem “escuta muito antes de fazer”, a ensinou a ser mais paciente e a escutar mais seus alunos. Contou ainda que no início da minha presença na sala ela se angustiava com que tipo de avaliação eu estaria fazendo dela, mas que depois compreendeu que eu não estava ali avaliando ninguém, e que o que eu estudasse com a pesquisa, ajudaria muito ela e muitas outras professoras que quisessem aprender mais sobre o TDAH.

Estava difícil nos separarmos, nos despedirmos... o sinal tocou, todos tinham que ir embora, mas não queriam. Eu ainda tinha alguns ingressos de cinema e distribuí a cada um a quantidade necessária para que todos da família pudessem ter a chance de ir ao cinema também. Dei alguns à Lírio do Vale para ela ir com a família, outros para a Rosa e Denise. Saio com parte de mim restante naquela escola, e levo tanto deles comigo.

Ainda não consegui ver os desenhos... senti-los...mais adiante verei... mas saí daquela sala de aula com desejo de fazer da minha pesquisa mais do que uma Dissertação de mestrado. Quero devolver-lhes mais, e a ideia de escrever um livro infantil valendo-me dos personagens e das histórias que ali conheci está latente... quem sabe???

Entrevista com o Professor Assistente de Alfabetização-

A Entrevista realizada com o professor de apoio foi realizada no Centro de Convivência do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. O local foi escolhido pelo próprio professor, pois as aulas na escola já haviam terminado e, em função das demandas de final de ano, nas últimas semanas que tentamos fazê-la na própria escola, o

professor não pôde estar presente. Tivemos privacidade e tranquilidade durante todo o tempo de entrevista. O Tio Luís estava também se formando na Universidade, e estava atordoado com tantos compromissos, mas mesmo assim, se dispôs a participar e sua contribuição será preciosa.

Meses depois... – Na luta para a escrita. Está tudo meio empacado. Não sai. Já falei em grupo sobre isso. Nosso grupo cresceu, agora além da Mari e a Silvia, o Bruno também faz parte.

Conto para a Any via mensagem de texto o que está acontecendo, e sem muito aprofundamento ela responde: “você tá muito figurinha...(risos). Entendi sim... acho que você está com resistência de entregar o que você tem de bom pro mundo...não sei porquê...”

Imediatamente veio um choro que sentia já estar preso. Não sei exatamente de onde veio. Lendo meu diário, tento contabilizar os encontros com a turma Tulipa chego ao dia da despedida. O choro vem com força. Lembro-me que ainda não tive coragem de ver os desenhos que ganhei na volta do cinema.

Parei tudo o que estava fazendo e vim aqui escrever.

Será que é isso? Escrever pressupõe, para mim, ter finalizado uma etapa, isso, se levar em conta a coerência criada na minha cabeça. Escrever quando essa etapa tivesse finalizada. Mas como finalizar uma etapa se não tive coragem até hoje, quase seis meses depois, de olhar as cartas que recebi em meio a tantos abraços e choros de despedida naquele dia? Acho que não encerrei essa etapa ao guardar os desenhos, ao fugir desse encontro, antes de ver.

APÊNDICE C - DIÁRIO DE BORDO DA PROFESSORA

Capa: Foto impressa em papel comum, recortada com tesoura de picote, com toda a turma em frente ao Coreto da Praça Clarimundo Carneiro, num passeio da escola, com o título escrito à mão: “Meus Tesouros”.

Há dias que são muito difíceis de encarar. Hoje foi um desses. Dor de cabeça de rachar. Ai, ai!

E foi o primeiro dia da psicóloga Valéria conosco.

Espero não ter causado uma má impressão do meu trabalho.

(Sem data) – Mercadinho Lírio. Sucesso total. Os alunos gostaram muito. Se envolveram e ficaram muito felizes e eu também! Só muito cansada!...

(Sem data) – Como é bom ver de perto o crescimento de alguns alunos que pareciam adormecidos e de repente... Desabrocham com a primavera. Começam a ler, trazendo muita emoção para a professora, para os coleguinhas e principalmente para “ele”, Pablo Levi.

(Sem data) – “O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas.” Jean Piaget. Meu lema! Adorooooooooo!

(Sem data) – Como é grande o meu amor por vocês, alunos! Saudades sentirei... Chega doer meu coração! Vida que segue...

(Sem data) – Obrigada querida, Super Valéria! O envolvimento, o afeto, o carinho, a dedicação a essas crianças tão humildes, pequenas e tão amorosas!

(Sem data) – Hoje, os alunos querem saber o que você tanto escreve. Respondi: Ela escreve sobre o quanto vocês são especiais!

(Sem data) – Ah! Tio Luís! Como é bom fazer parte de nossa sala! Você é mais que um amigo...

(Sem data) – Chegou o grande dia! Cinema, pipoca... Como é bom ver a alegria, o entusiasmo, a felicidade dos alunos ao entrar no ônibus rumo ao shopping. Os olhinhos brilhando, o riso nos lábios, o pône e tira do cinto de segurança, o deitar as cadeiras para brincar de dormir. Tudo tão significativo para as crianças. “As minhas crianças!”

Veio a despedida com muitas lágrimas, emoções. Achei lindo quando algumas crianças em meio ao choro expressavam seu carinho e agradecimento à tia Valéria, tia Lírio do Vale e a Deus. Foi muito emocionante. Chorei na sala, em casa ao lembrar-me de cada rostinho com sua personalidade, caráter ainda em formação, mas que traz a sementinha plantada no segundo ano Lírio, e que com certeza florescerá e dará frutos de excelente qualidade. Deixo aqui, o meu agradecimento à psicóloga, amiga e querida Valéria que me ensinou a segurar a ansiedade e controlar. Aprendi esperar o tempo de cada aluno, pois sou ansiosa e quero respostas imediatas. Aprendi ter serenidade, calma (isso era muito difícil para mim). Aprendi que é preciso buscar informações sobre assuntos como o TDAH, não se esgotar, mas sim, procurar conhecer mais para ajudar aquele aluno que chega com necessidades diferentes. Aprendi a admirar e gostar da pessoa Valéria. Obrigada por tudo. Desculpe alguma coisa. Beijos! Deus continue te abençoando.

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- 1) Identificação da Professora:
 - 1.1) Idade:
 - 1.2) Formação inicial:
 - 1.3) Formação continuada:
 - 1.4) Tempo de Formação profissional:
 - 1.5) Tempo de trabalho na escola:
 - 1.6) Carga horária de trabalho:
 - 1.7) Possui outros empregos?

- 2) Para você, como uma criança aprende?
- 3) Para você, o que é importante no processo de ensino e aprendizagem?
- 4) Para você, o que é o TDAH?
- 5) Você já teve que lidar com alunos com diagnóstico de TDAH? Conte-me como foi essa (s) experiência (s).
- 6) Você já teve que lidar com alunos cujo comportamentos e/ou dificuldades de aprendizagem lhe fizeram pensar no TDAH? Como foi?
- 7) Para você, quais as características de um aluno na escola, que lhe faz pensar em TDAH?

- 8) Qual seu entendimento sobre como devem ser as condutas da Escola diante de uma criança com as características que você identifica como típicas do TDAH?
- 9) Qual seu entendimento sobre como devem ser as condutas do educador diante de uma criança com as características que você identifica como típicas do TDAH?
- 10) Você acredita que o TDAH é uma patologia? Pode me explicar?
- 11) Para você, as características que poderiam identificar um TDAH podem ser fruto de outras questões/problemas? Quais?
- 12) Para você, qual a melhor conduta da Escola para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 13) Para você, qual a melhor conduta do professor para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 14) Para você, qual a melhor conduta da família para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 15) Para você, qual o tratamento mais adequado para uma criança que apresenta características que geralmente se associam com o TDAH?
- 16) Como você, com sua prática docente, acredita que pode ajudar uma criança que apresenta as características que geralmente se associam com o TDAH?

APÊNDICE E - Entrevista com a Professora – 12/11/2018

Entrevista realizada com a professora da turma no dia 12 de novembro de 2018, na biblioteca da escola. O local foi escolhido pela própria professora com o consentimento da supervisora pedagógica que confirmou que a sala estaria livre. Tivemos privacidade e tranquilidade durante todo o tempo de entrevista. Por dois momentos tivemos interrupções breves da bibliotecária que não sabia que estávamos usando aquele espaço, sem, porém, qualquer tipo de prejuízo para o andamento da entrevista. Para a identificação das falas, usarei a letra “L” para referir-me à professora já denominada *Lírio do Vale* para fins de sigilo de identidade, e “P” para referir-se a mim, por ora no papel de pesquisadora.

P – Boa tarde professora Lírio do Vale, mais uma vez te agradeço por aceitar participar da minha pesquisa, hoje, me concedendo também essa entrevista! Por favor, me conte seu nome, idade, sua formação...

L – Meu nome é Lírio do Vale, eu tenho 53 anos muito bem vividos, muito alegres, gosto muito do que eu faço, né, mas antes de falar do que eu faço, eu quero falar que eu tenho dois filhos que eu amo muito, são minha vida, meus tesouros Sabrina e Caio⁶², Sabrina com 19 anos, linda, um doce, e o Caio com 15.

P – A Sabrina já está na faculdade também?

⁶²Nomes fictício atribuídos por mim, aos filhos da professora entrevistada.

L – *Nutrição, fazendo nutrição na UFU, graças a Deus, muito bom. Tenho um esposo também maravilhoso, né... é hoje muito maravilhoso, tive muitas lutas com ele mas venci, graças a Deus. Nós somos uma família, assim, em vista de muitas, até estruturada...é eu falo...psicologicamente mesmo, sabe? Porque passei por muitos perrengues, mas venci (lágrimas nos olhos).*

P – Lírrio do Vale, sua formação inicial em que é? Quando foi? Me conta um pouco:

L – *Então... Eu fiz magistério... no ano de 88 eu terminei o magistério, mas bem antes eu já sabia que eu queria ser professora! Na igreja eu sempre fui... gostei de ajudar nas salinhas das crianças... desde crianças, com 10, 12 anos eu já auxiliava na igreja. Então eu gostava, e isso me...motivou a seguir a carreira, né? Sempre gostei muito de criança. E, 88 terminei o magistério, já mais velha um pouco é que eu entrei na faculdade para fazer pedagogia, já tinha 27 anos.*

P – Aí você ficou um tempo trabalhando só com o magistério?

L – *Terminei o ensino médio com o magistério, lá no Enéas Guimarães, no Museu, terminei o magistério e fui trabalhar em outras áreas, ainda não peguei como professora... trabalhei em lojas como vendedora, caixa, fui trabalhar em escritório de contabilidade, fui...comecei minha carreira mesmo, e eu quero falar isso Valéria, porque eu acho super importante: eu fui “ASG”. Eu já tinha o diploma de professora, e fui limpar chão, fui lavar banheiro. Mas eu assim...isso pra mim foi tão bom, porque quando eu cheguei ao cargo de direção de escola, é que eu vi o quanto foi importante eu ter lavado banheiro primeiro. Sabe, me fez crescer como pessoa, primeiro, e como profissional entender todo o funcionamento de uma escola, pra mim foi ótimo essa experiência.*

P – Você ficou quanto tempo?

L – *Como “ASG” eu fiquei só 3 meses, porque na época não estava liberando o CAT, que era um documento para professor pegar aula no Estado, e eu pus na cabeça que eu queria ir pra escola, já não queria mais trabalhar em escritório de contabilidade, né? Aí eu fiquei trabalhando na contabilidade durante o dia, e à noite na escola, pra eu começar, ver o que era a escola, porque eu não tinha noção ainda, do funcionamento, então eu tive a oportunidade de ver, tinha dia que eu tinha de ir pra sala, ficava com menino, assim, na biblioteca, né...mesmo sendo “ASG”, então era desvios de funções, mas pra mim também me ajudou, porque eu já tinha o magistério né, então já tinha noção.*

P – “ASG” é Assistente de Serviços Gerais?

L – *É. Então eu já tinha uma noção do que fazer com aqueles alunos. Então pra mim foi bom.*

P – Isso no magistério ainda, ou já depois da pedagogia?

L – *Magistério, ainda não tinha feito a pedagogia.*

L – *Aí eu comecei a trabalhar... isso no ano de 90, 1990... 91, como eu tinha magistério, eu entrei no ensino especial, eu não tinha noção do que era o ensino especial, mas como educação pra mim é sempre um desafio, então eu fui... com a cara e com a coragem, né?*

P – Mais coragem do que cara, né?

L – *É... porque eu não tinha experiência com surdo e mudo, não sabia nem o que era sinal, libras, que que é isso? Nunca na minha vida nem tinha me interessado por isso. Aí trabalhei lá no Novo Horizonte 5 anos...*

P – Só com educação especial?

L – *Educação especial. Aí eu comecei lá em 91, 92 eu vim pra escola Jardim Ipanema, que pra mim foi assim, é a minha base... fiquei 10 anos ali... foi um tempo muito bom, foi uma experiência porque foram tempos difíceis, difíceis...hoje não, hoje eu tô no céu, tô pertinho de casa, tenho meu carro próprio, né? Antes eu vinha aqui pro Ipanema de ônibus, saía daqui e ia pro Novo Horizonte, ensino especial super cansada, trabalhava o dia todo e comecei a faculdade, em 91, e terminei em 95.*

P – Começou com 27 anos?

L – *27 anos. Então assim, pra mim, foi um desafio também, porque eu já tava com a minha cabeça, saindo de um primeiro relacionamento... então foi assim... foi um tumulto esse início de magistério, mas graças a Deus eu sempre dei conta! Eu me proponho e vou! Eu enfió a cara e vou fazendo o melhor.*

P – Então você tem de sala de aula, de magistério, quantos anos?

L – *30...27, né? Comecei em 91.*

P -E nesse tempo, entre a formação inicial, lá com o magistério, depois passando pela graduação, tive alguma formação continuada também?

L – *Muiiitooosss... porque o tempo que eu trabalhei...aí eu passei no concurso da prefeitura em 96, aí deixei o Novo Horizonte e fiquei na Prefeitura e aqui no Estado, Jardim Ipanema, aí nós...como a Prefeitura tem formação continuada nos módulos, eu já comecei a ir pro CEMEPE e fazer cursos...todo curso oferecido, quase que a gente tem assim aquela obrigação, a gente ganha no módulo, então a gente tem que ir lá, tem que cumprir, tem que fazer. Então eu sempre fiz bastante curso.*

P – Tem algum desses que você destaca como mais relevante?

L – *Alfabetização! Eu fiz na área do ensino especial e não graduei, eu não fiz a graduação do curso em ensino especial, eu fiz formação continuada, várias horas, porque eu tive*

que acompanhar, quando eu fui gestora, eu precisava acompanhar a turma da minha escola. Então toda semana eu estava no CEMEPE fazendo curso. Isso também me ajuda muito na minha prática, na percepção do meu aluno com dificuldade, então eu tive uma base boa... tudo eu acho muito válido, sabe, Valéria.

P – Você falou em gestora, teve um tempo de gestão também?

L – 3 escolas...

P – Você fez tudo dentro de uma escola? (risos)

L – *Só três escolas... (risos). A única coisa que não fiz foi a Inspeção. Eu fui ASG, Professora, Supervisora, Orientadora de alunos e Diretora... Vice diretora e diretora. Ficou faltando Inspeção porque eu não tenho a formação.*

P – É uma formação específica?

L – *É, porque a minha é Supervisão e Orientação, meu curso de Pedagogia.*

P – Então no curso de pedagogia tem essas diferenciações?

L – *Tem, aí eu teria... pra mim conseguir a inspeção...eu deveria ter feito Valéria, eram pouquinhas horas a mais sabe, aí era só leis que eu ia ver, porque as didáticas eu já tinha visto tudo, eram só leis...mas eu nunca interessei muito por leis não, nunca gostei, gosto mais da prática da sala de aula, eu gosto do aluno, sabe, eu gosto de tá ali no convívio todos os dias. Apesar de que agora eu já tô muito cansada... tem que ressaltar que eu tô cansada...(risos)*

P – Nessa escola aqui você está há quanto tempo?

L – 2 anos.

P – E qual é sua carga horária aqui?

L – 4 horas e meia, só a tarde.

P – E você tem outros empregos?

L – *(suspiros) Ai... de dois anos pra cá não, graças a Deus não...eu aposentei ano passado, fevereiro do ano passado, mas até o ano passado, até fevereiro do ano passado, eu dobrava o turno... de quando eu comecei até fevereiro do ano passado eu dobrei turno.*

P – Por que você quis continuar?

L – *Depois da aposentadoria? Primeiro, Valéria, porque eu gosto! Eu gosto muito do que eu faço, e eu sinto falta quando eu não tô na escola... nas férias a minha filha fala assim: “nossa mãe, volta pra escola, arruma um menino pra senhora dar aula” (risos). Mesmo, eu fico sentindo falta dos meninos, cê acredita? Fico nervosa...*

P – Acredito... (risos)

L – *Irritada dentro de casa, parece que tá faltando algo. Então, assim, escola, lecionar, pra mim, é sinônimo de vida, pra mim, Lírio do Vale, eu me sinto viva, alegre, se tem uma coisa que me deixa feliz, é aluno, é minino... e qualquer minino, qualquer um... não preciso conhecer também não, sabe? Eu vejo a criança já quero pegar, quero falar, ter uma palavra com ela... é uma coisa minha assim, sabe...*

P – E esse tempo todo, esses 27 anos, sempre com crianças?

L – *Sempre com crianças...*

P – Ensino médio nunca...?

L – *Eu fiquei um período assim, às vezes, na sala de aula, pra substituir algum professor que faltava, né?... que quando cê tá num cargo que cê toma conta de tudo, faltou, cê tem que cobrir. Mas poucas vezes, né? Às vezes uma semana... com eles... mas eu não gosto, não é o meu foco.*

P – Seu negócio é os “mininu” mesmo?

L – *Eu gosto é dos pequenos, do primeiro ao quinto ano. Eu não gosto de séries finais, que é do sexto ao nono, e depois o ensino médio... não nasci pra isso não. Eu nasci é para os pequenininhos mesmo... e quanto menor melhor... já passei por creche... na escola que eu trabalhei os últimos quatro anos, eu fiquei no 2 aninhos, com os menininho de 2 aninhos. Num período era dois aninhos, à tarde era segundo ano. Então eu gosto de bebê também... gosto de lidar, de dar banho, sabe... de... acho que às vezes de me doar também... como mãe... eu vejo essas crianças muito carentes, aí eu me doou para eles.*

P – Vira um pouquinho de mãe pra todos eles...?

L – *E é tão bom, eles me fazem tão bem... eu gosto...*

P – (risos) é visível, é visível... não precisa fazer muito esforço pra ver isso, nem te conhecer muito...

L – *Eu estou nesta profissão por amor mesmo a... nasci pra isso, Valéria, eu não tinha outra coisa pra fazer... eu não sei fazer outra coisa... fora serviço de casa, sei fazer sim, muito bem... quer que eu limpe uma casa, é comigo! Mas assim, se for pra eu trabalhar numa outra função, eu não sei... não gosto muito de coisa que eu tenha que ficar muito quieta...*

P – Bem se vê também... (risos)

L – *Eu gosto é de estar agitando, é de tá brincando com os meninos. Cê vê, no meio da prova eu faço uma brincadeira... num dou conta... antes de você chegar eu já tinha cantado com eles, eu já tinha feito parlenda com eles... então assim, eu gosto de estar sempre trazendo brincadeiras pra alegrar um pouco também... faz parte.*

P - Acho que isso agora já entra um pouco agora, que eu quero ouvir de você mesmo, não é à toa que a sua prática é tão recheada disso tudo... mas pra você, como que uma criança aprende? O que é importante para uma criança aprender?

L – *Valéria, acho que são vários fatores né? Eu acredito que quando uma criança vem, a mãe quando traz a criança pra escola, ela já vem pré-disposta a aprender, ela quer... ela quer aprender. Então ela chega com vontade de aprender, e isso é muito bom. Aqueles que a gente vê que... que a gente percebe que vem porque a mãe...eu tenho caso na minha sala que o menino vem por causa da Bolsa Família....e não pode faltar...porque senão perde a Bolsa Família... e assim, eu acho...eu fico triste com isso, porque é um menino que ainda não aprendeu a ler...ai eu fico olhando, observando né, todos os fatores...essa mãe, ajuda esse menino em casa? Não, ele vem com os deveres...volta sem fazer...então, ao meu ver, o estudo não é tão importante, porque ela mesmo não se esforça com seu filho, deixa por conta da escola...o tempo na escola é pouco, a criança quer aprender? Quer... mas ele precisa de estímulo, ele precisa de incentivo, e o incentivo pra mim, começa lá na casa dele. “Filho, olha, vamo pra escola, obedece as regras, as normas, você vai para aprender, você não vai lá pra brincar, você vai para aprender a ler e a escrever. Falta muito isso, sabe Valéria...eu vejo...eu sinto que falta muito isso... a diferença que eu vejo de quando eu comecei, é que os pais na porta da escola diziam: “obedece a professora! É pra obedecer e é pra aprender! É pra fazer tudo direitinho!”, hoje a gente não escuta isso...30 anos depois, a gente não escuta isso de jeito nenhum! E eu gostaria muito de ouvir: “Filho, olha, vai aprender, viu! Quando você chegar eu quero ver o seu caderno”.*

P – 30 anos depois, o que é mais comum escutar?

L – *“Ah! Essa professora já mandou mais tarefa?” – Essa semana eu ouvi isso...até conversei com a Denise⁶³, “Ai Denise, eu fiquei tão triste...” “essa professora só sabe mandar tarefa pra casa?”. Se eu não mandar, eu sei que vai ter professor que vai falar “poxa a professora tá lá e não manda nenhuma tarefa?”, agora a outra falar “Nossa, ela só sabe mandar tarefa pra casa? Tô cansada já dessa professora!” Eu fiquei até chateada com isso, depois falei: “vou continuar mandando sim!” Vou mandar! É a minha prática, eu sei que é importante, ele precisa de ter o compromisso, de ter aquela responsabilidade de chegar. Eu falo assim, Valéria, “eu não sei o horário que vocês tem pra fazer... a mãe deveria colocar um horário fixo pra vocês fazerem tarefa”. Isso eu falo*

⁶³Nome fictício atribuído por mim, à supervisora pedagógica da escola.

nas reuniões de começo com elas, a gente faz a orientação, “mas a mamãe é quem sabe o horário que vai te ajudar, te auxiliar na tarefa, o que a tia quer é que você chegue aqui com a sua tarefa pronta”. “Você aprendeu? Ah, não dei conta... então fala pra mim, “não dei conta”, a mãe vai escrever: “professora, não entendi”, “eu não ajudei porque eu não dei conta” – tudo bem, eu vou entender, né Valéria? Porque muitas mães não estudam...às vezes tem só o quarto ano primário da série antiga, que quinto ano hoje, então eu entendo, né? Mas aí achar ruim de mandar dever, a gente sente assim, nossa, eu tô sozinha, né? Sou eu e o meu aluno, eu não tenho ajuda. É uma frustração, mas como eu sei que mesmo diante das dificuldades eles vem com vontade de aprender, eu quero ensinar, e eu faço o melhor que eu posso. O resultado às vezes... a turma do ano passado não foi tão satisfatória como desse ano, fiquei frustrada!(a bibliotecária abre a porta, percebe nossa presença e logo fecha)... porque é uma turma que tinha tudo pra sair lendo e escrevendo, mas a maioria não conseguiu, vou dizer uns...40%...não a maioria, 40% não conseguiu...mas eu achei ruim...esse ano eu estou com 5 alunos que ainda to tentando ver se até o final do ano letivo eles melhoram um pouco mais, pra não item muito fraquinhos... Mas qual que é mesmo a pergunta, que eu acho que eu saí fora...

P – Você falou muita coisa importante, não saiu fora não...Como uma criança aprende? O que é importante?

L – Ah sim, sim... então, o apoio da família, eu acho importantíssimo, a presença deles nas reuniões, conhecer o professor, saber o modo como eu trabalho, o que eu espero deles...tudo isso é fundamental, e é falado na primeira reunião. Então, tem pais que eu nem conheço... não vieram na primeira reunião, e talvez nem apareçam na última...mas ao longo do ano eles também não vieram...não vem nos módulos pra gente conversar...eu entendo...todo mundo trabalha...é difícil mesmo, mas eu já me propus a ficar até depois do horário pra receber os pais...depois da 17h eu posso ficar, não tem problema nenhum...graças a Deus eu não tenho filho pequeno, então eu posso ficar, esperar, dar atenção, mesmo mandando bilhete eles não vem. Então eu passo pra Denise, né, que é minha supervisora, a situação de cada aluno... ela acompanha muito de perto... se você perguntar pra ela de qualquer menino ela sabe te falar... da minha sala principalmente, porque eu passo tudo pra ela. Ela é uma companheirona...

P - Você conta com esse apoio da instituição como um todo também?

L – *Nossa, ela é demais, viu Valéria... ela, a Nilva⁶⁴, que é a nossa vice diretora, à tarde ela é bibliotecária...faz um trabalho aqui nessa biblioteca maravilhoso com os meninos de contação de história...ela conta muito bem, só escolhe histórias que ensinam muito para a vida...eu acho interessante as histórias que ela escolhe, eu vejo um diferencial nela nessa parte...eu não chego aqui e falo “eu quero que você conte tal história”, a gente chega, tem o dia, né, que é quinta feira no primeiro horário, ela já organizou o espaço, e já está com o livro ali na mesa...então é surpresa até pra mim...eu acho bom porque eu gosto mais do que os meninos...(risos)...das histórias dela...tudo tem um fundo de moral, de verdade, de educação para a vida, e é o que as crianças precisam, porque é um complemento à sala de aula, porque eu sei que a escola não está aqui para educar, a educação é dos pais, né, mas não tem jeito, eu não dou conta de separar. Por exemplo, você já prestou atenção lá na minha sala, acontece um fato, eu preciso parar e conversar com eles... às vezes eu penso – “não, isso era mãe ou pai que devia resolver”, mas eu, Valéria, Lírio do Vale, se não parar e conversar com eles sobre aquele assunto, parece que tá faltando alguma coisa pra mim... sabe, eu tenho essa necessidade de conversar, de orientar. Eu gosto de fazer isso... então eu gosto muito das histórias da Nilva porque vem muito de encontro com o que eu acredito dentro da educação. Eu não consigo separar pai, educação, e letramento, na escola...eu não consigo separar isso. Sabe, tem que andar junto... às vezes os pais que vem nas reuniões até falam – “ah, meu filho falou que você disse isso, e isso... e eu nunca nem conversei sobre isso com elas...” – então eu acho isso importante. Então um dos fatores é o apoio dos pais, esse apoio da escola por menor que seja a estrutura, que eu já falei que aqui na escola falta xerox muitas vezes pra gente fazer um trabalho diferenciado...preciso de uma folha branca sulfite, não tem...eu tenho que comprar, ou eu tenho que ir atrás, pedir doações...até te pedi, né? (risos) “ai que vergonha...”.*

P – Vergonha do que?

L – *(risos) Ah, eu peço! Professor é tudo pidão. Se eu acho alguma coisa na rua que me serve, eu cato, sem vergonha nenhuma, e trago pra escola. Eu sei que será útil, que vai ensinar... então essa falta de material, essas coisas assim, travam um pouco o trabalho da gente... às vezes a tinta do pincel não é muito boa, já dificulta até na hora da alfabetização o menino entender – “tia, que letra é essa?”, mas eu já escrevi tanto, já to*

⁶⁴Nome fictício atribuído por mim, à vice diretora da escola.

até com tendinite de tanto escrever...porque no final da carreira ainda tem isso, sabe Valéria?

P – Você já está com essas “ites” aí?

L – Há muito tempo... desde a época do giz...que tem pouco tempo que mudou pra pincel...a gente vai adquirindo as rinite alérgica, as gripes, por causa do giz, melhorei depois que veio o pincel... mas era só olho coçando, espirrando, nariz escorrendo... aquela bagunça. Sem falar do mimeógrafo... eu sou da época do mimeógrafo, aí a gente arruma essas dores no ombro por falta de recurso...igual aqui na escola, a internet não funciona, o laboratório de informática não funciona, um dia ou outro. E a gente vê que a direção corre atrás, pelega pra arrumar, mas aí entra aquela questão maior, o Estado precisa investir mais em recursos.

P – Educação precisa ser vista como prioridade, né?

L – É... mas a gente faz o que pode, né, dentro das possibilidades, e graças a Deus, a gente acaba alfabetizando, até, que é o foco, né, nosso objetivo é o letramento e a gente consegue...em meio a tantas dificuldades, a gente consegue.

P – E nesse processo, no processo de ensino e aprendizagem mesmo, o que você entende que seja importante nesse processo?

L – Uai Valéria, tudo é importante... desde o modo como a gente recebe o menino ali na fila, né? O olhar do professor já é a partir da hora que a gente acolhe o aluno... veio, chegou pra você...eu já conheço eles assim, eu bato o olho eu sei quem tá legal, quem tá meio “chororô”, se aconteceu alguma coisa em casa... às vezes eles não querem contar, aí eu espero um pouco, chego perto...até a criança contar o que tá acontecendo... porque dependendo do jeito que ela chega atrapalha até a aprendizagem dela em sala de aula. Se ele está com um problema e ele tá pensando no problema, ele não vai concentrar... ele não vai dar importância, até, pro que a gente tá ensinando. Então o meu olhar é desde a hora que eu pego eles na fila da entrada, e tô sempre observando muito, não só o caderno, mas o modo de sentar, a leitura em si... por exemplo, eu trabalhei - eu sou do método tradicional, eu trabalho as famílias – eu gosto, eu acho mais fácil pra ensinar e é o que eu domino, então eu acredito que é o caminho que eu chego no letramento, então eu vou por ele...claro que coisas novas, a gente agrega, não dispenso nada que venha para somar, mas o que eu domino é o método tradicional, o “B com A – BA”, então eu vou por esse caminho, e consigo alfabetizar. Então, por exemplo, se eu tô ensinando uma família, fizemos todo o tipo de... apresentei uma família através de uma música, ou de uma poesia, nunca chego lá e “Ba, Be, Bi, Bo, Bu”, do nada...tem que ter um contexto

sempre...seja pela arte ou por uma roda de conversa que a gente tem toda segunda feira. Por exemplo, pra introduzir os dois Rs, surgiu na roda de conversa um assunto sobre cigarra... que um aluno tinha ido numa chácara, viu uma cigarra, veio contar, pronto! Ali é meu ponto, peguei! Vamos trabalhar os dois Rs à partir da palavra cigarra. Aí pedi para pesquisar, para aqueles que têm internet em casa, igual a J., ela pesquisou, veio e falou tudo sobre a cigarra, ela gosta, ela é muito interessada. Como eu tinha ido na chácara, eu gravei o barulhão delas lá à noite, trouxe o barulhos para eles ouvirem, trouxe algumas imagens, eles acharam o máximo...e meu trabalho partiu daí. Então através de uma roda de conversa, uma música, uma poesia, uma parlenda, um trava-língua, de um elemento do folclore, de uma contação de história, eu dou o pontapé, e eu acredito que é isso que ajuda mesmo a aprender. Mas qual foi a pergunta mesmo (risos)?

P – Exatamente isso que você respondeu, o que é importante no processo de ensino e aprendizagem.

P – Pra você, minha querida Lírio do Vale, o que é o TDAH? O que você sabe? O que você conhece? O que você entende...?

L – Oh Valéria, eu não sei definir cientificamente isso não...

P – (risos) Mas isso eu sei lá dos livros que eu estou estudando, o que é importante pra mim agora é mesmo saber o que é pra você mesmo (risos)

L – Então, o TDAH eu sei que é a criança que é diagnosticada porque tem um déficit de aprendizagem que às vezes ele não acompanha o ritmo de aprendizagem da sala como as outras crianças... ela é mais lenta no raciocínio, a gente percebe, eu tenho aluno assim, a gente conversa com ele, a gente tá num assunto ele tá desligado, desconectado da realidade, parece que ele não tá nesse mundinho aqui. Aí a gente começa a observar: nossa, mas eu tô falando da cigarra, e ele tá falando do doce que a mãe fez lá na casa dele, o que tem uma coisa a ver com a outra? Então a gente já começa a observar esse aluno... a letrinha é diferenciada, por mais que você trabalhe a caligrafia, dê atividade, a gente percebe que esse menino tem uma dificuldade também motora, não é só o cognitivo...aí você trabalha com ele pra melhorar a letrinha, ele melhora, mas não do jeito que a gente gostaria que fosse redondinha, que obedecesse o padrão de letra que vai na linha de cima, a letra haste que vai na linha de baixo, ele tem dificuldade com isso...e por mais que você explique, mostrando na prática pra ele, ele não consegue. Eu tenho aluno que ainda escreve a letra cursiva minúsculo com maiúsculo, ele não conseguiu entender ainda onde que é a minúscula e onde é a maiúscula. Então eu vejo que tudo isso faz parte do diagnóstico dele, desse TDAH que ele tem.

P - E ele tem o diagnóstico já consolidado?

L – *Tem*

P – Usa medicação?

L – *Usa... nós levamos meio ano conversando com a mãe, mostrando para a mãe que a gente precisava que ela levasse pra ver... a gente não afirmou porque a gente não pode afirmar “esse menino tem isso”, eu não sou médica, mas pelas características, eu acho que é isso. “-Mãe, leva pra ver!”, e deu.*

P – Quem é? A gente pode falar o nome dele, na hora da transcrição, eu tiro o nome dele para não identificá-lo.

L – *Ah tá... é o Vinícius⁶⁵*

P – Mas o Vinícius está com diagnóstico de TDAH?

L – *Sim...eu tô até com o xerox do laudo.*

P – E usando Ritalina?

L – *Eu não sei qual remédio porque eu não consigo entender lá o que tá escrito, e a mãe não fala, ela não admite que ele tem... é difícil...*

P – E você acha que ele tá sendo medicado? Te parece que ele está sendo medicado?

L – *Sim, a Denise perguntou e mudou o comportamento dele dentro da sala. Está mais calmo, nossa... aquele chororô acabou...ele chorava...se eu dissesse pra ele assim, “espera só um pouquinho que eu já vou te atender”, ele já começava a chorar. Ele agora começou a entender que ele precisa esperar um pouquinho, porque eu vejo que ele era muito imediatista. Tava virando uma confusão até na minha cabeça, estava difícil até pra mim – “Calma, espera só um pouquinho”. Agora ele já consegue esperar, mas a mãe também tá tomando remédio. Eu vejo que a agitação toda que ele trazia de casa, aquela ansiedade, vem também de casa. É pai e mãe... lá parece que é a família toda, sabe? Mas graças a Deus esse aluno teve um ganho agora, do terceiro bimestre pra cá, de setembro pra cá, depois que ela levou... agora tá no neurologista, psicólogo, tomando remédio...ele consegue ficar um pouco mais com foco, centrado. Antes ele não conseguia, levantava toda hora. Agora ele tá assim, ele levanta, me abraça, porque antes ele não tinha essa liberdade de me abraçar, ele levantava, ficava na minha frente e ficava assim, fazendo esse movimento (Professora me mostra um movimento de ensaio de um abraço), e aí quando eu falava – “Vinícius, senta, por que você tá aqui?”, parece que nem ele sabia porque tinha se levantado. Ou então fazia assim com os dedos (Professora mostra um*

⁶⁵Nome fictício atribuído por mim, ao aluno mencionado pela professora.

gesto típico estereotipado de Vinícius olhando fixamente para os dedos bem próximo aos olhos). Agora não, agora ele levanta e vem me abraçar e volta para a carteira sem eu precisar mandar. E assim, eu tive que aprender também, né Valéria, a lidar com o Vinícius, lidar com essa diferença, porque pra mim isso é uma diferença. Eu já sou muito agitada (risos), eu também tive que fazer um exercício de calma, espera que você vai aprender a lidar com ele. Eu falei com a Denise – “Denise eu não consigo trabalhar com ele”. Ela que me ajudou muito nesse processo, porque Valéria, eu sou extremamente preocupada com cobrança, eu tenho que dar conta... olha o tanto que eu já melhorei, hoje eu até falei – “eu posso parar a prova”, por que não? Amanhã eu continuo. Mas antes eu não dava conta, vamos fazer, vamos atropelar, vamos terminar. Eu vejo que eu também estou passando por um processo de adaptação com os meninos, de entender que o outro, se ele tem que ir devagar, eu também tenho que ir devagar com ele. Que ele não vai no meu ritmo pelo que ele já traz, pelo diagnóstico que ele traz. Então se ele tem esse laudo, aí eu passei a ler um pouco mais...a Denise me passou coisas pra ler...o marido da Denise é assim, então ela me explicou muita coisa, de como que ela age com ele, com firmeza, mas com calma. Então ela disse – “você tem que se acalmar para que ele sinta confiança em você”. E antes eu achava que eu tinha que mostrar pra ele assim, quem manda aqui sou eu, você vai fazer do meu jeito! Espera aí! Aí eu tive que trabalhar isso comigo, porque não é fácil pra mim... tudo é um aprendizado, né Valéria! Mas tá indo. Eu ainda não domino o assunto, estou aprendendo, eu voltei a ler alguma coisa, preciso estudar melhor, porque eu tenho percebido que a cada ano que passa estamos encontrando alunos com essa característica.

P -Ano que vem, lá em abril de 2020, se tudo der certo (risos) você vai ter a minha dissertação para te ajudar a pensar algumas coisas.

L – Obaaaaa!

P – Além do Vinícius, porque eu não sabia que ele tinha esse diagnóstico, além dele, você já teve que lidar com outras crianças com diagnóstico de TDAH?

L- Valéria olha, não é bem o diagnóstico feito por um especialista, a gente tem o Gabriel⁶⁶ que vem sendo acompanhado por um psicólogo, mas até hoje a mãe não trouxe o relatório, mas a gente tá sempre cobrando pra saber o que a psicóloga tem observado, se é a mesma coisa que a gente observa aqui, ou se a gente que tá observando errado... então ele é um menino que, no meu ver também, precisa de um estudo melhor à respeito

⁶⁶Nome fictício atribuído por mim, ao aluno a quem a professora se refere.

desse quadro dele, que eu acredito que ele também seja, que ele também tenha. O Vinícius pra mim é num grau moderado, leve, o Gabriel já um pouco mais acentuado, apesar de que as características sejam totalmente diferentes.

P - Então, essa é uma questão importante, o que você já entende como características de um quadro de TDAH?

L – Olha, essa repetição de assunto, de movimentos que eu vejo, uma inconstância de humor, eu vejo ele às vezes assim, por exemplo o Gabriel, ele é agressivo, todo dia tem reclamação do comportamento, todo dia! Ele não consegue ficar quieto, ele não foca, ele não centra. Por exemplo, lê o texto, junta uma letrinha com a outra aqui... é um segundo, ele olha pra letra, e daqui a pouco ele olha pra um lado, pro outro, ele tá preocupado com o que o outro tá fazendo... hoje a primeira coisa quando ele me viu lá na sala, ele - “tia, ele não fez a bonequinha preta” – estávamos ainda entrando, porque hoje foi o dia de entrega da bonequinha preta (ah, você vai voltar comigo lá na sala para eu te mostrar!)

P - Claro que eu vou!

L – Você ver o trabalho de cada um... se você ver o trabalho do Vinícius...que encanto...engraçado, que eles desenvolvem nas artes, né? Não vai na escrita, mas as habilidades para as artes...é uma sensibilidade para as artes...e o foco, a gente fica focada só no letramento... eu acho que tem que mudar esse pensamento, professor não pode ficar só no Ba, Be, Bi, Bo, Bu, a gente tem que buscar outras formas até de ensinar, para atingir esse aluno com esse quadro de TDAH. Porque através dessa boneca eu posso pedir pra ele escrever a palavra “boneca”, ele vai ter um incentivo a mais se ele tá com a bonequinha... ele fez, ele tá com alegria de ter feito, ele sentiu o maior prazer de ter feito essa boneca...

P – Foi feita em casa, com material que tinham em casa, com ajuda da família?

L – Sim, foi um bilhete explicando direitinho para os pais, e eles fizeram e hoje era o dia da entrega... sete não fizeram, doze fizeram e trouxeram no dia certo...uma mãe justificou porque não fez, e as outras não. Uma mãe mandou falar que não vai fazer boneca mas também não falou porquê. Aí a Denise foi lá e disse – “olha, se sua mãe não quiser faça boneca, pode fazer boneco... eu falei que podia, mas as vezes a mãe acha que vai brincar de boneca, né? Mas eu expliquei direitinho...que era dentro de um projeto sobre a Consciência Negra, que a história que eu ia contar era sobre a Bonequinha Preta, que se ela quisesse procurar, né? Ela teria a fonte pra saber porque que o menino precisa

fazer uma boneca preta. Mas a mãe do Kleber⁶⁷. não vai fazer boneca... mas eu ainda dei até sexta feira para esses sete alunos fazerem e trazerem, porque a gente vai expor, vai ficar faltando 7?vai ficar em o nomezinho deles lá? Ai a gente aumentou o prazo. Mas eu tenho percebido Valéria, que professor não pode parar de estudar nunca, de ler, se informar, de procurar novos caminhos para alfabetizar, para formar, não só alfabetizar, mas formar as crianças, porque é global né, a gente não pensa só em ensinar o letramento...eu pelo menos vejo o aluno como um todo, um ser em formação, um indivíduo que precisa de tudo, né? De afeto, de letramento, de artes, de muita leitura, de cultura, o que a gente puder passar pra eles em relação a livros, pesquisa, informações, a gente tem que trazer...o aluno é um todo, não tem como fragmentar...a gente tem que buscar, estudar...pra mim é um desafio muito grande.

P – Me bateu uma curiosidade por conta da sua história, são 27 anos dentro de escola lidando com crianças. Com relação ao TDAH, você percebe alguma mudança na quantidade de crianças com essas características que tem sido faladas como do TDAH?

L - Eu penso que isso sempre existiu, mas num menor número, eu vejo que tem aumentado... a dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever com esse aumento da tecnologia, apesar que a escola não acompanha essa tecnologia, mas eles não estão isolados, tem televisão, tem computador em casa, tem celular...aliás, a escola que tá pra trás, eles vem tudo em casa, chega aqui com mil novidade que as vezes eu nem vi, e eu tenho até que pesquisar pra discutir com eles depois...às vezes eu até digo, - “gente, eu vou pesquisar e respondo depois. Mas eu vejo que tem aumentado.

P – E o que você entende que é uma conduta adequada da escola com relação a essas crianças? O que você acha que é a função da escola?

L – Valéria, a gente tem a conduta assim, a partir do momento que você percebe que um aluno está com dificuldades de aprender, de socializar, aprender a ler e a escrever, primeira providência a gente chama a supervisora e fala “está acontecendo isso, isso e isso na minha sala, tá aqui o ditado do menino”, ela olha toda semana o ditado, ou uma produção de texto por semana, verifica que de uma semana para outra ele não evoluiu, pergunta como que você trabalhou, acompanha o planejamento, vamos chamar a família...chama a mãe. Algumas mães, como essa perguntou: “aonde que eu procuro, como eu faço?”, é mais fácil quando a mãe aceita o que a gente tá conversando com ela,

⁶⁷Nome fictício atribuído por mim ao aluno mencionado pela professora.

não afirmamos nada porque a gente não tem como afirmar, mas a gente diz que está suspeitando ... você leva ao médico, vamos confirmar se é isso mesmo, por que ele tem essa dificuldade de aprender... como ele é em casa? Depois de ter feito uma pesquisa mesmo de tanta pergunta, como que é em casa, família... tem histórico na família. Aí depois dessa conversa vai os encaminhamentos. É postinho? Então a mãe vai pro postinho... é demorado, né, marcar uma consulta... às vezes, Valéria, leva de um ano pro outro pra outra professora que vai tomar providência, porque não dá tempo dentro de um ano o menino ser medicado, diagnosticado, tratado e mandar um relatório pra gente, com alguma orientação de como lidar com aquele menino...você sai da vida dele, igual findando o ano, eu vou sair da vida dele, às vezes sem saber ... porque se um médico que conhece, que detectou , que entende, mandasse alguma coisa pra gente, facilitaria, né... mas não, o professor tem que buscar... ler, buscar formas de ajudar esse menino.

P – A próxima pergunta é sobre como você entende que deveria ser a conduta do educador? Acho que você já falou junto com a outra resposta, mas você acha que tem algo mais a acrescentar?

L – Deixa eu pensar...eu tô percebendo que tem alguma coisa com meu aluno...passo pra minha supervisora, ela chama os pais, e a gente conversa e faz os encaminhamentos. Essa é uma das condutas, das providências. Outra, quando a escola, aqui na escola tem o professor de apoio que trabalha com aqueles casos mais severos... o menino que tem laudo, o Estado fornece um professor de apoio, mediante laudo. No caso do Vinícius, ano que vem ele será atendido lá na outra escola, lá tem uma sala com jogos voltados... a Denise pode falar melhor sobre isso, voltados para aprendizagem. Aí já diferencia da sala de aula. É uma ajuda boa, porque lá ele vai aprender a ler e a escrever através de jogos, com outras crianças com o mesmo diagnóstico, porque na sala de aula é uma mistura de menino com laudo e sem laudo, outro que é indisciplinado, outro que é apático, então é uma mistura muito grande de alunos, e isso, não é que dificulta, mas faz o professor pular mais. A gente que quer ensinar, tem que procurar foco, muitas formas de ensinar esse aluno.

P - Como está seu tempo? Até que horas que a gente tem? São quatro e cinco...

L – Faltam muitas perguntas?

P – Já passou da metade (risos)

L – Uai, vamos mais um pouquinho... e você, como tá seu tempo?

P – Eu tô tranquila...

L – *Ah, vamos mais um pouquinho, o Luís⁶⁸ tá lá...*

P – Você acredita que o TDAH é uma patologia?

L - *Hum... uma doença? Nossa Valéria, difícil, viu, eu não acredito que seja uma doença não... uma doença?? Assim? Doença? Igual um câncer?*

P – Então... ele tá no manual de transtornos psíquicos, no DSM – V...TDAH é a sigla para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, é considerado pela medicina como uma patologia, e pra você?

L – *Nossa, doença não...!*

P – Então o que você acha que é?

L – *Ai eu acho isso muito triste... acho que criança nenhuma devia nascer com isso... o que que leva, né, uma criança nascer com isso? quais seriam as causas disso? É hereditária? Porque atrapalha muito o desenvolvimento dela, atrapalha no sentido assim, ela precisa de um tempo maior, né... não sei é porque a gente tá sempre tão apressado, quer tudo pra ontem.*

P – Mas eu falei em patologia você levou um susto... por que?

L – *Eu levei... eu não quero pensar que seja uma doença não, que é difícil pra gente pensar nisso...deixa eu responder isso depois?*

P – Tudo bem... acho que a próxima pergunta vai te ajudar a pensar nisso melhor...pra você, as características que são nomeadas como do TDAH podem ser fruto de outras questões que não só de ordem biológica?

L – *Então... eu até ia falar o que eu penso assim... mas pensei...não sei se é, né? (risos) Porque... doença...nossa...doença? assim, quando a gente fala doença a gente assusta, né? Porque você pensa assim, então não tem cura? É uma coisa assim que a gente nunca vai aprender a lidar e resolver? Ai, analisando, vendo, igual eu te falei...da família, a mãe também toma remédio... eu acredito que seja mais pro lado psicológico sim...de problemas não tratados, não resolvidos, às vezes lá da mãe, da vó...aí vem e chega essa criança pra gente, com esse quadro...aí se a gente vai sentar e ver a fundo mesmo, a mãe também tem...às vezes não com os traços muito marcantes, mas ela tem...tanto que ela mesmo fala – “nossa, eu preciso tomar...eu sou muito ansiosa, eu tenho que tomar o remédio...e eu tô sem o remédio a tantos dias...”- e a gente vê quando a família está sem medicamento, o menino está sem medicamento, o comportamento é outro...aí quando eles estão todos com o remédio, eu observei esses dias sobre isso...ele tá calmo, parou de*

⁶⁸Nome fictício atribuído por mim, ao professor de apoio mencionado pela professora.

chorar...a mãe veio conversar comigo mais tranquila...então acredito que seja mais de ordem psicológica, Valéria. Eu não quero, nossa... acreditar que seja uma doença que ainda não tem cura...e por acreditar que psicológico tem como resolver, que eu acredito que, dentro da minha prática como professora...porque eu não sou psicóloga, não estudei pra isso, não sei nada sobre isso...mas na minha prática, quando eu consigo trazer o meu aluno pra mim, pro meu coração, que eu dedico a ele afeto, eu consigo muito mais com ele...então eu acredito que é de ordem psicológica simmmmm, porque quando eu mudei o meu comportamento, a minha maneira de olhar pra ele e lidar com ele, ele também mudou comigo...ele deixou de ter aquele receio com a minha pessoa...ele traz flores pra mim...isso é de agora, flores é de Outubro pra cá...até então ele tava muito...sabe, parece que tinha uma barreira entre nós, então eu percebi que quando eu me acalmei também, quando eu comecei a ler, e entender...pensei – “gente, mas não é por aí, eu tenho que ir mais devagar com ele, vou dar mais carinho, vou dar mais atenção” – ele mudou totalmente! O muro caiu! Perdeu aquela barreira. Então eu acredito que seja sim de ordem psicológica, de fundo emocional até, mas doença não!

P – E pra você, qual é a melhor conduta da escola pra ajudar uma criança com essas características?

L – É montar uma sala de recursos... acho que se aqui nós tivéssemos uma sala de recursos com todos os jogos que interesse a ele...primeiro fazer um levantamento com essa família, com esse menino pra ver o que interessa a ele, o que ele gosta, vamos ver o real...porque as vezes a gente pensa – “o jogo tal vai resolver” – mas às vezes ele não gosta desse jogo. Fazer tipo um levantamento de dados com a família, ver o que tem na escola, o que ele gosta aqui, a gente pode por isso na sala de recurso. A questão da música, outra questão, porque o Vinicius foi pra música, ele toca flauta...

P – E você acha que a música o ajudou nessa reorganização dele?

L – Muuuuito... mais muito!

P – E ele está conseguindo aprender bem as notas musicais, tocar direitinho?

L – Demais! Como eu falei, habilidades... às vezes não tem muita habilidade para o letramento, mas tem habilidades para a arte, música...então a escola tem que trabalhar com isso...tem que trazer isso pra dentro da escola mesmo., não é ficar só em cima do “beabá” mesmo não. Tem que ter essas alternativas.

P – E o professor em sala de aula, como pode ajudar uma criança que apresenta essas características?

L – *Uai Valéria... é se informando mesmo, né? Primeiro ponto eu acho que tem que buscar, tem que se informar, se eu não sei, eu não sou obrigada a saber, mas se eu não sei, eu preciso ir atrás de quem sabe. Foi o que eu fiz: - “Denise, eu não sei lidar, como que eu faço?”. Então procurar quem sabe pra orientar, ler, se informar, procurar dentro da gente mesmo, como eu fiz comigo... eu preciso superar essa dificuldade porque pra mim era difícil...então a gente também estar aberto, porque o professor também precisa estar aberto para a mudança, e muitos não estão...mas eu procuro, apesar de ser muito tradicional (risos), em todos os sentidos (risos).*

P – Pois é, sabe que outro dia eu ouvi numa discussão em aula, a ideia do tradicional, em qualquer contexto, começou a ser carregada de sentido pejorativo, como se o tradicional fosse ruim...

L – *Como se já passou, né?*

P – E não precisa ser, não é! Não é porque é tradicional que é isso, ou aquilo, ou menos...

L - *Mas a gente não pode hoje, pleno século 21, ficar só lá, no tradicional...tem que agregar outras práticas... e é o que eu costumo fazer, trazer diversidade pra sala...materiais, aulas diversificadas, aulas alegres...porque eu já vejo os meninos chegar tão desmotivados...como eu disse, muitas vezes já não tem aquela motivação da família, então precisa que eu esteja motivada para motivá-los. Então eu to sempre buscando coisas novas pra trazer pra eles, e acredito que tem dado certo. Então eu não deixei o que eu acredito, que é meu método tradicional, tenho segurança, é o que eu conheço, mas se você disser assim – “vamos fazer isso Lírio do Vale?”, eu digo – “Vamos, eu aceito”. “E se você mudar isso ou aquilo?”, “eu posso tentar e ver o que acontece”. Então a gente tem que dar essa abertura, né? E às vezes o tradicional é aquilo ali, ele não muda.*

P – E qual é a melhor conduta da família, na sua opinião, para lidar com uma criança que apresenta essas características?

L - *Aceitação, acho que a família precisa aceitar o filho como ele é. Mas não é só aceitar assim – “eu aceito”, aceitar, procurar, médicos, pessoas que possam ajudar, psicólogos... porque a dificuldade que a gente encontra, Valéria, é a negação. Primeiro eles negam, ficam até com raiva da gente – “não, meu filho não tem isso não!” – sai falando da gente na escola, vem a negação primeiro. Então precisa aceitar, “meu filho precisa de ajuda, eu vou buscar ajuda, vou seguir as orientações, vou aonde for preciso para que ele tenha uma qualidade de vida melhor, pra que ele aprenda melhor, para que ele aprenda a conviver com essa dificuldade, e conversar com a gente na escola... a gente*

tem quase que pegar a laço...- “vem cá minha fia, vamos conversar” – ter essa abertura de vir. Eu já falei pra mãe, - “ano que vem eu não serei a professora, então você vai, assim que passar a primeira semana, sentar com a professora, fala do seu filho, fala do diagnóstico, fala de quem ele é, para que ela possa saber lidar com ele. Para que ela saiba, porque é difícil... igual, eu peguei sem saber nada, eu ficava – “meu Deus do céu, eu não vou dar conta, porque eu não sei o que tá acontecendo” – aquele choro, aquela irritação, aquele balançado do corpo, tinha alguma coisa diferente, errada, né? Os outros não fazem isso, por que ele faz? O outro, o Gabriel que batia, batia, batia em todo mundo, todo dia... comigo aqui, na hora do recreio, eu não tinha lanche, eu tinha que ficar com ele, até que a mãe levou no psicólogo e começou a tomar remédio também, só não passou pra nós o relatório ainda.

P – O Gabriel também toma remédio?

L – A mãe falou que tava tomando, não sei se continua tomando, porque ela sumiu, nunca mais veio aqui falar com a gente. Então precisa também nos manter informados... passou um mês, foi lá no médico, ele falou alguma coisa diferente, conta pra nós...isso ia ajudar muito. Então eu acredito que a família precisa aceitar, procurar, seguir as orientações, passar pro professor, vir na escola, e oferecer tudo que ele tiver condição: música, artes, esporte...

P – E o que você sabe do que você já leu, se informou, do que você percebe na sua prática, sobre o tratamento mais adequado para uma criança que apresenta essas características?

L – Eu já falei do tratamento médico, né?

P – Você acha importante?

L – Nossa! Demais! E o tratamento psicológico. Eu vi uma mudança significativa nos dois casos mais gritantes na minha sala, um equilíbrio, uma calma... mas é necessário. Às vezes só por um tempo, mas o remédio é necessário... até a criança aprender a entender o que tá acontecendo com ela, aprender a lidar...porque nem a criança sabe...ele não sabe o que tá acontecendo...então precisa sim, de todos esses recursos...o médico é importante, o psicólogo é muuuuito importante, porque na sala de aula a gente não tem tempo para ouvir o aluno...o psicólogo vai ouvir, ele tem lá seu métodos, seu jeito até da fazer a criança falar...nos ajudaria demais, se o Vinícius estivesse no psicólogo, toda semana, família e criança, porque ele precisa enquanto é criança...e depois que ele for adulto, vai deixar pra ele entender isso quando? Precisa trabalhar desde agora, porque eu acho que tornaria mais fácil pra ele quando adulto.

P – Por fim, você já falou muito disso, mas eu queria que você me falasse numa pergunta específica, como você Lírio do Vale, na sua prática, não é qualquer professor, mas você, pode ajudar uma criança com essas características?

L – Eu acredito que fazendo o que eu já faço, sabe, Valéria, me interessando pela criança, tentando ser mais paciente, estudando melhor pra entender, e se ele já tiver um acompanhamento, estar por dentro do acompanhamento com o psicólogo, com o médico, os relatórios, porque seu estaria inteirada daquela especificidade, eu não ficaria supondo...é isso? É aquilo? Não, então eu tenho um diagnóstico, então eu tenho como lidar com mais segurança. Então eu preciso de ajuda nesse sentido para eu lidar melhor, porque amor eu tenho demais, carinho, atenção, respeito pela individualidade de cada um, meu jeito de trabalhar é o que você tem visto... gosto de limite, gosto de coisa bem feita, gosto dos cadernos deles bem arrumados... não é porque tem TDAH que eu não vou exigir dele...exijo da mesma forma por acreditar que ele tem capacidade, mesmo que a resposta venha mais lentamente, mas eu acredito que ele tenha capacidade de fazer. Você é capaz, você dá conta. A forma que eu acho que posso ajudar meu aluno, é acreditando que ele pode, mesmo dentro das limitações, mas sempre encorajando, sempre elevado a autoestima dele...nunca falando que ele não dá conta, pelo contrário, - “você consegue” – “você pode”. Acho que isso é muito importante!

P – É interessante, porque eu não sabia... até então a gente nunca tinha tido a chance de conversar, né, mais tranquilamente...eu não sabia do diagnóstico do Vinícius recém chegado, nem de investigação sobre o Gabriel, mas é interessante que em nenhum momento você lida com eles na sua prática pedagógica de forma diferente...o que me diz que o que você pode fazer por qualquer criança, independente do diagnóstico, é ser você, fazer o que você já faz como educadora.

L – porque eu acredito que eles podem, então eu exijo deles o que eu exijo dos outros, mesmo que não façam...se você pegar o caderno da L., da J., de outras crianças, e olhar o caderninho do Vinícius você vai ver a diferença, mas tá muito distante ainda, mas eu acredito que eles chegarão lá...tanto que minha maior preocupação é com a professora do ano que vem, quem vai pegar meus menininhos? Porque precisa ter um olhar pra eles... já falei com a mãe que ano que vem tem que conversar com a professora...- “fala pra ela como é o seu filho” – porque eu tô aprendendo a lidar com ele agora, já no final do ano, então é importante que você explique as dificuldades que ele tem, pra não causar tantos traumas e transtornos pra ele...mas acreditando que eles chegarão lá, no tempo deles...mas eles tem capacidade. Eu não acredito que seja uma doença o TDAH, mas as

vezes precisa de um olhar, a família precisa olhar com mais carinho e atenção pra esse menino pra procurar a ajuda necessária, não negar, ter aceitação e diálogo com as pessoas que cuidam, que lidam com esse aluno...não precisa contar pra vizinha, mas a professora precisa saber...eu preciso saber o que o psicólogo acha, o que o neurologista falou...parece que tá com mede de falar com a gente, às vezes por medo da discriminação, e não é por aí...eu acredito profissional nenhum vai discriminar um aluno com TDAH ou outra patologia que venha, que surja aí...porque não tem só essa, né? Quanto mais informação a gente tiver, melhor, até pra gente se sentir mais seguro dentro da sala... porque pra mim não foi fácil até agosto...porque ele era de outra professora, aí ele passou pra mim...a Rosa chegou pra mim – “Lírio do Vale, a partir de hoje ele vai ficar com você”... sim, na porta...então eu não tive um preparo primeiro, não me foi passado o motivo do porquê ele tava passando pra mim...não, “você é a pessoa ideal pra lidar com ele”... “mãe pediu pra tirar da sala e passar pra outra, e você é a que eu mais indico”. Tá, eu to aqui pra trabalhar, não to aqui pra escolher... aí tá, começamos, e eu notei que ele era diferente... emburrava, virava pro canto, ninguém tirava ele de lá. Eu pensava, meu Deus, como eu vou fazer com esse menino? Não sei?? Vinha pra Denise – “ele não quer fazer nada, o que eu faço?”... nem me passou pela cabeça que ele pudesse ter alguma coisa, né? Mas eu comecei a observar, isso aqui não é normal... então eu comecei a observar melhor... ele falava – “eu não vou ler, eu não quero ler”, mas era porque ele não sabia ler. “Mas você já sabe o alfabeto”, aí ele começou a juntar as letrinhas agora, ele tá muito empolgado... ele já consegue decodificar, então ele já teve um avanço. Pra mim, grande! Significativo!

P – E o que te garante que o avanço dele foi graças à medicação e não graças à Professora Lírio do Vale?

L – (risos) é um conjunto, Valéria! É um conjunto! Tudo é válido, sabe porque, a medicação deixou ele mais tranquilo, e com isso me deixou também. Eu fiquei mais tranquila, mais confiante e até me aproximei mais dele... porque eu era muito ansiosa também, e a Rosa me confiou e eu não vou dar conta...então isso tava me atrapalhando... passei pra Denise, ela tomou as providências, família levou no médico, tomou medicação, ele começou a acalmar, e eu me acalmei...aí eu fui ler, procurei saber também...foi a Denise que disse... “ele é igualzinho meu marido”, e ela começou a me contar como é na casa dela, hoje é criança, vai ser igual lá em casa. “você tem que se acalmar, não adianta bater de frente com ele, você precisa se acalmar que ele vai confiar em você”. Ah, mas não deu outra! Então é um conjunto. Eu me dispus a aprender, aceitar até minha falta de

entendimento sobre o assunto, ela me ajudou, e eu to ai ainda engatinhando, lendo alguma coisa... agora eu vou fazer um relatório pra deixar na pasta, aí depois eu posso te deixar uma cópia, porque talvez possa te ajudar também. Porque eu vou escrever tudo pedagogicamente que eu vivi com ele, que eu presenciei com ele, como ele desenvolveu até chegar no começo da alfabetização...porque tem os níveis, né: pré silábico, silábico...aí eu vou detalhar em que nível ele está pra deixar na pasta para a professora do ano que vem.

P – E então, minha querida, o que eu tinha pensado para essa entrevista é isso, acho que você trouxe coisas ainda mais ricas! E se você se lembrar de mais alguma coisa que queira me falar depois com passar dos dias, se você quiser escrever naquele caderninho, tudo é muito bem vindo, viu? Obrigada!

L – (risos) Obrigada você!

Dias depois, quando encontrei Lírio do Vale em sala no próximo dia de observação, ao me ver ela diz: *“na entrevista esqueci de dizer que seria fundamental que a escola tivesse, além da sala de recurso, um psicólogo...seria muito importante para nosso trabalho com as crianças com diagnóstico, mas também em todo o nosso dia a dia – acrescenta isso na entrevista!”*

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR DE APOIO

1) Identificação do Professor:

1.1) Idade:

1.2) Formação inicial:

1.3) Formação continuada:

1.4) Tempo de Formação profissional:

1.5) Tempo de trabalho na escola:

1.6) Carga horária de trabalho (horas na escola e horas nesta turma)

1.7) Possui outros empregos?

1.8) Qual sua função nessa escola?

2) Conte-me, por favor, um pouco mais sobre o Projeto “Mais Alfabetização” do qual você faz parte.

3) Para você, qual a importância desse projeto na educação básica em nosso país?

4) Nesta turma, qual sua principal função junto às crianças? E junto à Professora?

5) Para você, qual sua principal contribuição no processo educacional das crianças dessa turma?

- 6) Para você, como uma criança aprende?
- 7) Para você, o que é importante no processo de ensino e aprendizagem?
- 8) Para você, o que é o TDAH?
- 9) Você já teve que lidar com alunos com diagnóstico de TDAH? Conte-me como foi essa (s) experiência (s).
- 10) Você já teve que lidar com alunos cujos comportamentos e/ou dificuldades de aprendizagem lhe fizeram pensar no TDAH? Como foi?
- 11) Para você, quais as características de um aluno na escola, que lhe fazem pensar em TDAH?
- 12) Qual seu entendimento sobre como devem ser as condutas da Escola diante de uma criança com as características que você identifica como típicas do TDAH?
- 13) Qual seu entendimento sobre como devem ser as condutas do educador diante de uma criança com as características que você identifica como típicas do TDAH?
- 14) Você acredita que o TDAH é uma patologia? Pode me explicar?
- 15) Para você, as características que poderiam identificar um TDAH podem ser fruto de outras questões/problemas? Quais?
- 16) Para você, qual a melhor conduta da Escola para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 17) Para você, qual a melhor conduta do professor para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 18) Para você, qual a melhor conduta da família para ajudar uma criança que se comporta ou apresenta características de dificuldades de aprendizagem que geralmente se associam com o TDAH?
- 19) Para você, o que pode ser feito com uma criança que apresenta características que geralmente se associam com o TDAH?
- 20) Como você, com sua prática docente, acredita que pode ajudar uma criança que apresenta as características que geralmente se associam com o TDAH?
- 21) Pra você, qual a melhor forma de lidar com uma criança com essas características?

APÊNDICE G - Roteiro de Entrevista com a Mãe

Conte-me, por favor, como se deu o processo de investigação e avaliação diagnóstica que culminou no diagnóstico de TDAH de seu filho.

**APÊNDICE H - Entrevista com Mãe do aluno diagnosticado com TDAH –
07/12/2018**

Entrevista realizada com a mãe de Vinícius⁶⁹ na escola, com local e hora combinados previamente com ela. A diretora na escola nos ofertou sua sala para que ficássemos à vontade. Não tivemos interrupções, nossa privacidade foi garantida, e a entrevistada pareceu-me à vontade ao longo de toda a conversa. Para a identificação das falas, usarei a letra “R” para referir-me à Renata⁷⁰, mãe de Vinícius, para fins de sigilo de identidade, e “P” para referir-me a mim, por ora no papel de pesquisadora.

P – Renata, obrigada, primeiro, por ter aceitado conversar comigo porque, a minha pesquisa, deixa eu te contar um pouco de quem eu sou, porque naquela conversa inicial que eu tive com os pais você não pôde vir, né?

R – *não...*

⁶⁹Nome fictício atribuído por mim, ao aluno diagnosticado com TDAH.

⁷⁰Nome fictício atribuído por mim, à mãe do aluno diagnosticado com TDAH.

P – Eu sou aluna do mestrado em psicologia da UFU, sou psicóloga clínica infantil há quase 15 anos, ano que vem faz 15 anos... e ao longo desse tempo eu trabalhei no Rio, Porto Alegre por 12 anos, e tem dois anos e meio que eu voltei pra Uberlândia, e ao longo desse tempo todo trabalhando com crianças no consultório, a maior parte, mas a maior parte mesmo, coisa de 90 a 95% das crianças que chegam para o atendimento vem com pedido de avaliação ou com o diagnóstico do TDAH... e eu comecei a ficar muito incomodada com isso... incomodada para entender o que estava acontecendo mesmo, de verdade...e aí na minha proposta de pesquisa para o mestrado, e a maior parte desses encaminhamentos vem das escolas pro atendimento, então eu quero ver dentro da sala de aula, como que o diagnóstico de TDAH começa a aparecer, e foi assim que eu cheguei até a sala da Lírio do Vale. Na entrevista com a Lírio do Vale ela me falou que o Vinícius tinha passado por esse diagnóstico. Não era o meu foco de pesquisa investigar a vida de uma criança em especial, mas conversando com minha orientadora, pensamos que isso poderia enriquecer a minha discussão, já que durante o tempo em que seu estava acompanhando a turma, uma criança passou por essa avaliação. Então o que eu quero de você, que você possa me contar todo esse processo de encaminhamento, de solicitação de investigação, como que vocês viveram isso, partiu de quem esse pedido de avaliação?

R – O processo do Vinícius foi muito tenso... eu assustei muito...quando ele saiu do primeiro ano estava tudo bem...a professora dizia que ele estava se desenvolvendo bem, que era muito inteligente, até no caderninho vinha “Vinícius você brilhou!”.

P – Ele fez educação infantil?

R – Sim, ele foi pra creche, ficou dois anos lá, ele entrou com 4 anos na escola. Aí veio pra cá, fez o primeiro tudo bem, e quando ele passou pro segundo ano... e o Vinícius assim, toda vida ele foi diferente mesmo, mais agitadinho...aí uma tia falava assim: -“é a cara do pai, o pai dele era desse jeitinho quando era pequeno...”, meio nervoso...às vezes você falava alguma coisa ele emburrava e saía correndo...eu via que ele bem diferente do André⁷¹, né?

P – André é o irmão de 13 anos?

R – É, o irmão de 13 anos. Aí eu falava, isso é genético... o pai é meio bravinho mesmo, ele deve ir melhorando conforme for crescendo...e nunca achei que fosse um problema

⁷¹Nome fictício atribuído por mim, ao irmão do aluno diagnosticado com TDAH.

não...porque o Vinícius sempre foi muito comunicativo, brinca muito, e é muito inteligente. Aí começou o segundo ano, um mês, dois meses foi uma beleza, de repente o Vinícius chora, não quer vir pra escola, e aquele negócio – “tô com dor de cabeça, dor de barriga”, e ele não queria vir por hipótese alguma. Eu vim na escola ver o que tava acontecendo, e fui conversando com a professora que dizia – “ele é bonzinho”. Ele tomou um trauma enorme de ditado, porque ele não tava conseguindo acompanhar e a professora tava dando ditado todo dia. Professora é mais agitada, mais pra frente. Eu vinha de novo na escola, mas o Vinícius não quer vim na escola, deve ta acontecendo alguma coisa. Aí um dia a professora me abordou lá de fora e falou assim: - “não mãe, cê leva ele numa psicóloga, eu acho que cê devia levar”. Eu falei, “uai, tudo bem eu vou levar, mas por quê? Eu tenho que saber o porquê”. Aí ela disse – “o Vinícius é muito bonzinho, eu gosto muito dele, leva ele”. Até então ninguém tinha me falado o porquê. Desci meio encucada com isso, às vezes ela deve estar vendo alguma coisa que eu não consigo. – “é porque eu sou psicopedagoga e eu acho que você deve levar”, mas não falou “o Vinícius é assim, assim, assado”. Eu preocupei. Vim aqui, conversei com a vice diretora, ela me deu um encaminhamento pra levar ele num psicólogo. Como eu tava num processo muito corrido porque eu tava fazendo cirurgia bariátrica, então eu tava fazendo um monte de exame, eu marquei aqui no postinho, porque era mais fácil de levar... a gente tem convênio, mas eu achei mais fácil levar aqui. Levei, ela conversou um pouquinho com ele e falou – “ele não tem nada não, é só um incentivo”.

P – Em uma sessão, fez só uma sessão?

R – É, aí ela falou pra mim que ele precisava só de um incentivo, beleza... e vim embora.

P – O que você entendeu como esse “incentivo”?

R – às vezes assim, a gente ficar mais em cima com algum joguinho pedagógico, aí em comecei assim a brincar com ele e tentar puxar ele de alguma forma.

P – Você recebeu uma indicação da escola para procurar um psicólogo pro seu filho sem muito esclarecimento, aí você chegou nessa psicóloga e disse o que?

R – Uai, disse que a professora tinha pedido pra levar, eu ia falar o que? Não tinha o que falar. A professora andou eu ir, e eu levei, porque ele tava com dificuldade de aprendizado. Aí o meu esposo, conversando com um amigo lá do emprego dele, o rapaz conversava falando do filho dele, e meu marido via o Vinícius, ele falou – “gente, mas o meu menino é desse mesmo jeitinho do seu”, - “não Francisco⁷², você tem que levar ele

⁷²Nome fictício atribuído por mim, ao pai do aluno diagnosticado com TDAH.

é num neuro, meu foi assim, assim, e assim”, aí ele foi descrevendo o filho dele e a gente foi vendo o Vinícius. Aí ele falou – “Mô eu conversei com o cara e aconteceu igualzinho o Vinícius Vamos levar ele?” – “Vamos levar!”. Foi aonde que ele indicou o neuro e eu falei eu vou levar. Marquei, custei marcar, conversei muito com o Dr. Alessandro⁷³ conversou com ele, olhou ele, pediu pra eu fazer uns exame pra ver se era alguma coisa, igual, caiu, ou se era só esse...comportamento. Aí eu fiz a ressonância e fiz o mapeamento cerebral nele. Aí levei e ele disse que não conseguia ver nada de alteração, mas que ele tinha esse TDAH, mas que eu não tinha que me preocupar, que até uns 10, 11 anos a gente tratando, ele ia conseguir se desenvolver bem, que eu levei na hora certa. Ele receitou o TOFRANIL de 10 mg...

P – Trofranil é um antidepressivo...

R – É um antidepressivo... porque o Vinícius é muito agitado, tipo assim, o tablet dele tá aqui e a tv tá ali, ele olha assim, (faz gestos estereotipados com as mãos próximas aos olhos) dá uns tique nervoso e ele dá, e vem pra cá...e falei gente, vou ter que fazer todos os exames... lembro quando ele fez a ressonância, e o Dr. Agnaldo pediu com sedação e ela perguntou, e eu conversei com ele a semana inteira – “cê vai entrar numa nave espacial, ela vai fazer muito barulho, você vai por um capacete da nasa”, mas eu achei que ele não ia conseguir, mas ele ficou quietinho, foi perfeito o exame dele...acho que eu dei mais trabalho que ele, porque eu tenho fobia, e eu fiquei doidinha vendo ele lá naquela máquina. Na hora que ele saiu dessa máquina eu olhava pra ele e ele assim... suspirando, querendo chorar, mãe...-“pronto! Cabou”. E ele gosta muito das aulas de música aqui da escola, faz flauta e violino... saiu da ressonância e fui direto na loja comprar a flautinha dele. Acho que ele nem lembra muito mais do exame... mas assim, agora ele tá muito bem, ele acalmou bastante, ele tá mais comunicativo, todo mundo que cerca ele, que convive com ele já percebeu a melhora dele.

P – A Lírio do Vale falou algo de ele ter mudado de turma...

R – Foi... porque essa professora que falou pra eu levar ele na psicóloga... eu tive que tirar...eu que pedi pra Rosa⁷⁴ pra trocar ele , porque ele não queria vir pra escola...aí ela falou – “R. coloca com a Lírio do Vale que ela é muito boa, ela entra no mundinho dele, conversa muito com eles, foi aí que ele começou a acalmar e querer vir pra escola. Por isso que eu mudei ele de sala...

P – Então foi um pedido seu percebendo que a relação deles não estava boa?

⁷³Nome fictício atribuído por mim, ao médico neurologista que diagnosticou o aluno.

⁷⁴Nome fictício atribuído por mim, à diretora da escola.

R – *Isso, com essa professora ele não ia não.*

P – Foi mais ou menos em que época do ano que ele mudou?

R – *Foi no início do ano... ele ficou uns três meses...acho que quando você chegou ele já tinha muito tempo que ele tava na sala da Lírio do Vale. Eu pedi bem no início do ano, foi depois do carnaval eu já tinha trocado ele de sala.*

P- E o que o Dr. Alessandro te explicou, como médico, o diagnóstico que ele estava dando? O que ele te explicou sobre o TDAH?

R – *Não... ele falou que ele tinha mesmo a dificuldade do aprendizado, ele falou que isso aí...como que ele falou mesmo? Eu não lembro direito as palavras... ele ainda falava assim – “ele viaja na maionese?”, eu falei – “ele viaja na maionese...”. Ele ia me perguntando... aí ele me explicou que às vezes ele demora...por exemplo ele pode aprender amanhã, ou pode demorar o ano que vem pra ele aprender, mas ele vai aprender...que não era pra eu...ele falava – “calma, não apavora não! Nós vamos resolver isso aí”. Ele disse que tem muita criança assim... aí ele pediu pra voltar com 3 meses... ele fez os exames, pediu pra mim levar ele na psicóloga, pra ter um acompanhamento psicológico, e um acompanhamento pedagógico...até a Denise⁷⁵ tá vendo pro ano que vem se consegue uma sala de recurso pra poder levar ele...a Lírio do Vale fez o relatório pro ano que vem a gente começar. E eu tô procurando a psicóloga pra levar ele. Eu posso demorar um pouquinho, porque pra isso é uma situação delicada... porque pra mim meu filho é prioridade na minha vida...minha vida é pra eles...então eu quero alguém assim, que eu sinta à vontade pra conversar e que eu veja que o Vinícius tá à vontade também. Então eu tô pesquisando, to olhando direitinho... eu até consegui, mas a médica não atendia pelo convênio, então...pra mim agora não dá...pela Unimed só tem vaga pro ano que vem...eu queria uma pessoa que soubesse certinho o que é que ele tá passando, porque eu preciso ajudar, eu preciso dar conta...porque eu desesperei demais...nossa, demais da conta...*

P- Pois é, essa é outra coisa que eu quero saber um pouco melhor, como você se sentiu quando recebeu o diagnóstico?

R – *Não, até assim... não foi tão assustador porque o amigo do meu esposo conversou muito com a gente, sabe? Aí na hora que ele falou assim – “ele vai ter que tomar um remédio”... Meu Deus do céu, mas o Vinícius é tão novinho pra tomar um antidepressivo, eu fiquei tão agoniada daquilo, de tá vendo ele ter que tomar um remédio...sabe, o mais*

⁷⁵Nome fictício atribuído por mim, à supervisora pedagógica da escola.

velho eu não tive nada disso...então pra mim foi tudo novo... eu entrei em tanto desespero que eu falei: “- filho, vamos sentar ali?” Peguei caderninho, fui tentando ensinar, eu mesmo, lá em casa...porque ele me ouve muito, então comigo ele aprende até um pouquinho...tem hora que a Lírio do Vale passa eu chego lá e “Vinícius, sabe essa letrinha aqui é a letrinha do nome do papai, vamo fazer?...” Então lá em casa eu tenho mais tempo pra conversar com ele, a Lírio do Vale aqui não tem tanto tempo, né? É tanto menino, né? Ele entrando de férias, eu vou dibuiar esses livros com ele brincando aqui em casa... pra mim tentar...eu preciso fazer alguma coisa...eu, independente de tratamento, eu sou mãe dele. Como mãe a pessoa que ele mais confia sou eu, se eu conseguir ao menos um grãozinho pra ajudar ele... mas assim, minha vida tá muito corrida, as meninas aqui tudo sabem... eu to com 6 meses de cirurgia bariátrica, e nem consegui fazer meus exames. Aí tem correria com o outro, correria com o Vinícius, ainda junta que meu marido esses dias bateu o carro... então é muita coisinha... mas deixa ele entrar de férias que eu vou brincar com ele...ontem mesmo a gente comprou uma bolacha e ele perguntou se podia ler...- “deve! Vamos lá, senta aqui, vamos ler, pensa mais um pouquinho que você da conta”...ele conseguiu ler 3 palavrinhas do pacote... mas ele emburra muito... naquele negócio de ele não acompanhar os coleguinhas de sala ele emburra, se isola, chora... barulho, ele não gosta...irrita ele...-“mãe, hoje fiquei muito irritado, os meninos grita demais”.

P – Como é o comportamento dele com relação a barulho fora da escola?

R – O Vinícius é muito comunicativo... ele é assim, como eu falo, ele brinca muito...ele coreta o irmão dele, brinca com o pai dele...ele gosta muito de carro, hoje mesmo a gente tava saindo e ele disse que queria tirar carteira, queria dirigir, pegar no volante...mas o Vinícius é muito tranquilo...lá em casa, a gente é muito tranquilo, não tem muito barulho, muita agitação.

P – E quando ele está com outras crianças, de outros contextos?

R – Tranquilo... ele comunica, brinca, conversa...quer contar a vida dele...conta o que tá acontecendo lá em casa (risos), ele conta da música...chega em casa e ele quer tocar a flauta pro pai dele ver...barulho de música não incomoda ele, mas gritar irrita ele ...não sei se é do problema dele ou se é dele mesmo, sabe?

P – Então o Dr. Alessandro foi o primeiro médico que fez uma avaliação diagnóstica nele?

R – Sim

P – E você se sentiu confortável, confiante, como mãe, como quem participou desse processo?

R – *Eu conversei, ele conversou com ele batendo papo... ele vai conversando comigo e com ele e fica observando ele, o tempo inteiro. Aí ele conversa, fica observando as histórias do Vinícius, e diz: - “ele tá viajando ainda, né?”, é, ele dá umas viajada... mas ele melhorou bastante a comunicação dele...ele não tinha muito assim...igual se brincasse com uma priminha e ela falasse alguma coisa que ele não gosta, ele corria e já escondia embaixo das cobertas, nervos, sabe... hoje ele não tem isso mais...ela brinca, ela coreta ele e ele coreta ela... (risos).*

P– E qual foi a justificativa do Dr. Alessandro pra não entrar com a Ritalina, que é o remédio mais usado quando os médicos querem tratar o TDAH, e sim com o Tofranil?

R – *Ele perguntou, né? Como ele tava, eu falei como ele tava, do desenvolvimento dele, aí ele falou pra eu voltar daqui 3 meses de novo. Então ele tá indo por etapas pra ver, ele falou que ainda não tem necessidade, como ele já tá desenvolvendo bem, ele ainda não vai entrar. Ele tinha falado, numa consulta antes dessa, que provavelmente ele já taria entrando com a Ritalina... aí como ele viu ele, conversou com ele, ele disse que ia ficar só com o Tofranil, e que ia tomar ele até os 9 anos.*

P – Ele está com 8 completos?

R – *É, e daqui 3 meses ele tem outro retorno. Aí como ele me perguntou se eu já tava fazendo os acompanhamentos, eu falei que não... que não tinha dado pra ir.*

P – E depois desse susto, da agonia de pensar “meu filho tão novinho ter que tomar remédio”, como você tá hoje com relação a isso?

R – *Agora eu tô tranquila... como eu vi que não tem jeito mesmo, ele tem que fazer o tratamento, ele tem que ter o incentivo...eu começo a ler o que é...apesar que meu tempo não tá dando muito...eu fiz minha cirurgia numa hora que achava que ia ter sossego pra recuperar, aí vem Vinícius, vem mãe, vem pai, vem cunhada, vem reforma, vem tudo de uma vez...ah, e uma outra pessoa que me ajudou muito, que até falou pra eu procurar o neuro, foi a psicóloga da bariátrica...teve um dia que o Vinícius tava muito agitado, muito nervoso, não queria vir pra escola...e eu pareço que pego as dor deles...cheguei na segunda consulta com a psicóloga da bariátrica, eu já tava com o olho vermelho de tanto chorar, aí eu fui conversando com ela, e ela falou que a primeira coisa que eu deveria fazer era levar ele num neuro. E eu como mãe quero ver meu filho bem, quero que ele*

estuda, quero que ela faça uma faculdade...e ele não fuge disso não...ele fala que quer ser bombeiro e professor de educação física, desde pequenininho.

P – E ele justifica o porquê?

R – As brincadeiras dele é bombeiro, ele gosta de carro, e professora de educação física eu acho que puxou um pouco da mãe, né? Eu quase formei... eu tranquei a faculdade porque eu engravidei do meu mais velho, aí eu parei minha vida pra cuidar deles... não arrependo disso em hora nenhuma na vida...

P – Quando a gente vai num médico, recebe alguma notícia de uma coisa ou outra, muitas vezes a gente pensa em buscar uma segunda opinião. Você pensou em buscar uma segunda opinião nesse caso com o Vinícius?

R – Não... não pensei, eu nem pensava nem nesse...que dirá numa segunda...

P – Pois é, não pensava nem nessa, e como é que... você conhece seu filho melhor que qualquer outra pessoa... quando você me disse que percebeu que ele sempre foi diferente, o que é esse “diferente”?

R – Ele é um menino ... assim, igual o André... o André é um menino muito comunicativo, conversa pelos cotovelos, é mais fácil de mexer com ele...o Vinícius não, é mais fechado, mais caladão, mais quietão...dependendo do jeito que eu chegasse nele ele já brigava...daquele tamanho e já me enfrentava. Ai a gente tava em reunião de família... ele fica quietinho...ele nunca deu trabalho, mexendo nas coisas...ele é sempre quietão...e todo mundo falava que ele era igual o pai... aí sabe quando você pensa que isso é a personalidade dele, é o jeito dele...então eu nunca preoquei que fosse uma coisa... ele vai crescendo, desenvolvendo...ele vai mudando...nunca pensei que fosse uma coisa assim, que tivesse atrapalhando ele. Eu preoquei porque ele ficava no tablete muito tempo... pensei que esse tablete tava estragando ele, tirando a atenção dele, mas aí pensei – “isso aí acelera o pensamento, então ele tem que raciocinar, até porque esses joguinhos são muito rápidos, como que ele consegue? Fazer tudo isso com um tablete, e não conseguir aprender na escola?”, aí eu resolvi tirar um pouco isso dele, aí eu comecei a dar hora pra mexer... ele reclamava que não dava conta de estudar, eu disse que ia ajudar...ele – “ah tia não gosta de mim”, Gostaantes de mudar de turma... “ah, mas os meninos grita”, aí eu fui ficando preocupada mesmo... mas o pior era o aprendizado mesmo na escola...não reconhecia as letra, não formava as letra...minha sobrinha é dois meses mais nova que o Vinícius e ela lê tudo. Mas aí cê pensa que cada um tem um tempo, o André foi diferente... e você fica sem achar que é alguma coisa mesmo, grave, até você chegar num...então eu to fazendo assim, vou fazendo o que o Dr. tá falando, se eu chegar

num determinado ponto e eu ver que não é assim, eu procurou outro rumo, eu to prestando atenção no Vinícius 24h...

P – Você percebeu algum efeito colateral do uso do remédio?

R – Que eu percebi não... assim, perceptível não...teve uma vez que ele ficou uns 4, 5 dias sem o remédio, e ele foi ficando assim, mais agitado, nervoso...porque não tá achando esse remédio pra comprar... tanto que o Dr. A. pediu pra comprar o de adulto e cortar ao meio. Então como ele vai tomar até os nove anos... essas coisas me preocupam um pouco...ficar tomando esse tipo de remédio tanto tempo...eu não concordo muito com isso não...mas ele mesmo fala: “mãe, tem que tomar meu remédio, né?”

P- E como foi construído pra ele o motivo de tomar esse remédio?

R – Uai, ele foi no médico e eu disse: “filho, sabe que você não tá aprendendo as letrinha, ta difícil, então...cê não fica nervoso? Então, esse médico... “mãe, o que ele tá olhando na minha cabeça?”, “ele ta olhando pra ver se você não machucou”. Então cê vai tomar esse remedin procê ficar mais calmin, pra você dar uma acalmadinha, pra você poder aprender...pras letrinhas entrar na sua cabeça, pra ver se você consegue abrir a gavetinha do pensamento” – Ah, mas não esquece de tomar de jeito nenhum! Eu converso muito com ele, não sei se tá certo ou errado, mas tá dando certo. Mas não é fácil sentar com o Vinícius pra estudar, pra fazer tarefa...

P– Por quê?

R – Ele fica arrumando desculpas que tá com dor disso, daquilo, ele não quer... porque ele não consegue... então eu tenho de ir com calma com ele, vou conversando...ele dana a ficar nervoso...a letrinha dele agora tá linda... antes, quando tava com a outra professora, eu não ajudava ele com as tarefas porque eu não entendia a letra...aí eu vinha aqui e a professora até achava ruim...

P – A Rosa me contou que percebeu que ele melhorou muito o desenvolvimento depois da música, você acha também?

R – Demais! Ele ama a aula de música. Ele melhorou bastante. O violino ele já faz há um ano, mas o violino ele não conseguia aprender, daí agora saiu dele que queria fazer flauta. O dia que eu esqueço de acordar ele pra aula de flauta ele fica contrariado.

P – Bom Renata, acho que é isso, estou satisfeita. Obrigada por essa conversa, vai ser muito importante para meu trabalho. Se você quiser acrescentar alguma outra coisa depois, é só me dizer.

**APÊNDICE I - Entrevista com Professor de Assistente de Alfabetização –
18/12/2018**

Entrevista realizada com o professor de apoio no dia 18 de Dezembro de 2018, no Centro de Convivência do Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. O local foi escolhido pelo próprio professor, pois as aulas na escola já haviam terminado e, em função das demandas de final de ano, nas últimas semanas que tentamos fazê-la na própria escola, o professor não pôde estar presente. Tivemos privacidade e tranquilidade durante todo o tempo de entrevista. Para a identificação das falas, usarei a letra “L” para referir-me ao professor de apoio denominado por mim, para fins de sigilo de identidade, como Luís, e “P” para referir-se a mim, no papel de pesquisadora.

P – Tio Luís, obrigada pela sua disponibilidade...

L – De nada, é um prazer!

P – Vamos começar então pela sua identificação: Sua idade, por favor?

L – Eu tenho 24 anos completos;

P- Sua formação?

L – Eu sou Pedagogo... eu acho que posso falar assim, né? Porque eu formo agora, quinta feira...

P – Quinta feira, depois de amanhã?

L – Sim... então hoje é minha última prova...então...eu posso dizer assim, né?

P – (risos) Sim!

P – Você tem alguma outra formação anterior?

L – Não, formação não... já fiz outros cursos, mas formação profissional, essa é a primeira.

P – Certo! Qual o tempo de trabalho que você tem na escola na qual te conheci?

L – Sete meses... o programa tinha extensão de seis meses, num primeiro momento, aí deram mais um mês.

P – E qual a carga horária você fazia na escola?

L – três horas por dia, uma hora em cada turma, das 13h às 16h da tarde.

P – Então a carga horária na turma que eu te conheci foi de 5h semanais?

L – Isso, 5h semanais.

P – Você tem outros empregos também? Outras relações de trabalho?

L – Eu tenho estágio, né? Mas estágio...

P – E qual a sua função naquela escola?

L – A princípio o programa dizia que o Assistente de Alfabetização dizia que ele estaria lá pra ajudar o professor nessa fase de alfabetização para que a criança conseguisse chegar até o terceiro ano lendo e escrevendo. Então a minha função em sala de aula era de ajudar com o planejamento do professor, eu não podia levar nada meu, sabe? Era só o que tivesse na carga horária do professor, no planejamento do professor. Então eu chegava lá, via qual era a atividade do dia, e desenvolvia de acordo com o que a professora achasse mais adequado.

P - Então a sua função era Assistente de Alfabetização? E você ficou só nas turmas de segundo ano? Mesmo considerando que o ciclo de alfabetização é do primeiro ao terceiro ano?

L – Isso...aí no primeiro ano tinha outra menina, que ficou nos três primeiros anos, e eu fiquei nos segundos...

P – Ah! Ótimo. Então me conte um pouco mais sobre o projeto Mais Alfabetização?

L – O projeto, eu acho que ele foi renomeado, porque antes ele era Mais Alfabetização...inclusive quando eu fazia estágio do PIBID tinha esse projeto Mais Alfabetização...eu trabalhei com ele...era a mesma coisa...só que aí eles deram uma

repaginada, e...não sei...se pra atender melhor as propostas, ou só pra ...tipo assim, vou pegar 150,00 e dar pra algumas pessoas...assim, não sei direito qual foi o intuito do governo, mas de repente mudou de Mais Educação para Mais Alfabetização. Isso, eu me confundi: Antes era Mais Educação, agora virou Mais Alfabetização. Aí quando eu cheguei na escola e fui falar com a Rosa⁷⁶, ela falou que era a mesma coisa, as mesmas ideias...o negócio é fazer a criança aprender até o terceiro ano...então a ideia principal ainda continua...então era basicamente isso.

P – E foi uma iniciativa sua de chegar até a escola?

L – Não! Ah não, foi... porque assim, pra entrar nesse projeto tinha que fazer uma inscrição no site. Você fazia a inscrição, olhava as escolas que estavam disponíveis, e mandava a documentação. Aí uma amiga da pedagogia falou que tinha essa escola, que a diretora era amiga dela, era legal, e tinha só uma pessoa que se inscrito para aquela escola...então não tinha mais ninguém...aí eu fui lá conversar com a diretora, e ela já falou pra eu começar no dia seguinte. Então eu já fui e já entrei.

P – E tem bolsa?

L – Tem bolsa de 150,00 por turma, como lá na escola tinha as três turmas eu peguei as turmas e foi ótimo.

P – Pra você, qual a importância desse projeto na educação básica do país?

L – É fundamental, porque dentro de sala de aula... se bem que lá são poucas crianças, né? Mas dentro de sala de aula, é um trabalho muito... ai...deixa eu ver a palavra...complicado, eu acho, porque são muitas crianças pra você atender, não tem como você olhar pra aquilo ali de forma geral porque cada criança tem seu tempo...não tem como...é claro que tem criança que vai aprender a ler e a escrever no primeiro ano, mas algumas vão aprendendo até o terceiro...às vezes até mais, né...quarto, quinto...a gente vê isso, né? Mas essa ajuda dentro de sala é muito importante para ajudar até o professor... mais de um olhar pode ser que fique mais fácil atender às necessidades que essas crianças têm. Quanto à alfabetização, seria lindo se fosse exatamente isso... “ah, ela tem três anos para começar a entender qual a função da escrita e da leitura, se apropriar disso e conseguir ler e escrever...” - lindo, mas a gente sabe que não acontece, né? E quanto mais ajuda tiver voltada para essa fase inicial eu acho que é super bem vindo.

⁷⁶Nome fictício atribuído por mim, à diretora da escola.

P - Você falou que o principal objetivo do projeto, em termos metodológicos, era ajudar o professor no que ele já tinha planejado, e não que você levasse seus recursos. Você percebeu diferença de receptividade entre as professoras com quem você trabalhou?

L – Muita! É muito engraçado, porque das três salas que eu fiquei, uma sala era visivelmente mais fácil de passar conteúdo, porque os alunos já tinham uma facilidade maior, e a professora desenvolvia tudo muito bem ali naquela sala, então era uma sala mais tranquila... ia tudo muito bem. A segunda sala não tanto, porque tinham muitos alunos com dificuldades, e a professora não fazia questão...

P – Da sua presença?

L – Não, de alfabetizar... então eu chegava e ficava perdido, porque eu levava coisas de casa...porque assim, eu tenho alguns materiais por causa do PIBID que eu faço desde o primeiro ano, então eu sabia que aquilo podia ajudar...mas até a Rosa chegou a falar pra eu não levar nada, mas a professora nunca tinha nada planejado, ela chegava na sala, passava textos gigantes no quadro, as crianças se perdiam durante aquilo...pediam ajuda porque se perdiam na própria cópia. E só aqui, cópia! Tudo bem, a criança vai fazer cópia, ela vai aprendendo como se faz a letrinha, mas aquilo não tá fazendo sentido nenhum, não tá entendendo nada daquilo. A terceira sala era mais fácil também porque a professora era engajada, gostava muito de fazer atividades diferentes, até tinha uns alunos com mais dificuldades, mas eu acho que eles progrediram muito durante o ano... progrediram pouco no começo do ano, mas depois deram uma evoluída boa...questões de comportamento, e de repente, começou, tá escrevendo, tem uma boa noção de espaçamento, e entende a silabação, entende como faz pra separar a sílaba... aí bate palminha e a gente vê que melhorou muito. Eram três salas bem diferentes... e foi ótimo...porque cada uma tinha uma particularidade...aí você vai vendo o que cada professora faz para atender, quais os olhares delas para essas crianças que precisam de mais atenção...

P – Na turma em que te conheci, quais eram suas principais funções junto à professora e junto às crianças?

L – Auxiliar nas atividades diárias, leitura, escrita, contas, adição, subtração, até o finalzinho, a multiplicação... nas atividades diárias.

P – Pra você, qual a sua principal contribuição no processo educacional das crianças dessa turma?

L – Eu acho que a minha contribuição maior foi até afetiva, eu acho... porque eu não levava conteúdo, eu trabalhava o que a professora tava trabalhando, né? Desenvolver aquilo... acho que “trabalhar” é uma palavra muito...mas, tinha dias que eu chegava na sala e a professora tava passando coisas e não tinha necessidade que eu ajudasse, mas só de chegar perto da criança e conversar, ouvir o que ela tem a te dizer, entender o porquê ela está fazendo aquela atividade, a dedicação que ela entrega naquilo ali... ela te fala: “tio, tá bom isso daqui?”, e você vai falar: “Tá lindo”, mesmo que você não tenha entendido o que estava desenhado, mas você dá atenção, e isso já dá um gas, sabe, um estímulo muito maior... Então eu acho que a minha contribuição foi muito maior de verdade, afetiva... porque os trabalhos que a professora passava, ela já dava conta... mas o fato de eu estar perto, dava um estímulo maior pra criança.

P – Pra você, como uma criança aprende?

L – Difícil, né? Eu acho que ela vai vendo, entendendo coisas ao mesmo tempo, e as experiências que ela tem, que ela faz, vai ajudando... são múltiplas vertentes de aprendizagem...tudo que ela vê, que ela faz, com os amigos, tudo o que ela vê os pais fazendo, a professora fazendo, uma mistura...joga tudo dentro de um negócio e ela vai experienciando...e o que não for significativo pra ela passa, nesse momento. Pra ela aprender tem que ser significativo e ela vai se apropriando daquilo na vida dela.

P – Pra você, o que é importante no processo de ensino e aprendizagem?

L – Eu acho que o mais importante é você saber que cada uma vai ter seu tempo, e não querer homogeneizar tudo. Igual lá, se atentar para as necessidades daquela criança e entender que não é só conteúdo que é importante nessa fase, porque esse aprendizado vem cheio de outras coisas que estão envolvidas... se você não tiver um mínimo de atenção, de carinho, de conseguir falar de um jeito que ela vai te entender, não só como professor...se atentar com os olhares para cada uma...mas é difícil isso às vezes, né? Imagine uma sala com 30 alunos... é complicado...mas você percebe que cada uma tem suas particularidades e a gente vai fazendo devagarzinho, e cada uma vai pegando...de um jeito...a educação é uma coisa muito complexa...

P – Pra você, o que é o TDAH?

L – Eu acho que... eu não sei como se faz esses laudos, mas a ideia principal é quando a criança ela não consegue se encaixar nesse padrão de “senta”... e ela é mais agitada que as outras, ela tem mais dificuldades pra entender, assimilar as coisas, que nem outras crianças poderiam ter mais facilidade...precisa de um tempo maior pra entender e formular as ideias...mas acho que o principal é ela ser sempre muito ativa mesmo e não

para...é muito comunicativa, e quer fazer tudo ao mesmo tempo, e às vezes quer fazer tanta coisa que não consegue focar.

P – Você já teve que lidar com alunos com diagnóstico de TDAH?

L – Já.

P – E como foi essa experiência?

L – Sem ser na escola, que a gente sabe que um menino teve o diagnóstico, mas a gente não sabe bem se tá certo também, quando eu fiz PIBID tinha crianças que faziam AEE - Atendimento Educacional Especializado – eles iam no contra turno da escola, eu ficava lá à tarde, e chegava muita criança com laudo. Eu acompanhei mais de perto duas crianças, mas sabe... é diferente demais, sabe? Diferente demais de uma coisa pra outra. Eu não sei o diagnóstico, como é o laudo, os parâmetros, porque é muito diferente de uma criança pra outra.

P – Você está dizendo que todas possuíam o mesmo diagnóstico nos laudos, mas os comportamentos e as características entre elas eram muito diferentes?

L – Isso! Eu nunca consegui entender qual era a linha de compreensão pra dar esse diagnóstico para essas crianças. Eu ficava me perguntando porque crianças com o mesmo diagnóstico, uma conseguia fazer determinada tarefa e outra não? Clara que cada uma tem suas particularidades, eu não sei também se o diagnóstico em si tem níveis também, mas eu acho que o maior problema disso tudo é laudar todo mundo pra poder enquadrar e não é bem assim...cada um tem seu jeito...de entender...se você não gosta de ficar sentado, isso não quer dizer que você tem que ser laudado com TDAH porque você não consegue ficar sentado, você não se enquadra naquela estrutura que está ali te sufocando...

P – Você já teve que lidar com alunos cujo comportamento ou dificuldades de aprendizagem lhe fizeram pensar em TDAH?

L – Sim, pensar, né? Sim, as maiores coisas são quando você explica uma coisa, por mais simples que seja, e a criança não consegue entender... você volta, e a criança não está entendendo... então quando ela não entende...você volta, busca outras formas de explicar, e a criança não entende, aquilo não faz sentido pra ela...aí eu acho que é um indício, porque parece que ela não consegue ter a atenção pra entender...compreensão? É acho que compreensão é uma coisa muito particular, mas atenção mesmo, pra entender o porquê daquilo... aí ela não consegue se apropriar daquilo.

P – Pra você, quais as características de um aluno na escola, que lhe faz pensar em TDAH?

L – O aluno que não para junto com os outros... aquele que está sempre destoando do resto da sala...não fica naquele negócio enfileirado, aquele padrão...aquele que fala mais, se comunica mais, que anda mais, que pede pra fazer mais coisas, tipo ir no banheiro...aquele que não para.

P – Qual o seu entendimento sobre como deve ser as condutas da escola diante de uma criança com as características que você identifica como típicas do TDAH?

L – Eu acho que a professora, nesse primeiro momento, fala com os demais participantes da escola, diretor, vice-diretor pra ver o que pode ser aquilo, e em seguida pedir um acompanhamento dos, pros pais, perguntar se a criança está passando por alguma coisa em casa pra deixar ela mais agitada ou não consegue estar ali, desligada... podem ser outros fatores que não exclusivamente o TDAH... então eu acho que a primeira coisa seja pesquisar sobre a vida da crianças, e não só mandar pra um psicólogo pra fazer um laudo, olhar para além da escola.

P – E como você acha que deve ser a conduta do educador?

L – Talvez tentar buscar outras alternativas pra atividades, outras coisas que possa fazer aquela criança se interessar, porque não é uma coisa uniforme...não dá pra buscar igualdade em tudo...se você percebe que a criança tem algo ali que destoa, tenta algo diferente, outras maneiras de apresentar o conteúdo pra ela que ela possa gostar, se interessar, querer participar.

P – Você acredita que o TDAH é uma patologia?

L – Eu já li algumas coisas que falam em fatores genéticos que influenciam nesse negócio, mas eu não sei...mas acho que deve ser, porque é um transtorno, deve ter alguma coisa...não sei se só fatores ambientais e sociais...acho que tem alguma coisa patológica aí sim...

P – Pra você, essas características que geralmente são atribuídas ao TDAH, podem ser fruto de outras questões como sociais, ambientais, políticas, emocionais?

L – Com certeza, né? Não acredito que seja só uma questão biológica. Hoje em dia família, é uma coisa muito engraçada, porque não existe mais essa estrutura nuclear de família...cada um tem a sua e é tudo muito amplo. Mas qualquer coisa que esteja na vida dessa criança e influencie de alguma forma a vida dessa criança, tristeza, coisas que ela vê, que ela não gosta...crianças de bairros mais periféricos, que tem uma vivência mais dolorida, acho que elas tendem a apresentar esses meios de escapar de alguma forma, querer demonstrar que não tá legal, então acho que o fator social é muito presente nisso.

P – Pra você, qual a melhor conduta da escola pra ajudar uma criança que apresenta características ou dificuldades de aprendizagem que se associam com o TDAH?

L – A principal é buscar outras alternativas antes de querer só mandar para o psicólogo...(risos) nada contra o psicólogo, mas acho que é mesmo buscar outras alternativas, olhares, coisas novas pra tentar ver se aquilo pode ser resolvido de outra forma, outras maneiras no arcabouço pedagógico mesmo...a criança tem que saber que as coisas são mais amplas mesmo, não é só aquilo que se vê na escola...coisas fixas, conteúdos...então eu acho que não só desenvolver habilidades na criança, mas também mostrar pra ela quais coisas podem ser desenvolvidas com aquelas habilidades...afinal a vida é muito maior que os conteúdos da escola...ela tem que saber de outras fontes, outras formas...a sala de aula também pode ser diferente...buscar possibilidades novas, porque a sala de aula ... eu cresci nesse modelo, mas tem criança que não gosta de sala de aula, e talvez a sala de aula não seja o melhor ambiente de aprendizagem ora ela...talvez se tirar ela de lá, ela aprenda melhor...

P – E qual a melhor conduta do professor?

L – Tentar ver o que pode ser aquilo.. .investigar, conversar...porque se podem ser também fatores sociais e da família, então vamos olhar para a criança como um todo, e se não for, aí sim, vamos procurar outras respostas de especialistas, mas se ela se desenvolve com essa mudança de olhar, não precisa, basta buscar coisas novas e tentar entender porque aquela criança é daquele jeito.

P – E qual a melhor conduta da família pra ajudar essa criança?

L – Família é um trem que pega, né? Participação com as atividades das crianças, interesse, atenção, olhar por que aquilo tá acontecendo... se bem que a gente vê a mãe de um aluno nosso que foi diagnosticado está sempre presente, tá sempre querendo... alguma coisa não tá bem, ela foi atrás, que bom! Mas só o negócio médico também não vai resolver os problemas... os pais que tem essa atenção, pode ser que às vezes só a atenção já ajude, resolva algumas coisas que a criança tem pendente ali...porque pode ser que seja umas coisas dela, e não só pra chamar atenção, mas precisando colocar aquela coisa pra fora. E às vezes a criança não tem como formular isso de outra forma, claro, porque são pequenas e não conseguem organizar dentro delas... se os pais conseguem se atentar a isso e tentar olhar de uma forma diferente pra aquilo, já é um começo bom.

P – E pra você, o que pode ser feito com uma criança que apresente essas características que geralmente se associam com o TDAH?

L – O professor tem um encargo disso, a escola outro, a família outro... essas atitudes que cada um leva se não refletem numa melhora no melhor aproveitamento dessa criança, se tudo isso, com alternativas diferentes, com conversa e atenção se não resolver, vamos tentar perceber o que a criança está tentando dizer com esses sinais...se ela só está dizendo que não gosta de estar naquele lugar, ou se realmente a falta de atenção dela prejudica o aprendizado e é uma coisa muito grave, então tudo bem, vamos procurar, vamos fazer exame, vamos ao médico...porque se tem uma outra forma de ajudar que seja médica...medicamento é uma coisa muito complicada...mas vamos melhorar um pouco a qualidade de vida dessa criança na escola, mas não só, porque a gente sabe que só a escola não é a ferramenta... a escola é obrigatoriamente responsável por alfabetizar” – Não! Porque a criança aprende em todo o tempo, em todas as suas relações em casa, principalmente...mas se nesse lugar ela não consegue se desenvolver isso pode ser que atrapalhe ela no decorrer da vida dela, porque a gente sabe que nosso sistema é um sistema que prejudica e exclui, e vai segregar criança que tem esse tipo de comportamento, e pode ser que o tratamento médico ajude, seria também uma outra possibilidade...

P – Você falou – “Medicamento é um negócio complicado” – o que você pensa sobre o uso de medicamentos para essa situação específica relacionada ao TDAH. Normalmente, a conduta médica de praxe usada para tratar o TDAH é o uso da Ritalina, ou do Concerta que eu acho esse nome de péssimo gosto esse nome, ou do Venvanse, que são todos metilfenidato estimulantes do sistema nervoso central.

L – Eu acho que o uso de medicamento é muito complicado porque depende muito de cada organismo, sabe? Como que aquilo vai reagir com o seu organismo? Você tem toda uma carga genética, biológica, uma estrutura... enfim, qualquer tipo de medicamento vai mexer com isso de alguma forma, e não tem como você colocar numa linha e falar “essas crianças vão ter esse tipo de melhora, ou vai ter esse tipo de sintoma, ou vai ter esse tipo de efeito colateral”... eu acho muito difícil...você pode ter uma melhora ... você vai usar a Ritalina numa criança que tem dificuldade de concentração, pode até ser que ela melhore com aquela dificuldade de concentração, mas pode ser também que outros fatores piorem...então eu acho que remédio é o último caso...é claro que tem tratamentos para outros tipos de doença, e é indiscutível, mas pra esse tipo de... para o TDAH, eu acho que não é só “medicamental” o negócio pra melhorar, pra ajudar... eu acho perigoso querer colocar uma criança tomando uma medicação sempre... aquilo vai

causar nela também um negócio do tipo – “eu preciso tomar esse remédio pra eu ficar normal”, sabe? Concerta? Isso é nome? Tá estragado? Sei lá?

P – Como que você, o Tio Luís, na sua prática docente, acredita que pode ajudar uma criança que apresenta essas características?

L – Eu acho que, principalmente, tendo atenção, olhar e querer... simples... vem aqui, senta no chão, olha pra ela, olha no olho, “vamos colorir comigo...me conta, o que tá acontecendo... o que você acha disso aqui? Você gosta disso aqui? O que você mais gosta de fazer?”. Então eu acho que enquanto eu puder dar o máximo de atenção que eu conseguir para cada criança que eu encontrar... porque eu sei, eu tenho as minhas dificuldades, e eu sofri muito na escola com as minhas dificuldades...então eu sei que não é pressionando ou querendo enquadrar aquilo num comportamento que vai ser o melhor, sabe? Eu acho que coisas simples de conversa, de tentar ver quais são as coisas que a criança gosta... ela gosta de assistir um desenho, então vamos procurar um filme, um desenho que mostre um pouco daquele conteúdo que você quer que ela entenda, e vê se aquilo são possibilidades que ela vai gostar...se ao longo disso tudo, você faz várias tentativas e vê que mesmo assim tem alguma coisa que é mais séria ainda, aí você vê...tem a família que pode ajudar também...mas acho que, antes de tudo, o que eu conseguir fazer na minha sala, quando eu tiver dando aula e tudo, de atentar com a coisas que aquela criança gosta, o que ela tá se importando, eu acho que é o mais importante...aí claro, tem os conteúdos...mas tudo isso vem quando tem uma confiança, uma amizade, sabe? As coisas vão encaminhando, vão andando... tem criança com laudo, e tudo... é difícil trabalhar... é difícil pegar um conteúdo que você vai dar pra uma sala toda e dividir e fazer ele virar outras coisas, com outras possibilidades para aquela criança para que ela entenda também, é um processo desgastante, que a gente não recebe bem pra isso, não tem o tempo hábil pra fazer esse tipo de coisa, nem estrutura, equipamento, nada...mas só o fato de você se atentar, já é um bom primeiro passo.

P – Vou ler pra você a última pergunta do roteiro, talvez ela esteja repetitiva, pois eu acho que ela já está contemplada com toda nossa conversa, mas se você quiser complementar, fique à vontade:

L – Ok!

P – Pra você, qual a melhor forma de lidar com uma criança com essas crianças com características de TDAH?

L – É isso aí, né? Atenção, carinho, porque a escola é um lugar de cuidado, de afeto com certeza, e isso às vezes é deixado de lado nos sistema produtivista que a gente tem, essa

lógica capitalista que faz uma bola de neve com as coisas... então se tem atenção, cuidado, dedicação, consegue trazer coisas de uma forma que todos que estão lá com você consigam ao menos algum conteúdo daquilo que ele consiga apropriar de forma significativa, com algum sentido para a vida delas...porque a gente não pode só afastar esse negócio de que a criança tem as suas vontades e tem a sua vida...é uma vida em formação...só essas pequenas coisas já fazem uma diferença grande na vida delas... e às vezes mudar um pouco...não ficar só naquele enquadramento da escola, mudar as perspectivas, tenta abrir o olhar para outras coisas, porque escola é muito fechado ainda...não todas, é claro, tem gente que se dedica mesmo pra fazer coisa boa, mas eu acho que é uma coisa muito quadrada...vamos deixar as coisas fluírem e entender que são pessoas em desenvolvimento... e nós também, não também estamos até morrer...e as crianças também... parar de olhar como “é só uma criança...” É um aluno! Esquece que ele está aqui para além de só aprender.. .muitos professores esquecem disso, que tem um ser ali dentro, que quer atenção, descobrir coisas que as vezes não tem possibilidade...e esquece que a função do professor é mediar isso tudo, é fazer parte desse processo. Então eu acho que é isso!

P – Obrigada meu querido!

L – Você acha que deu certo?

P – Claro! Foi ótimo! Obrigada, mais uma vez, pela sua disponibilidade e pela participação!

APÊNDICE J - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

- | Identificação do espaço a ser observado;
- 1.1) Turma/sala de aula indicada;
- 1.2) Quantidade de alunos na turma;
- 1.3) Presença de professores(as) de apoio e/ou atividades complementares:
 - 1.3.1) Identificação desses professores (as) (quais suas atribuições junto à turma, idade, tempo nessa escola, qual a periodicidade entram na sala);
- 1.4) Identificação da Professora (idade, tempo de escola, tempo nesta escola, tempo de sala de aula, tempo com a turma indicada);
- 1.5) Rotina de sala de aula;
- 1.6) Elementos presentes na sala (enfeites, estímulos como alfabeto, desenhos, decoração, ventilação, iluminação, sons, ruídos);

1.7) Recursos lúdicos disponíveis na sala de aula;

| Identificação dos elementos presentes nas relações entre a Professora e os alunos;

2.1) Observação sobre as relações de afeto presentes entre a Professora e os alunos;

2.2) Como acontece a orientação para a execução das atividades em sala de aula;

2.3) Como a professora orienta um aluno com dificuldade na execução de alguma atividade;

2.4) Como a professora conduz uma situação em que o aluno se sai bem na execução de alguma atividade;

2.5) Como a professora conduz uma situação de conflito entre alunos;

2.6) Como a professora conduz uma situação de dificuldade de um aluno ao seguir seus comandos/orientação na rotina de sala de aula;

2.7) Como a professora conduz uma situação em que um aluno atende, sem dificuldades, seus comandos/orientações na rotina de sala de aula;

| Identificação dos elementos presentes nas relações entre os alunos;

3.1) Observação sobre as relações de afeto presentes entre os alunos;

3.2) Como os alunos se ajudam na execução das tarefas;

3.3) Como os alunos agem diante de situações de conflito entre os colegas, em que não façam parte da cena;

3.4) Como os alunos agem diante de situações de conflito em que façam parte da cena;

3.5) Como os alunos lidam com situações de dificuldades em executar as atividades em sala de aula;

| Identificar se há presença de discursos medicalizantes ou patologizantes sobre os comportamentos ou dificuldades dos alunos;

4.1) Identificar em que momento, as hipóteses medicalizantes para alguma dificuldade da criança começam a se construir no ambiente da sala de aula;

4.2) Identificar se esse discurso já está presente também entre as crianças;

- 4.3) Identificar quais as primeiras condutas da professora diante de uma hipótese ou afirmação medicalizante acerca das dificuldades dos alunos;
- 4.4) Identificar as reações das crianças diante das hipóteses ou afirmações medicalizantes acerca das dificuldades dos seus colegas, e deles próprios, caso estejam no protagonismo da cena;
- 5) Identificar como as demais estruturas da escola se posicionam em relação à hipótese ou afirmação medicalizante acerca das dificuldades de aprendizagem e/ou comportamento dos alunos;

APÊNDICE K - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PROFESSORA

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO TDAH NA SALA DE AULA, sob a responsabilidade das pesquisadoras Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva. Neste estudo nós estamos buscando analisar, a partir dos dados produzidos na pesquisa, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) se constitui no ambiente das relações estabelecidas em sala de aula. Você participará de uma entrevista gravada em áudio. Após a transcrição da entrevista, o arquivo de áudio será excluído. Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos consistem em ter a sua identidade revelada, mas garante-se que isso não ocorrerá. Os benefícios serão ter a oportunidade de refletir sobre a própria prática, conhecer os diferentes elementos presentes no processo de constituição do TDAH na sala de aula, e contribuir para o desenvolvimento das áreas de estudos da Psicologia Escolar e da Educação. Você é livre para deixar de participar da

pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva, pelo telefone (34)3225-8506, ou no Instituto de Psicologia – IPUFU: Av. Pará, nº 1720, bloco 2C, sala 34, Campus Umuarama - Uberlândia – MG, CEP 38400-902.** Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, dede 2018

Silvia Maria Cintra da Silva

Valéria de Souza Ribeiro

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecida.

Participante da pesquisa

APÊNDICE L - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Como responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada “O Processo de Constituição do TDAH em Sala de Aula”, sob a responsabilidade dos pesquisadores **Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva.** Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), começa a ser visto e percebido pela professora em sala de aula. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Valéria de Souza Ribeiro, na escola. Você terá o prazo de uma semana para decidir se concorda com a participação. O(a) menor sob sua responsabilidade, estará submetido à presença da pesquisadora em sua sala de aula, durante quatro meses, uma vez por semana, nos dias e horários indicados pela professora, acompanhando sua rotina diária em aula. Em nenhum momento, nem o(a) menor nem você serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua serão preservadas. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos consistem em ter a sua identidade e/ou do menor reveladas, mas garante-se que isso não ocorrerá, pois todas as medidas cabíveis ao sigilo dos registros dos pesquisadores serão mantidas segundo os protocolos éticos de pesquisa. Os benefícios serão poder contribuir para uma melhor atuação dos profissionais da educação. Você é livre para retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. O(A) menor sob sua responsabilidade pode se recusar a continuar participando da pesquisa, se manifestando verbalmente ou por meio de gestos, que indiquem esse

desejo. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva, pelo telefone (34)3225-8506, ou no Instituto de Psicologia – IPUFU: Av. Pará, nº 1720, bloco 2C, sala 34, Campus Umuarama - Uberlândia – MG, CEP 38400-902.** Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia,de..... de 20.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____, consinto na sua participação na pesquisa citada acima, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa.

APÊNDICE M - TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**A Constituição do TDAH na Sala de Aula**”, sob a responsabilidade das pesquisadoras **Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva**. Nesta pesquisa nós estamos buscando compreender o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), são percebidas pela professora. O Termo de Assentimento será obtido pela pesquisadora Valéria de Souza Ribeiro, na escola. Você terá um prazo de uma semana para decidir se concorda com a participação. Na sua participação, você seguirá sua rotina em sala de aula sem alterações. Eu, Valéria de Souza Ribeiro, estarei na sua sala de aula, uma vez por semana, durante quatro meses, nos dias e horários combinados com a sua professora. Vou observar as atividades que vocês farão. Há um cuidado em buscar minimizar os riscos aos participantes da pesquisa para que não tenham a sua identidade publicada. Sendo assim, a identidade dos participantes será mantida em total sigilo. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão poder contribuir para uma melhor atuação dos profissionais diretamente envolvidos no processo educacional. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser. Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: **Valéria de Souza Ribeiro e Silvia Maria Cintra da Silva, pelo telefone (34)3225-8506, ou no**

Instituto de Psicologia – IPUFU: Av. Pará, nº 1720, bloco 2C, sala 34, Campus Umuarama - Uberlândia – MG, CEP 38400-902.

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do
participante da pesquisa

ANEXO A - POEMA USADO PELA PROFESSORA EM SALA DE AULA

Poema Trem de ferro, de Manuel Bandeira

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá

Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...

Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no Sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

ANEXO B - HISTÓRIA DE UM OLHAR

BRUM, ELIANE. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2006.

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Esta é a história de um olhar. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva.

Esta é a história do olhar de uma professora chamada Eliane Vanti e de um andarilho chamado Israel Pires.

Um olhar que nasceu na Vila Kephas. Dizem que, em grego, kephas significa pedra. Por isso um nome tão singular para uma vila de Novo Hamburgo. Kephas foi inventada mais de uma década atrás sobre pedra sobre pedra. Em regime de mutirão.

Eram

operários da indústria naqueles tempos nada longínquos. Hoje, desempregados da indústria. Biscateiros, papeleiros. Excluídos.

Nesta Kephass cheia de presságios e de misérias vagava um rapaz de 29 anos com o nome de Israel. Porque em todo lugar, por mais cinzento, trágico e desesperançado que seja, há sempre alguém ainda mais cinzento, trágico e desesperançado. Há

sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem-síntese, renegada e assustadora, do grupo. Israel, para a Vila Kephass, era esse ícone. O enjeitado da vila enjeitada. A imagem

indesejada no espelho.

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutra da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das idéias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus.

Amarrado, quase violado. Israel era cuspidado. Era apedrejado. Israel era a escória da escória.

Um dia Israel se aproximou de um menino. De nove anos, chamado Lucas. Olhos de amêndoa, rosto de esconderijo. Bom de bola. Bom de rua. De tanto gostar do menino que lhe

sorriu,

Israel o seguiu até a escola. Até a porta onde Lucas desaparecia todas as tardes, tragado sabe-se lá por qual magia. Até a porta onde as crianças recebiam cucas e leite. Israel chegou até lá por fome. De comida, de afago, de lápis de cor. Fome de olhar.

Aconteceu neste inverno. Eliane, a professora, descobriu Israel. Desajeitado, envergonhado, quase desaparecido dentro dele mesmo. Um vulto, um espectro na porta da escola. Com um sorriso inocente e uns olhos de vira-lata pidão, dando a cara para bater porque nunca foi capaz de escondê-la.

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombros. Capturado por essa irresistível imagem de si mesmo, Israel perseguiu o olho de espelho da professora. A cada dia dava um passo para dentro do olhar. E, quando perceberam, Israel estava no interior da escola. E, quando

viram, Israel estava na janela da sala de aula da 2ª série C. Com meio corpo para dentro do olhar da professora.

Uma cena e tanto. Israel na janela, espiando para dentro. Cantando no lado de fora, desenhando com os olhos. Quando o chamavam, fugia correndo. Escondia-se atrás dos prédios.

Mas devagar, como bicho acuado, que de tanto apanhar ficou ressabiado, foi pegando primeiro um lápis, depois um afago. E, num dia de agosto, Israel completou a subversão. Cruzou a porta e pintou bonecos de papel. Israel estava todo dentro do olhar da professora. E o olhar começou a se espalhar, se expandir, e engolfou toda a sala de aula. A imagem se multiplicou por 31 pares de olhos de crianças. Israel, o pária, tinha se transformado em Israel,

o amigo. Ganhou roupas, ganhou pasta, ganhou lápis de cor. E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado no olho da

professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de facho. E um sorriso também recém-inventado. Entrou na sala onde a professora pintava no chão e ela começou a chorar.

E as lágrimas da professora, tal qual um vagalhão, terminaram de lavar a imagem acossada, ferida, flagelada de Israel.

Israel, capturado pelo olhar da professora, nunca mais o abandonou. Vive hoje nesse olhar em formato de sala de aula, cercado por 31 pares de olhos de infância que lhe contam histórias, puxam a mão e lhe ensinam palavras novas. Refletido por esses olhos, Israel passou a refletir todos eles. E a professora, que andava deprimida e de mal com a vida, descobriu-se

bela, importante, nos olhos de Israel. E as crianças, que têm na escola um intervalo entre a violência e a fome, descobriram-se livres de todos os destinos traçados nos olhos de Israel.

Israel, não importa se alguém não gosta de você. O que importa é que você siga a vida, aconselha Jeferson, de oito anos. Israel, não faz mal que tu sejas grande e um pouco doente, tu podes fazer tudo o que tu imaginares, promete Greice, de nove. Israel, se alguém te atirar uma pedra eu vou chamar o Vandinho, porque todo mundo tem medo do Vandinho,

tranqüiliza Lucas, nove. Israel, tu me botas na garupa no recreio? E foi assim que o olhar escorreu pela escola e amoleceu as ruas de pedra.

Israel, depois que se descobriu no olhar da professora, ganhou o respeito da vila, a admiração do pai. Vai ganhar uma vaga oficial na escola. Já consegue escrever o “P” de professora. E ninguém mais lhe atira pedras. A professora, depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora.

Em 7 de Setembro, Israel desfilou. Pintado de verde-amarelo, aplaudido de pé pela Vila Pedra.

[18 de setembro de 1999]